



## **Relatório de estágio**

**A importância do desenho na aprendizagem da dimensão gráfica da escrita**

**- Um estudo de Caso**

Liliana Patrícia Serra Mendes da Costa

### **Orientadores**

Doutora Teresa Maria Pinto Alves Augusto Duarte Gonçalves

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, realizada sob a orientação científica da professora da Escola Superior de Educação Doutora Teresa Maria Pinto Alves Augusto Duarte Gonçalves, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

**Março de 2014**



## Agradecimentos

Em primeiro lugar quero agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Teresa Maria Pinto Alves Augusto Duarte, por toda a disponibilidade demonstrada, pela dedicação e força que me foi dando ao longo de todo este tempo, pois sem essa força já teria desistido.

À professora Elisabete Campos, por me ter recebido tão bem na sua sala de aula e me ter ampliado os conhecimentos, mostrando sempre muita compreensão, ajuda e disponibilidade.

Não posso deixar de agradecer, também, aos meninos com os quais desenvolvi a prática supervisionada e especialmente àqueles que me ajudaram a incrementar o trabalho de investigação.

Um muito obrigada ao Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva, pois sem ele este trabalho não teria sido possível.

Obrigada às minhas colegas de estágio, pela amizade e carinho, desculpem o *stress* e mau humor de alguns dias.

Acima de tudo obrigada ao meu marido e filhos, foram essencialmente vocês os mais “prejudicados” com tudo isto, tantos dias me viram chorar, quantas vezes não tive tempo para vocês, mas acreditem que todo este esforço foi para benefício de todos nós. Obrigada, filha, por mostrares sempre tanto orgulho em mim.

## Resumo

Este relatório de estágio foi elaborado no âmbito da unidade curricular de Prática Supervisionada no 1º ciclo do Ensino Básico, integrada no 1º semestre do 2º ano de mestrado em Educação pré-escolar e ensino do 1º ciclo do Ensino Básico, ministrada na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Neste relatório fazemos uma síntese do trabalho realizado na Prática Supervisionada, nomeadamente, durante a semana de observação, semana de 23 a 31 de outubro de 2012. O meu período de prática individual foi de três semanas intercaladas o período de prática em grupo (eu e as minhas duas colegas) foi de duas semanas.

Numa segunda parte do mesmo relatório, apresentamos um trabalho de investigação relacionando dois sistemas de representação gráfica, o desenho e a escrita. As crianças desenharam de forma livre e orientada mostrando as diferenças entre essas representações e puderam também construir textos de forma livre e cópias de textos. Através destas representações pudemos observar as diferenças do seu desempenho nas diferentes atividades tirando assim algumas conclusões.

O processo metodológico recaiu sobre um Estudo de Caso, tendo utilizado como instrumentos e técnicas de recolha de dados a observação participante, as entrevistas, as notas de campo, tarefas distribuídas aos alunos e os trabalhos realizados pelos alunos em anos anteriores.

Na presente investigação pretendia-se perceber se existe uma estreita ligação entre o desenho e a escrita (desenho das letras). Ao longo deste relatório veremos que, tal como refere Vygotsky “o desenho e a escrita devem ser vistos como momentos diferentes de um processo essencialmente unificado [...] (1989, p.131) [...] brincar e desenhar deveriam ser estágios preparatórios do desenvolvimento da linguagem escrita [...]” (1989, p.134).

Os trabalhos recolhidos, juntamente com a análise feita às entrevistas tanto da professora como dos alunos, mostram ainda a importância da motivação no desempenho de qualquer atividade. Quando estamos motivados e empenhados numa tarefa o esforço para chegar à “perfeição” é muito maior.

## Palavras chave

Desenho, Fases de desenvolvimento da Escrita, Motivação.

## **Abstract**

This report was elaborated in the scope of the Curricular Unit of Supervised Practice in Primary School. This Curricular Unit is integrated in the first semester of the second year of the Master in Pre-School and Primary School Teaching, delivered in Escola Superior de Educação of Instituto Politécnico of Castelo Branco.

In this report we make a synthesis of the work carried through in the Supervised Practice, namely, during the week of observation, week from 23 to 31 of October 2012. The period of my own training weeks was three weeks and the period of the training period of the pedagogical couple of trainees (myself and two of my colleagues) was two weeks.

In the second part of the same report, we present a research carried on by us, having the purpose of relating two systems of graphical representation, the drawing and the writing. The children of our sample had drawn, once without constraints and once following directions. The analysis of the products showed some differences of performance and motivation. They also produced written texts, once without constraints and once only copying. Analyzing these products we could also find differences of performance and motivation.

The methodological process of this research fell on a Study Case, having been used as instruments and techniques of data collection the participant comment, inquiries, field notes, tasks assigned to the children of the sample and draws made the year before by them.

In this research the purpose was to understand if it exists a narrow link between the drawing and the writing (drawing of the letters). Throughout this report, we will see that, according to Vygotsky “the drawing and the writing must be seen as different moments of a process essentially unified [...] (1989, p.131) [...] to play and to draw would have to be preparatory periods of training of the development of the written language [...]” (1989, p.134).

The collected works, together with the analysis of the interviews made to the class primary teacher and to children of the sample, show the importance of the motivation in the performance of any activity. When we are motivated and pledged in a task the effort to arrive at the “perfection” is much bigger.

## **Keywords**

Drawing, Phases of development of Writing process, Motivation.



# Índice geral

Introdução .....	1
<b>Capítulo I - Contextualização da Prática Supervisionada .....</b>	<b>3</b>
1.1. Enquadramento físico e social do Agrupamento de Escolas .....	4
1.1.1. Caracterização da escola .....	4
1.1.2. Caracterização do meio .....	7
1.1.3. Caracterização da turma .....	10
1. 2. O Modelo Pedagógico e Programático do Desenvolvimento da Prática Supervisionada .....	11
1.2.1. Fundamentos didatológicos do modelo .....	11
1.2.2. Instrumentos de planificação .....	13
<b>Capítulo II - Desenvolvimento da Prática Supervisionada .....</b>	<b>15</b>
2.1. Observação/Reflexão .....	16
2.2. Esquema global de desenvolvimento da Prática Supervisionada no 1º Ciclo (2012-2013) .....	17
2.2.1. 1ª semana de grupo - 8 a 10 de novembro de 2012 .....	18
2.2.2. Prática Individual - semana de 13 a 15 de novembro de 2012.....	19
2.2.3. Semana de 4 a 6 de dezembro de 2012 .....	22
2.2.4. 2ª semana de grupo - 11 a 13 de dezembro de 2012 .....	25
2.2.5. Prática individual - semana de 22 a 24 de janeiro de 2013 .....	27
<b>Capítulo III - Enquadramento teórico .....</b>	<b>30</b>
3.1. Fases de desenvolvimento do desenho .....	31
3.2. Fases de desenvolvimento da escrita .....	34
3.3. Relações entre a capacidade de desenhar e a capacidade de escrever .....	36
<b>Capítulo IV - Investigação .....</b>	<b>39</b>
4.1. Aspetos metodológicos .....	40
4.1.1. Questões de investigação .....	40
4.1.2. Objetivos gerais e específicos .....	41
4.1.3. Metodologia .....	42
4.2. Métodos e técnicas de recolha de dados .....	43
4.3. Descrição do estudo .....	48
4.3.1. Sujeitos do estudo .....	49
4.3.2. Tarefas .....	49
4.3.3. Fases do estudo .....	50
<b>Capítulo V - Análise e tratamento de dados .....</b>	<b>52</b>
5.1. Análise e tratamento de dados .....	52
5.2. Análise dos resultados .....	55
5.2.1. 1ª Tarefa - Desenho livre .....	55
5.2.2. 2ª Tarefa - Desenho orientado .....	56
5.2.3. 3ª Tarefa - Escrita livre .....	58
5.2.4. 4ª Tarefa - Cópia de frases .....	60
5.3. Análise de conteúdo .....	61
5.4. Análise das entrevistas .....	62
5.4.1. Entrevista às crianças .....	62
5.4.2. Entrevista à Professora cooperante .....	64
5.5. Observação participante/notas de campo .....	66
5.6. Triangulação dos dados .....	66
<b>Capítulo VI - Considerações finais .....</b>	<b>68</b>
6.1. Conclusões .....	69
6.2. Limitações .....	75
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>78</b>
<b>Anexos</b>	

## Índice de anexos

- Anexo I – Conteúdos da 1ª semana de grupo
- Anexo II – Materiais e tarefas da semana de grupo
- Anexo III – Conteúdos da prática individual
- Anexo IV – Materiais e tarefas da prática individual
- Anexo V – Conteúdos prática individual
- Anexo VI – Materiais e tarefas prática individual
- Anexo VII- Conteúdos da 2ª semana de grupo
- Anexo VIII – Materiais e tarefas semana de grupo
- Anexo IX – Conteúdos prática individual
- Anexo X – Materiais e tarefas prática individual
- Anexo XI – Frases fornecidas para a tarefa de cópia
- Anexo XII – Trabalhos recolhidos do 1º ano do 1º CEB
- Anexo XIII – Trabalhos recolhidos do final do jardim-de-infância
- Anexo XIV – Tarefa de desenho livre
- Anexo XV – Tarefa de desenho orientado
- Anexo XVI – Tarefa de escrita livre
- Anexo XVII – Tarefa de cópia
- Anexo XVIII – Protocolo de pedido de autorização para entrevista
- Anexo XIX – Comprovativo de validação da entrevista



## Índice de figuras

Figura 1 – Escola Básica da Mina em Castelo Branco .....	5
Figura 2 – Pátio coberto .....	5
Figura 3 – Sala de aula do 2º ano da EB da Mina .....	5
Figura 4 – Placar da sala de aula .....	5
Figura 5 – Estantes e armário da sala de aula .....	5
Figura 6 – Computador da sala de aula .....	5
Figura 7 – Entrada interior .....	6
Figura 8 – Entrada interior .....	6
Figura 9 – Refeitório da escola .....	6
Figura 10 – Lavatórios da entrada para o refeitório .....	6
Figura 11 – Pátio coberto .....	6
Figura 12 – Pátio descoberto .....	7
Figura 13 – Campo de cimento com balizas .....	7
Figura 14 – Fachada frontal da escola .....	7
Figura 15 – Porta principal .....	7
Figura 16 – Escola Básica da Mina .....	7
Figura 17 – Gráfico relativo ao nº de alunos da turma.....	10
Figura 18 – Esquema ilustrativo dos temas de prática supervisionada.....	13
Figura 19 – Modelo de matriz utilizada em prática supervisionada .....	14
Figura 20 – Sequenciação didática .....	17
Figura 21 – Guião da entrevista à professora cooperante .....	46
Figura 22 – Guião da entrevista realizada às crianças .....	47
Figura 23 – Desenho livre aluno A .....	52
Figura 24 – Desenho orientado aluno A .....	52
Figura 25 – Desenho livre aluno B .....	52
Figura 26 – Desenho orientado aluno B .....	52
Figura 27 – Desenho livre aluno C .....	53
Figura 28 – Desenho orientado aluno C .....	53
Figura 29 – Desenho livre aluno D .....	53
Figura 30 – Desenho orientado aluno D .....	53
Figura 31 – Escrita livre aluno A .....	54
Figura 32 – Tarefa de cópia aluno A .....	54
Figura 33 – Escrita livre aluno B .....	54
Figura 34 – Tarefa de cópia aluno B .....	54
Figura 35 – Escrita livre aluno C .....	54
Figura 36 – Tarefa de cópia aluno C .....	54
Figura 37 – Escrita livre aluno D .....	54
Figura 38 – Tarefa de cópia aluno D .....	54

## Lista de tabelas

Tabela 1 – Dados gerais relativos à turma .....	8
Tabela 2 – Cronograma das atividades de investigação .....	50
Tabela 3 – Resultados das tarefas de desenho .....	53
Tabela 4 – Resultados das tarefas de escrita .....	55
Tabela 5 – Síntese de resultados obtidos .....	72





## 1. Introdução

Para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico é fundamental a realização deste relatório, o qual engloba, numa primeira parte, uma apresentação resumida da forma como decorreu a prática pedagógica e, numa segunda parte, a descrição de uma pequena investigação de campo.

A prática pedagógica no 1º Ciclo do Ensino Básico (1º CEB) foi realizada no período compreendido entre 23 de outubro e 7 de fevereiro de 2013, no Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva – Escola Básica da Mina, na cidade de Castelo Branco, numa turma do 2º ano do mesmo ciclo. Esta Prática supervisionada revelou-se uma excelente oportunidade para conhecer por dentro este ciclo de ensino, a Escola, para vivenciar a realidade profissional de um educador/professor e para experienciar as metodologias de trabalho e estratégias didáticas mais adequadas ao processo de ensino-aprendizagem que levámos a cabo, do qual faremos uma breve apresentação.

Segundo Tavares, (1988, p:111), “aquele que se dedica à educação tem de assumir a função de animador, técnico e programador de actividades, em que o seu engenho didáctico (fazer-saber), a sua arte e a sua magia (fazer-ser), o seu sentido de tacto e o seu gosto de contacto (fazer-comunicar) constituem os processos pedagógicos fundamentais.” Além da componente docente, porque trabalha com indivíduos com diferentes graus de desenvolvimento e com diferentes motivações, o educador/professor tem também que conciliar a componente investigativa, para melhor conhecer as pessoas com as quais trabalha e para melhor as ajudar a progredir e a aprender.

Como suporte básico da componente prática de investigação que levámos a cabo, pudemos contar com as unidades curriculares de Metodologias de Investigação Educacional I e II, a primeira inserida no 2º semestre do 1º ano de mestrado e a 2ª, no 1º semestre do 2º ano de mestrado. Nestas unidades curriculares abordámos os vários paradigmas e metodologias de investigação educacional, o que nos permitiu delinear a estrutura da componente prática deste relatório de estágio.

A investigação apresentada tem como tema central a importância do desenho na aprendizagem da escrita e foi realizada com as crianças da turma onde implementámos a prática supervisionada.

Como sabemos, desde tenra idade que as crianças começam a expressar-se através do desenho. Inicialmente fazem rabiscos sem intencionalidade e mostram grande entusiasmo ao perceber os efeitos que os seus atos provocam no papel ou em qualquer outro suporte. À medida que crescem, vão aprendendo a representar figurativamente, cada vez de forma mais rigorosa, as suas visões do mundo. Contudo, para dar o salto para a escrita, que também é uma forma de representação gráfica da linguagem oral, vão ter que perceber que este sistema de representação não obedece

às mesmas regras do desenho, pois o primeiro é motivado, ao passo que o segundo é um sistema simbólico.

Estamos, pois, perante dois sistemas de representação gráfica. A questão que se nos coloca é se existirá alguma relação entre a competência e a motivação de desenhar e a competência e a motivação de escrever. Assim, esta investigação tenta encontrar respostas para questões como, “Será que a criança que sente motivação para desenhar tem mais motivação para escrever letras?”, “Será que a criança que se encontra num nível mais avançado na representação do desenho terá mais facilidade em desenhar letras e em escrever palavras?”. É necessário refletir com atenção sobre estas questões para tentar compreender o facto de algumas crianças terem menor ou maior dificuldade no processo de aprendizagem da escrita (desenho das letras e escrita de palavras), pois essa compreensão poderá ajudar os professores a encontrarem soluções para resolverem este problema.

Deste modo, na componente de investigação, começaremos por fazer um enquadramento teórico do problema, para passar, em seguida, à descrição do estudo. Os seus objetivos gerais são “analisar o nível de representação do desenho em que as crianças da nossa amostra se encontram”, “observar o grau de envolvimento que demonstram ao desenhar”, “analisar o nível de desenvolvimento da escrita dos mesmos sujeitos” e “observar a motivação que demonstram ao escrever”.

Por fim tentar-se-á comparar/relacionar todas estas questões de forma a se poderem retirar conclusões.

## **Capítulo I**

# **Contextualização da Prática Supervisionada**

## 1.1. Enquadramento físico e social do Agrupamento de Escolas

### 1.1.1. Caracterização da escola

Ao iniciarmos uma prática supervisionada é de extrema importância analisar e caracterizar a instituição onde a mesma decorrerá. Através desta caracterização conseguiremos perceber como esta funciona em termos de contexto educativo e a sua evolução ao longo do tempo.

A prática supervisionada em questão foi realizada na Escola Básica da Mina, do Agrupamento Afonso de Paiva, da cidade de Castelo Branco, por três alunas de mestrado.

O agrupamento de Escolas Afonso de Paiva situa-se no distrito e concelho de Castelo Branco. Está inserido numa área residencial na qual a população predominante pertence a uma condição socioeconómica média e média-baixa. Salienta-se a existência, nesta zona, de um bairro social onde coabitam famílias de diversas etnias, com maior predominância de etnia cigana.

Deste agrupamento fazem parte os seguintes jardins-de-infância e escolas básicas: Escola Básica Afonso de Paiva, Jardim-de-Infância Quinta das Violetas, Jardim-de-Infância das Sarzedas, Jardim-de-Infância do Salgueiro do Campo, Escola Básica São Tiago, Escola Básica com Jardim-de-infância do Castelo, Jardim-de-Infância do Freixial do Campo, Escola Básica da Mina e Escola Básica das Sarzedas.

A Escola Básica Afonso de Paiva, que anteriormente se chamava Escola Preparatória Afonso de Paiva, é a sede do agrupamento de Escolas Afonso de Paiva. Este estabelecimento de ensino encontra-se em funcionamento desde o dia 1 de Outubro de 1972, tendo sido no ano letivo de 2006/2007 que passou a designar-se como hoje em dia é conhecida, Escola Básica integrada Afonso de Paiva, inicialmente com duas salas destinadas ao 1º ciclo.

A Escola encontra-se circundada por habitações (a sul, norte e sudoeste) e por instituições de apoio humano e social, tais como, o Hospital Amato Lusitano, o Centro de Saúde, o Instituto Português da Juventude, os Bombeiros Voluntários, a GNR (Guarda Nacional Republicana), a APPACDM (Associação Portuguesa de Pais e Amigos dos Cidadãos Deficientes Mentais) e ainda o Pavilhão Municipal.

#### Escola Básica da Mina

A Escola Básica da Mina, inserida no meio urbano, na estrada norte da cidade, é um edifício do tipo do Plano Centenário (Figura 1), que foi reconstruído há nove anos. Está equipado com quatro salas de aula, cada uma com a sua turma, funcionando em regime normal. Dispõe ainda de duas salas para reuniões, funcionando numa delas a biblioteca, e possui um ginásio.



No exterior existe um pátio coberto (Figura 2) onde se encontram as instalações sanitárias e uma despensa. Existe ainda um pátio descoberto. As condições oferecidas pelo edifício tanto no interior, como no exterior, são bastante acolhedoras e tradicionais.

O meio sócio – afetivo é caracterizado por algumas famílias desmembradas e o meio cultural e económico é razoável, no que se refere à maioria dos alunos.



Fig.1 - Escola Básica da Mina em Castelo Branco



Fig.2 - Pátio coberto

Relativamente à sala de aula onde decorreu a prática supervisionada, podemos dizer que é uma sala muito tradicional (Figura 3), pois apresenta uma lareira, dois aquecedores, um quadro a giz, a secretária da professora, um cabide muito comprido com os respetivos nomes dos alunos, várias mesas e cadeiras para os alunos, um placar muito grande (Figura 4) - cheio de materiais didáticos e de trabalhos realizados pelos alunos -, um armário - ao qual só a professora cooperante tem acesso (Figura 5) -, duas estantes (cheias de materiais didáticos e de dossiês dos alunos) e um computador (Figura 6).

Todos os materiais que se encontram expostos, quer nos placares quer nas paredes, são utilizados pelos alunos e professora no processo de ensino-aprendizagem. É uma sala com bastante luminosidade, uma vez que possui três grandes janelas.



Fig.3 - Sala de Aula do 2º ano da Escola Básica da Mina



Fig.4 - Placar da Sala de aula do 2º ano



Fig.5 - Estantes e armário da Sala de aula



Fig.6 - Computador da Sala de aula

O átrio interior da escola é de reduzidas dimensões, apenas mobilado com uma secretária, destinada às auxiliares educativas (Figura 7). O átrio dá acesso ao primeiro andar através de uma escadaria, como é visível na figura 8, bem como às salas do 1º e do 2º anos, ao recreio e cave.



Fig.7- Entrada Interior da Escola Básica da Mina



Fig.8 - Entrada Interior da Escola

A escola possui um refeitório (Figura 9), onde a maioria dos alunos almoça. À entrada do refeitório existem lavatórios (Figura 10), os quais são usados pelos alunos antes e depois das refeições.



Fig.9 - Refeitório da Escola Básica da Mina



Fig.10 - Lavatórios da entrada do refeitório

O pátio coberto (Figura 11) encontra-se situado por trás da escola. É um pátio grande, onde os alunos podem brincar no intervalo, possibilitando-lhes ficarem abrigados da chuva. Este espaço possui uma antiga cozinha e casas de banho.



Fig.11 - Pátio Coberto

O pátio descoberto (Figura 12) é o pátio maior da escola, oferecendo um espaço de cimento com balizas (figura 13), onde os alunos podem jogar futebol nos intervalos, e um grande espaço envolvente, com o chão coberto de brita e com algumas árvores. Aqui, os alunos podem brincar e fazer outro tipo de atividades.



Fig.12 - Pátio Descoberto



Fig.13 - Campo de cimento com balizas

A entrada exterior da escola apresenta-se muito tradicional. A fachada frontal da escola apresenta traços muito tradicionais e típicos do plano centenário (Figura14), é notável a fisionomia antiga da porta da escola (Figura15) bem como a do seu portão.



Fig.14 - Fachada frontal da escola



Fig.15 - Porta principal da escola

Na cave existe uma sala livre para realizar outras atividades (Ginásio, ateliês...) e duas pequenas salas para reuniões, onde funcionam a biblioteca, as aulas de informática e as aulas de apoio.

Para facilitar a aprendizagem das crianças, a escola possui também alguns recursos materiais, nomeadamente; uma fotocopiadora, um projetor de slides, rádios/gravadores, computadores e impressoras, televisor e vídeo, máquinas fotográficas, material de expressão e educação físico-motora, material de expressão e educação musical, material didático e livros – didáticos, temáticos e obras infantis.

### 1.1.2. Caracterização do meio



Fig. 16 - Escola Básica da Mina em Castelo Branco

Como já referi, esta escola está inserida no meio urbano e situa-se junto à entrada norte da cidade de Castelo Branco.

A população escolar provém de duas zonas distintas: uma urbana e recentemente renovada (prédios e vivendas) e outra rural (quintas próximas).

O meio histórico e cultural envolvente é bastante rico, pois nele se encontra grande parte do património da cidade: o Museu Francisco Tavares Proença Júnior, o Jardim do Paço, o Parque da Cidade, o Museu de Arte Sacra, o Cruzeiro de S. João, a Igreja da Graça, o Chafariz da Mina, o Chafariz da Graça, a Sé Catedral, as várias Casas Brasonadas, o Busto de Vaz Preto, a antiga Escola Superior de Enfermagem, a Escola de Bordados de Castelo Branco e os infantários (Santa Casa da Misericórdia, Jardim Escola João de Deus e Dr. Alfredo Mota).

Apresenta-se de seguida um quadro ilustrativo dos dados gerais relativos à turma.

Tab. 1 - Dados gerais relativos à turma.

Alunos	Pai			Mãe		
	Idade	Habilitações	Profissão	Idade	Habilitações	Profissão
A	52	9º ano	GNR	49	Licenciatura	Enfermeira
B	47	9º ano	Técnico de frio	45	12º ano	Operador de call center
C	48	11º ano	soldador	39	12º	Assistente operacional-Lar
D	40	9º	Carpinteiro	35	9º	Assistente operacional-Lar
E	41	12º	Funcionário público	35	12º	Funcionária pública
F	Des c.	Desc.	Desc.	30	9º	Cozinheira
G	38	9º	Operador de máquinas	33	12º	Empregada de balcão
H	37	9º	GNR	35	12º	Assistente operacional-Escola básica
I	40	6º ano	Mecânico	40	6º ano	Assistente

						operacional- Refeitório ESE
J		9º ano	Gerente	34	12º ano	Desempregada
K	33	12º ano	Desempregado	38	Bacharelato	Contabilista
L	28	12º ano	Operador de callcenter	31	12º ano	Operadora de callcenter
M	39	Licenciatura	Gestor	39	Licenciatura	Gestora financeira
N	Desc.		Empregado de balcão	35	12º ano	Desempregada
O	32	9º ano	Distribuidor de gás	35	9º ano	Empregada fabril- Delphi
P	Faleceu			36	Analfabeta	Desempregada
Q	Faleceu			36	Analfabeta	Desempregada
R	Faleceu			36	Analfabeta	Desempregada
S	33	11º ano	GNR	33	12º ano	Operadora de callcenter
T	43	2º ano	Desempregado	41	9º ano	Escritórios do IPCB
U	33	12º ano	Técnico eletromecânico	30	Licenciatura	Auxiliar de Infância

Estes são os dados relativos à idade, habilitações académicas e profissão dos progenitores dos alunos da turma.

Quanto à idade podemos constatar que na maioria dos casos o pai é mais velho do que a mãe. Existem 3 situações em que a idade do pai é desconhecida ou não fornecida à escola, outras 3 situações em que ambos têm a mesma idade, 3 em que o pai é mais novo do que a mãe e por fim existem 3 crianças, irmãos, cujo pai já faleceu.

Verificando as habilitações académicas dos pais chegamos à conclusão que na maioria dos casos, a mãe possui mais habilitações do que o pai. Apenas se verificam 6 casos onde as habilitações de ambos é igual e 1 mãe, dos 3 irmãos, que é analfabeta.

As profissões são diversas, de acordo com as habilitações literárias de cada um, existindo assim, gestores financeiros, enfermeiros, agentes da Guarda Nacional Republicana, operadores de *call center*, auxiliares educativos, entre outros. Registam-se também casos em que o pai ou a mãe se encontram desempregados (2 casos de pais desempregados e 3 casos de mães desempregadas).

### 1.1.3. Caracterização da turma



Fig. 17 - Gráfico relativo ao nº de alunos da turma.

Esta é uma turma constituída por vinte e dois alunos sendo eles 9 meninos e 12 meninas, 3 dos quais são de etnia cigana (2 meninos e 1 menina) e irmãos. Nenhum destes 3 alunos referidos anteriormente frequentou o Pré – Escolar. Os 2 meninos têm necessidade de ser acompanhados e orientados de forma individualizada por uma outra professora, uma vez que ambos apresentam um nível de aprendizagem mais reduzido. Já a menina acompanha muito bem a restante turma na realização de todas as atividades e por vezes até é mesmo a primeira a realizar certas atividades que são propostas ao longo das aulas; isto deve-se ao facto de a mesma ter 13 anos, uma idade superior aos restantes alunos da turma.

Em termos de comportamentos, a menina apresenta uma forma de estar e de se relacionar diferente das outras crianças, tem um comportamento mais adulto e responsável. Os 2 meninos mostram um comportamento mais conflituoso, provocando alguns distúrbios na turma e até na escola.

Nesta turma existem 2 meninos esquerdinos. A sua posição na sala nunca muda, encontram-se sentados na ponta esquerda da carteira de modo a que consigam escrever bem e não incomodar os colegas que se encontram a seu lado.

Está presente nesta turma 1 menino que se encontra retido no 2º ano, é mais velho do que os restantes alunos e ainda demonstra bastantes dificuldades na aprendizagem; estas dificuldades, muitas vezes são fruto da imensa distração que o caracteriza.

Em conclusão, podemos dizer que esta é uma turma heterogénea pois apresenta alunos com diferentes graus de aprendizagens, contudo é uma turma muito empenhada e muito simpática, que nos recebeu muito bem.

## 1.2. O Modelo Pedagógico e Programático do Desenvolvimento da Prática Supervisionada

### 1.2.1. Fundamentos didatológicos do modelo

O modelo utilizado na prática supervisionada foi o trabalho por unidades didáticas. Segundo Pais (2010, p:3), as unidades didáticas são constituídas por um “Conjunto sequencial de tarefas de ensino e aprendizagem que se desenvolvem a partir de uma unidade temática central de conteúdo e um elemento integrador, num determinado espaço de tempo, com o propósito de alcançar os objetivos didáticos definidos e dar resposta às principais questões do desenvolvimento curricular”.

Unidade didática é, pois, um conjunto organizado de atividades que serão propostas aos alunos de forma a integrar todas as áreas disciplinares, tendo em consideração os objetivos que nos propomos alcançar, ou seja, partimos de um tema ou conteúdo transversal, definimos os objetivos e a partir daí organizamos atividades motivadoras para que a criança alcance esses objetivos com mais facilidade. Uma unidade didática é planificada para ser implementada durante um determinado período temporal, por exemplo, uma semana ou até um período mais ou menos longo.

As unidades didáticas são consideradas por Moya, Soaréz, Cacho, Godoy & Romero (2009) como “planificación educativa que relaciona todos los elementos que intervienen en los procesos educativos a partir de unos objetivos definidos en forma de capacidades y competencias, y del proceso metodológico a seguir para alcanzarlos”.Entende-se assim por unidades didáticas, as planificações por nós concebidas relacionando todas as áreas à volta de um só tema, conseguindo dessa forma alcançar os objetivos definidos inicialmente. Este método de abordagem aos conteúdos de aprendizagem leva a criança a aprender de forma mais integrada e mais descontraída, envolvendo-se motivadoramente nas temáticas. Pais (2010, p:2) refere que “os estudos realizados nos últimos anos revelam a importância da integração didática como forma e opção metodológica de abordagem aos processos de ensino e aprendizagem”.

Em cada unidade didática, a escolha de um elemento transversal (elemento integrador) que interligue de forma clara todos os conteúdos a abordar nas diferentes áreas disciplinares é essencial para que as aprendizagens sejam mais significativas e duradouras, além de que torna mais motivadora a apreensão

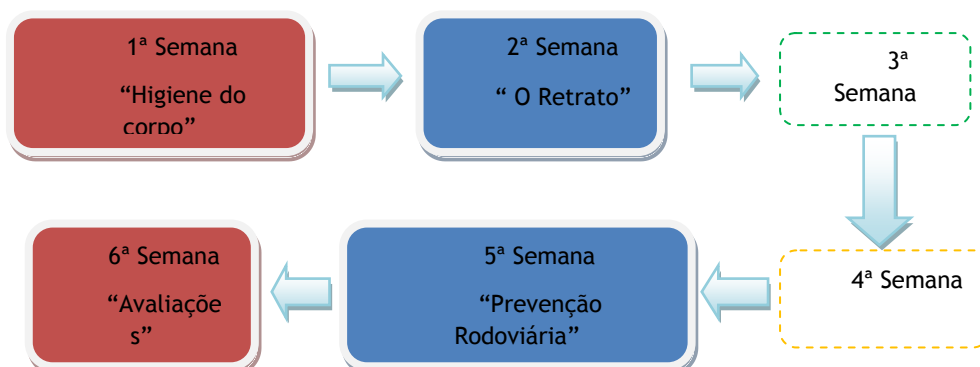
desses mesmos conteúdos. O elemento integrador é figurativo e deverá ser sempre muito motivador para conseguir de imediato captar a atenção das crianças. Pode ser um texto, uma imagem, um objeto, uma personagem ou outro; deve estar relacionado com o tema e conteúdos a abordar e vai ajudar a interligar as diversas atividades das diferentes áreas de forma harmoniosa e motivadora.

A estruturação de unidades didáticas supõe ainda a análise prévia de determinadas variáveis. Escamilla (1993, p:39) defende que “Esta forma de organizar conocimientos y experiencias debe considerar la diversidad de elementos que contextualizan el proceso (nivel de desarrollo del alumno, medio sociocultural y familiar, Proyecto Curricular, recursos disponibles) para regular la práctica de los contenidos, seleccionar los objetivos básicos que pretende conseguir, las pautas metodológicas con las que trabajará, las experiencias de enseñanza-aprendizaje necesarios para perfeccionar dicho proceso”. Também nas nossas planificações de unidades didáticas tivemos em conta estas mesmas variáveis: Projeto Curricular de Agrupamento, Projeto Curricular de Turma, Planificação de Turma, Programa e as características específicas dos alunos da turma.

É permitido ao professor do 1º ciclo do Ensino Básico escolher metodologias e estratégias de ensino-aprendizagem, adaptando-as aos ritmos e às necessidades dos alunos com os quais trabalha num determinado momento. É por estes motivos que se torna essencial, antes de delinear uma unidade didática, conhecer muito bem os alunos e o contexto, fazendo assim uma caracterização dos mesmos.

No fundo, podemos dizer que o trabalho com unidades didáticas é mais organizado e permite uma interligação integrada das várias áreas disciplinares.

A prática supervisionada desenvolvida teve em conta todos estes aspetos. O esquema seguinte mostra os temas abordados durante as semanas de prática, tendo sido estabelecidos os conteúdos e os objetivos à volta destes mesmos temas.





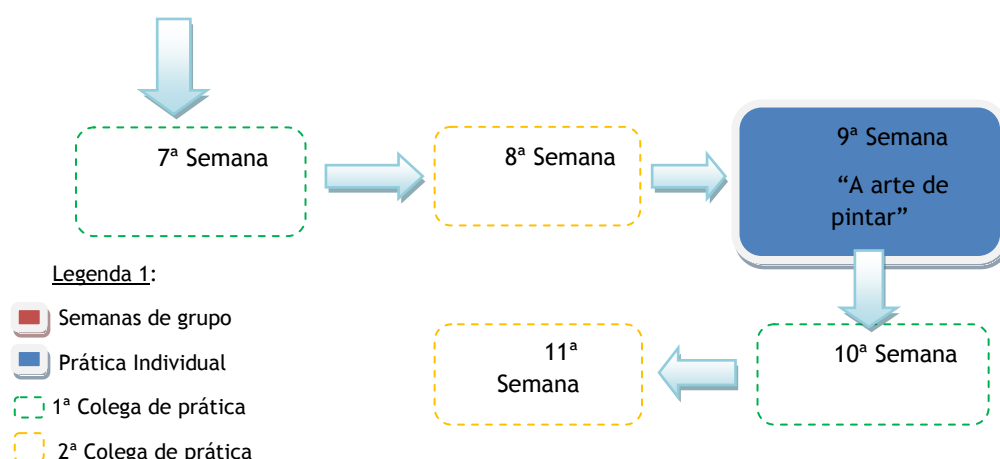


Fig. 18 - Esquema ilustrativo dos temas da prática supervisionada

Depois de selecionados os temas integradores procedeu-se ao desenho, propriamente dito, das unidades didáticas. Essa construção das unidades teve em consideração os alunos alvo, pois tal como refere Pais (2010:12) “A importância que o desenho das atividades assume no processo de construção de uma unidade didática está diretamente relacionada com a necessária adequação à realidade da escola, do grupo de alunos e de cada aluno em particular”.

Partindo destes temas integradores e tendo em conta os conteúdos a abordar e os objetivos a alcançar, foram selecionadas as tarefas de ensino e aprendizagem e elaborados os guiões integrados de desenvolvimento. Depois da descrição das tarefas definiram-se os recursos e as atividades de avaliação. No final de cada unidade didática redigimos uma reflexão semanal sobre o trabalho desenvolvido, tendo como finalidade detetar aspetos a melhorar.

### 1.2.2. Instrumentos de planificação

Neste ponto apresento o modelo Pedagógico e Programático de Desenvolvimento da Prática Supervisionada, explicitando a forma como foi implementado.

PLANIFICAÇÃO DIDÁTICA GUIÃO DE ATIVIDADES	
<b>Elementos de identificação</b> Professor(a) Cooperante: _____ Alunos de Prática Supervisionada: _____ Professores Supervisores: _____ Turma: _____	
<b>Seleção do conteúdo programático.</b> Unidade temática: _____ Semana de: _____ Estudo do Meio: Língua Portuguesa: Matemática: Expressões:	
Roteiro dos percursos de ensino e aprendizagem Guião de aula	
Terça-Feira _ / _ / _	Responsável pela execução: _____
Tema integrador: _____ Elemento integrador: _____ Vocabulário específico a trabalhar explicitamente: Estudo do Meio: _____ Matemática: _____ Língua Portuguesa: _____ Expressões: _____	Materiais:
<b>Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Abordagem em contexto didático</li> <li>• Sistematização em contexto didático</li> <li>• Avaliação em contexto didático</li> <li>• Ampliação/reforço em contexto didático</li> </ul>	
Tema integrador: _____ Elemento integrador: _____	Materiais:
<b>Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Abordagem em contexto didático</li> <li>• Sistematização em contexto didático</li> <li>• Avaliação em contexto didático</li> <li>• Ampliação/reforço em contexto didático</li> </ul>	
Quinta-Feira _ / _ / _	Responsável pela execução: _____
Tema integrador: _____ Elemento integrador: _____	Materiais:
<b>Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Abordagem em contexto didático</li> <li>• Sistematização em contexto didático</li> <li>• Avaliação em contexto didático</li> <li>• Ampliação/reforço em contexto didático</li> </ul>	

Figura 19 – modelo de matriz utilizada em prática supervisionada

## **Capítulo II - Desenvolvimento da Prática Supervisionada**

## 2.1 Observação (Reflexão)

Semanas de 23 a 25 e de 30 a 31 de outubro

As semanas de observação revelam-se de extrema importância para a criação de laços afetivos com os alunos, para nos familiarizarmos com a dinâmica da turma no geral e de cada aluno em particular. São-nos essenciais estas informações para podermos de seguida desenhar percursos de ensino e aprendizagem adequados aos alunos em questão.

Eu e o meu par pedagógico ficámos colocadas no agrupamento de escolas Afonso de Paiva, para estagiarmos na Escola Básica da Mina, na turma do 2º ano, com a professora cooperante Elisabete Campos. Quando entrámos na sala de aula, os alunos ficaram um pouco agitados e curiosos com a nossa presença, o que rapidamente foi ultrapassado.

Desde logo passámos à apresentação de ambas as partes, pois como refere Rousseau (1762), *“começai por conhecer os vossos alunos, pois de certeza que não os conheceis”*.

Os meninos começaram por se apresentar com textos que tinham elaborado anteriormente com a professora. Esta apresentação serviu para dar início a uma atividade na sala de aula, proposta pela professora cooperante. A atividade consistia em que os alunos retirassem apontamentos sobre nós, pois como estas semanas foram semanas de observação e de apresentação, a professora decidiu que nós seríamos o elemento integrador para as diferentes atividades.

Para nos apercebermos das dificuldades das crianças a professora pediu que retirassem apontamentos primeiro sem orientação e por fim com orientação de um guião. Claro que pudemos constatar que os alunos sem orientação sentiam muito mais dificuldade em orientar-se e em executar o que lhes era solicitado.

Também na área da matemática a professora utilizou as nossas idades para resolver problemas e fazer representações em material multibásico e no ábaco.

Apesar destas semanas serem apenas de observação, tivemos oportunidade de interagir com as crianças e assim ajudá-las nas diversas atividades propostas pela professora, isto não só nos proporcionou uma maior aproximação, como também nos ajudou a perceber as dificuldades de cada criança.

Sendo assim, podemos afirmar que (...) *só a observação permite caracterizar a situação educativa à qual o professor terá de fazer face em cada momento. A*

identificação das principais variáveis em jogo e a análise das suas interações permitirão a escolha das estratégias adequadas (Teresa e Albano Estrela, 1978: p.57).

Ao realizarmos a reflexão final sobre estas duas semanas de observação, apercebemo-nos de quão importantes elas foram para conhecermos a dinâmica da turma e da vantagem desta mesma reflexão, pois segundo Dewey: *“Reflexão é a espécie de pensamento que consiste em examinar mentalmente o assunto e dar-lhe consideração séria e consecutiva (1959: p.13)”*. É de salientar que também foi notória e satisfatória toda a simpatia com que fomos recebidas por parte de todos os elementos da instituição, da nossa turma e essencialmente por parte da professora Elisabete.

## 2.2 Esquema global de desenvolvimento da Prática Supervisionada no 1º Ciclo (2012-2013)

Segue-se o esquema global, pelo qual nos organizámos. É a partir deste que iremos apresentar cada uma das unidades didáticas desenvolvidas ao longo da prática supervisionada, baseando-nos sempre nos marcos teóricos referidos no capítulo anterior.

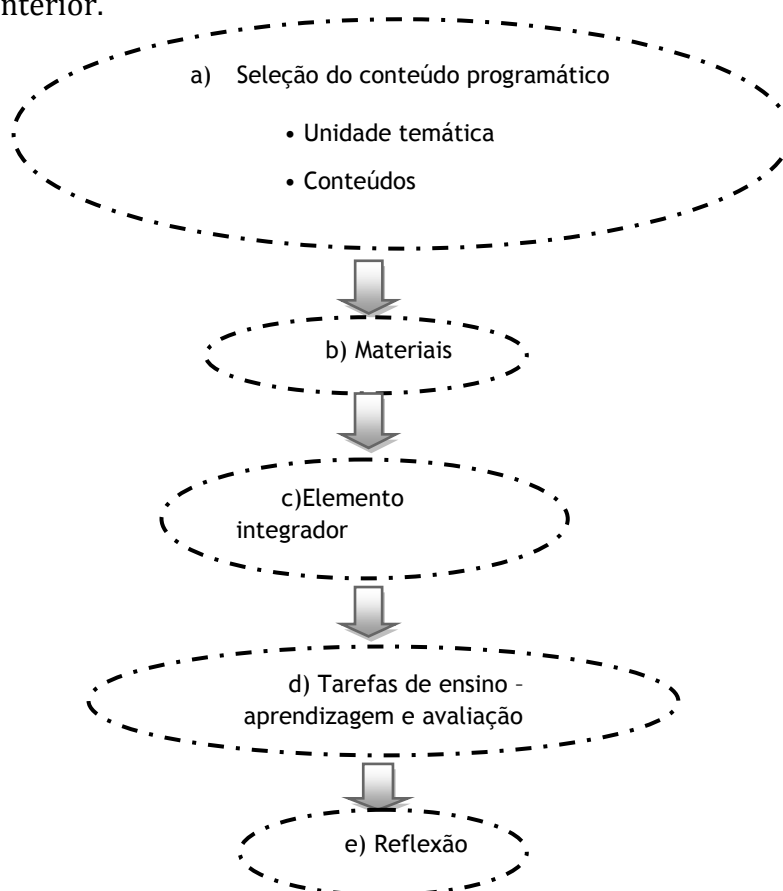


Fig.20 - Sequenciação Didática

### 2.2.1. 1ª semana de grupo

Semana de 6 a 8 de novembro de 2012

#### a) Seleção do conteúdo programático

- Unidade temática: “A higiene do corpo”
- Conteúdos: os conteúdos relativos a este percurso de ensino-aprendizagem poderão ser consultados em anexo I.

#### b) Materiais

Tendo em conta a unidade temática a trabalhar decidimos construir materiais como *power point* informativo, uma caixa surpresa com elementos alusivos ao tema, de forma a despertar a curiosidade e interesse da turma.

Os materiais utilizados nesta semana poderão ser consultados em anexo II.

#### c) Elemento integrador

Como elemento integrador resolvemos construir uma caixa de cartão, com o título “ Caixinha da higiene”, contendo todos os objetos (reais) mais utilizados nas rotinas diárias dos alunos.

Esta caixa teve a função de interligar os conteúdos das diferentes áreas de forma lúdica e sem quebras, visto que toda a unidade temática funciona como um conjunto.

#### d) Tarefas de ensino-aprendizagem e avaliação

Todas as tarefas de ensino-aprendizagem desenvolvidas ao longo desta semana poderão ser consultadas em anexo II.

#### e) Reflexão

Ao longo desta semana pudemos constatar que há muitas formas de transmitir conhecimentos aos alunos, sendo uma delas poderem ser eles a descobrir e a darem sugestões, conseguindo assim chegar aos objetivos pretendidos. As crianças mostraram-se muito curiosas para saber o que a caixa (elemento integrador) continha e dialogar sobre o mesmo.

A atividade seguinte constou no visionamento de um texto informativo sobre o tema “A Higiene”. Procedeu-se à leitura em voz alta desse mesmo texto e ao mesmo tempo os alunos tinham de tirar notas orientadas por um guião.

Nesta atividade os alunos por vezes não conseguiram acompanhar toda a informação do texto e por isso tivemos de voltar algumas vezes atrás na apresentação. Contudo, no final foi uma atividade bem-sucedida, pois os alunos no geral, devido ao facto de o guião ser orientado, conseguiram retirar as notas pretendidas de forma correta.

O dia seguinte começou com a realização de frases cujo tema era “Porque fazemos a higiene?”. Nesse dia, foram também retiradas imagens da caixa da higiene e, com estas, procedeu-se à construção de ideias – chave no quadro para facilitar a construção de frases e textos por parte dos alunos. Nesta semana verificámos que os alunos, na generalidade, tinham muita dificuldade na interpretação e resolução de problemas tendo levado muito tempo para resolver o que lhes foi proposto, mesmo com o apoio do material multibásico e àbaco.

Realizámos uma pequena dramatização sobre a higiene com as personagens do livro Alfa (manual adotado pelo Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva). Esta atividade teve como finalidade os alunos observarem o Alfa durante a dramatização e depois fazer o retrato físico do mesmo. E para isso realizámos um mapa de ideias no quadro, com as diferentes características que os alunos iam dizendo acerca do Alfa.

Em suma e de um modo geral, esta semana correu bem, pois conseguimos realizar quase todas as atividades que tínhamos planeado e os alunos mostraram-se bastante empenhados nas mesmas. Contudo, achámos que acabámos por fazer mais coisas na prática que não estão bem explícitas na nossa planificação, pois à medida que íamos trabalhando com os alunos iam-nos surgindo ideias que não estavam pensadas na planificação. Para nós foi uma mais-valia, pois é sinal que nos estávamos a integrar bem na turma e que estávamos a conseguir, gradualmente, melhorar a nossa forma de dar as aulas.

Sendo assim, podemos dizer que a nossa primeira semana de grupo foi muito produtiva e motivante para nós estagiárias e como futuras professoras, pois *“todos sabemos a importância da motivação inicial como um ponto de arranque para uma aula, mas esse estímulo deverá permanecer a aula inteira, para que o aluno se mantenha motivado”*, tal como é defendido por Boavida (1991: p.352) e é isto mesmo que nós pretendemos.

### 2.2.2. Prática individual

Semana de 13 a 15 de novembro de 2012

**a) Seleção do conteúdo programático**

- Unidade temática: “O retrato”
- Conteúdos: os conteúdos relativos a este percurso de ensino-aprendizagem poderão ser consultados em anexo III.

**b) Materiais**

Partindo da unidade temática “O retrato” foram construídos diversos materiais alusivos ao tema de forma a alargar os conhecimentos das crianças e criando-lhes motivação e interesse em aprender cada vez mais.

Os materiais utilizados nesta semana poderão ser consultados em anexo IV.

**c) Elemento integrador**

Como elemento integrador foi construída uma máquina fotográfica de cartão (imitando as máquinas mais antigas) de onde eram retirados os elementos essenciais para a realização e desenvolvimento de cada tarefa diária como: retratos antigos ou atuais, de pessoas, animais ou objetos e até retratos de palavras ou frases.

Esta máquina teve a tarefa de ligar os conteúdos das diferentes áreas de forma lúdica e sem quebras, visto que toda a unidade temática funciona como um conjunto. Através desta máquina fotográfica os alunos puderam “viajar” para o tempo antigo conhecendo um pouco a história da fotografia e do retrato.

**d) Tarefas de ensino-aprendizagem e avaliação**

As tarefas e procedimentos realizados nesta semana encontram-se em anexo IV

**e) Reflexão:**

Segundo Tavares, (1988, p.111), *“aquele que se dedica à educação tem de assumir a função de animador, técnico e programador de actividades, em que o seu engenho didáctico (fazer – saber), a sua arte e a sua magia (fazer – ser), o seu sentido de tacto e o seu gosto de contacto (fazer – comunicar) constituem os processos pedagógicos fundamentais.”*

Foi o que tentei fazer nesta minha primeira semana de prática. Senti algumas dificuldades, muito nervosismo que com o passar do tempo espero que se vá estabilizando. Isso só vem mostrar que *“a formação inicial não se pode reduzir à sua dimensão académica (aprendizagem de conteúdos organizados por disciplinas), mas tem que integrar uma componente prática e reflexiva”* (Alarcão, Freitas, Ponte, Alarcão e Tavares, 1997: p.8).



É de extrema importância nos habituarmos a refletir sobre as nossas práticas, pois só assim poderemos detetar o que esteve menos bem e pesquisar estratégias para melhorar futuramente.

Na semana anterior, semana de grupo, terminámos fazendo uma breve caracterização da personagem Alfa. Pegando nesse ponto, dei início à minha semana de estágio abordando várias formas de fazer retratos. Para tal, utilizei como elemento integrador uma máquina fotográfica feita de cartão, imitando as antigas, de onde saíram retratos (fotografias) antigos, atuais, pinturas de retratos e o título de um poema, que mais tarde as crianças descobriram que se tratava também de um retrato mas desta vez por escrito.

Através do título do poema foi-lhes pedido que tentassem antecipar o conteúdo do poema e muitos deles conseguiram chegar bem perto.

Depois desenharam “A Menina Feia”, menina que era descrita pelo poema de Luísa Ducla Soares. De seguida foi distribuído e explorado um guião com o poema, onde os alunos sublinharam todos os adjetivos e comparações encontradas.

Segundo Piaget (1978), *“as actividades lúdicas atingem um carácter educativo...na formação da personalidade das crianças”*, foi então desta forma lúdica que chegaram à conclusão que um retrato é a representação de uma pessoa ou objeto, tal como é na realidade e tanto nos pode aparecer em pintura, fotografia, como por escrito.

Como sabemos, não se pode partir de imediato para a redação de um texto, por isso, começámos por planificar o texto, construindo material de apoio. Esse material de apoio consistia na divisão da folha nas diversas partes do rosto e colocação dos adjetivos, encontrados no poema, nas colunas respetivas. Com a ajuda de imagens acabámos por preencher por completo todas as colunas, ficando assim cada aluno com variadíssimos adjetivos registados, que mais tarde poderiam utilizar.

De seguida e antes da textualização, os alunos em pares retiraram apontamentos das características que apresentava o seu/sua colega do lado.

Esta foi uma atividade bastante demorada, mais do que o previsto, tendo de passar a sua continuação para o dia seguinte. Mas o importante não é aprender muito e rápido, mas sim realizar aprendizagens sólidas e significativas.

A textualização deste texto descritivo foi acompanhada da revisão que ia sendo feita pelas professoras com os alunos individualmente.

Seguiu-se o desafio matemático de organizar retratos, que tinha como objetivo a decomposição do número 200. A maioria dos alunos desta turma mostra ter bastantes dificuldades na área da matemática, precisando da orientação e apoio constante do professor.

Para esta atividade foi utilizado material multibásico, pois a manipulação deste material facilita um pouco a apreensão e a compreensão destes processos.

A correção destes exercícios no quadro utilizando este material demora sempre bastante tempo, mas é de extrema importância para a aprendizagem das crianças, pois segundo Agostinho, Clotilde (2010) “*O ensino deve ser mais estruturado e organizado para as crianças e não no sentido mais abstracto*”.

A máquina fotográfica (elemento integrador) voltou a levar novidades; foi retirada uma pintura com composição de alimentos que formava um retrato e uma carta.

A carta explicava a atividade de estudo do meio que se iria desenvolver. Tendo por base a roda dos alimentos em papel de cenário com os nomes de cada grupo, os alunos tinham que retirar palavras com os nomes dos alimentos e colocá-los no grupo correto, completando a roda.

Houve uma reflexão do que se deve ou não comer e porquê, uma chamada de atenção para a importância do consumo da água e, finalmente, foram enumeradas as características que a água apresenta para poder ser consumida.

A atividade seguinte consistia em retirarem imagens do elemento integrador, estas imagens continham um ou vários objetos e os alunos teriam que as fazer corresponder ao determinante artigo definido ou indefinido a que estas pertenciam.

Com esta atividade descobriram as diferenças entre singular e plural. As crianças quase instintivamente conseguem fazer esta correspondência corretamente.

No geral da semana consegui-me aperceber das dificuldades mais sentidas por estes alunos, percebi também que temos que impor um pouco mais de respeito e nunca ceder nas regras que já estavam impostas mesmo antes da nossa chegada. As crianças testam-nos constantemente e nós temos que mostrar firmeza.

### **2.2.3. Semana de 4 a 6 de dezembro de 2012**

#### **a) Seleção do conteúdo programático**

- Unidade temática: “Prevenção Rodoviária”
- Conteúdos: os conteúdos relativos a este percurso de ensino-aprendizagem poderão ser consultados em anexo V.

#### **b) Materiais**

Partindo da unidade temática “Prevenção Rodoviária” foram construídos diversos materiais alusivos ao tema de forma a alargar os conhecimentos das crianças e criando-lhes motivação e interesse em aprender cada vez mais. Alguns desses materiais foram elaborados com a colaboração dos alunos, como, por exemplo, uma história em *slides* desenhada por eles.

Esses *slides* e todos os outros materiais utilizados nesta semana poderão ser consultados em anexo VI.

**c) Elemento integrador**

Como elemento integrador foi utilizada uma banda desenhada com o título “Cédric na estrada”. Esta banda desenhada encontra-se no manual de Português “Alfa” adotado pela escola onde decorreu a prática.

Esta história conseguiu ligar os diferentes conteúdos, como prevenção rodoviária e banda desenhada, funcionando como um todo.

**d) Tarefas de ensino-aprendizagem e avaliação**

As tarefas desta semana poderão ser consultadas em anexo VI.

**e) Reflexão:**

Foi bastante evidente, logo no início da semana, que esta já era a segunda vez que estava a trabalhar sozinha. Os nervos sentiram-se com menos intensidade e a atenção para aspetos essenciais no decorrer das atividades era redobrada.

Tentei, desta vez, estar mais atenta às crianças que sentem mais dificuldades, questionando-as constantemente sobre o que estava a ser trabalhado. Outro dos pontos em que tomei especial atenção foi às crianças mais distraídas, também estas foram alvo de constantes chamadas de atenção através da colocação de questões sobre o tema.

Desta forma, penso que consegui manter todas as crianças muito mais atentas, apesar de ser uma tarefa difícil nesta turma.

Parece-me que a transmissão de conteúdos foi bem-sucedida, pois a grande maioria da turma mostrou ter atingido os objetivos que se pretendiam.

No primeiro dia foi introduzido um método de condução de aula diferente, tentei explicar aos alunos que daquele dia em diante seriam guiados por um guião que lhes seria entregue.

Este método foi bem aceite, por parte dos alunos e mostrou ser mais motivador, não só pelo fato de ter os bonecos engraçados mas também porque eles sabiam sempre qual era a atividade seguinte, não precisando de estar sempre a perguntar.

Notei que o guião do aluno foi motivador também para a leitura. Todas as crianças se ofereciam para ler os balões de fala.

Um dos conteúdos que foi abordado, nesta semana, foi a Banda Desenhada. Tentei levar vários livros de Banda Desenhada diferentes (capa rígida, revistas, pequenos, grandes...) para que ficassem com um conhecimento mais alargado sobre o tema.

Os alunos mostraram-se bastante interessados, na visualização destes. Alguns nunca tinham tido acesso a livros deste tipo, por isso foi importante dar-lhes a oportunidade de os ver e manusear, segundo Lorenzato (2006) *“Palavras não alcançam o mesmo efeito que conseguem os objetos ou imagens, estáticos ou em movimentos. Palavras auxiliam, mas não são suficientes para ensinar”*.

Depois deste primeiro impacto, mostrei, através de um *Power Point*, as características fundamentais de uma Banda Desenhada.

Ao explorar o elemento integrador (Banda Desenhada) os alunos mostraram grande empenho em participar, dar as suas sugestões sobre a história, querendo falar de tudo o que viam e como interpretavam. Perante esta participação tão efusiva, acabei por cometer um erro na exploração. Deveria ter explorado uma imagem de cada vez, com todos os pormenores que esta continha, mas os alunos saltavam de imagem pra imagem e mostravam tanta vontade de transmitir o que viam, que acabei por os deixar falar sem manter a sequência das imagens. Freire (1998: p.59-60) defende que *“o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético [...] o professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia [...] transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência*.

Aproveitando a história anterior foi abordado o conteúdo de frases e não-frases que de um modo geral me pareceu ter ficado percebido.

A atividade de expressão plástica foi, na minha opinião, bem-sucedida. Os desenhos da história ficaram bastante bem feitos, coloridos e com muitos pormenores que embelezaram a nossa banda desenhada.

No dia seguinte foi abordado um conteúdo diferente, o *“Aviso”*. Inicialmente os alunos fizeram muita confusão entre o aviso e a carta, mas com a sistematização que foi feita ao realizarem a planificação e textualização de um aviso penso que essa confusão começou a desaparecer, como é de esperar houve alunos que continuaram confusos, mas muito menos do que inicialmente.

O *site* que foi explorado sobre prevenção rodoviária era bastante simples e didático, tendo levado os alunos a refletir sobre atos cometidos diariamente que terão de ser modificados, como não esquecer de atravessar na passadeira, sair do carro pelo lado do passeio. Foi de extrema importância abordar esses assuntos, visto que muitas das crianças, desta turma cometem esses erros constantemente, na presença dos seus pais.

É importante refletir no final sobre as ocorrências, pois só assim conseguimos estar preparadas para eventuais imprevistos. Para Medeiros (2001), aprender a ser crítico, independente e autónomo, equivale a dizer tornar-se capaz de realizar aprendizagens significativas situadas numa ampla gama de situações e circunstâncias.

No último dia da semana, o conteúdo novo abordado foi a tabuada do 2. Os alunos mostraram muito entusiasmo ao perceber, através da história, que iriam aprender a tabuada.

Pareceu-me que consegui transmitir muito bem o conteúdo, pois através de exercícios realizados posteriormente, os alunos mostraram conseguir associar a tabuada à adição e aos conjuntos que eram apresentados no quadro.

Pela primeira vez, nesta turma, foi feita uma revisão de texto coletiva, começámos por determinar quais os símbolos que seriam utilizados para assinalar os diferentes erros e depois, coletivamente, corrigimos um aviso que era a junção de alguns erros que detetei em todos os textos que tinham sido construídos no dia anterior, pelos alunos.

Este método correu muito bem, achei que as crianças aprenderam muito mais desta forma porque ao tentar detetar os erros e ouvindo as opiniões e explicações dos colegas, as aprendizagens tornam-se mais significativas e a criança aprende quase sem se aperceber, dialogando sobre as dificuldades.

Para terminar a semana, fomos ao cinema, na escola. Foi uma forma diferente e interessante de levar os alunos a pensar na tabuada. Para se poderem sentar corretamente tiveram que dizer o resultado da multiplicação que o seu bilhete continha.

Depois de todos sentados puderam assistir à Banda Desenhada que eles próprios construíram na terça-feira. Esta foi projetada em *slides*. Ficaram também a conhecer o projetor de *slides* que, por ser um recurso mais antigo, nenhum aluno conhecia.

Senti que esta semana já correu muito melhor do que a primeira e sinto sinceramente que já aprendi muito mais neste pouco tempo de estágio do que em todo o curso. Aqui se nota a importância dos estágios práticos, são estes que nos preparam realmente para a ação, *aprender fazendo*.

#### 2.2.4. 2ª Semana de grupo:

Semana de 11 a 13 de dezembro de 2012

##### a) Seleção do conteúdo programático

- Unidade temática: Avaliações
- Conteúdos: os conteúdos relativos a este percurso de ensino-aprendizagem poderão ser consultados em anexo VII.

**b) Materiais**

Nesta semana foram criadas por nós as fichas de avaliação das três áreas e vários *power point's* de revisões da matéria dada que podem ser consultados em anexo VIII.

**c) Elemento integrador**

Como elemento integrador foi utilizado o boneco Alfa, personagem característica dos seus manuais escolares.

Através desta personagem foi lembrada toda a matéria dada aos alunos com o apoio de *power point's* informativos.

**d) Tarefas de ensino-aprendizagem e avaliação**

As tarefas podem ser consultadas em anexo VIII

**e) Reflexão:**

Nesta segunda semana de grupo procedemos à realização das fichas de avaliação das três áreas disciplinares, Língua Portuguesa, Estudo do Meio e Matemática.

Todas as manhãs começámos por fazer revisões da matéria dada na área em que iriam fazer ficha, através da visualização de um *Power Point*. Paralelamente, eram propostos exercícios no quadro que eram resolvidos em grupo.

Sentimos algumas dificuldades em elaborar as fichas contendo todos os conteúdos que já tinham sido abordados, pois foi a primeira vez que o fizemos, mas foi muito enriquecedor termos a oportunidade de o fazer, aprendemos muito desta forma.

Também definimos os critérios de avaliação para acompanhar as fichas, os quais nos suscitaram muitas dúvidas, principalmente na avaliação da produção de um texto.

Notou-se maior facilidade na resolução das fichas de Estudo do Meio, tendo sido estas as que obtiveram melhores resultados a nível geral.

A Língua Portuguesa revelou-se mais difícil; nesta área, houve alunos que já demonstraram bastantes dificuldades. Nem todos terminavam ao mesmo tempo, os alunos com mais dificuldades ou mais preguiçosos demoravam imenso tempo e não conseguiam terminar no tempo estabelecido inicialmente.

Por fim, a ficha que obteve piores resultados foi a de Matemática. Muitos alunos não conseguem raciocinar sozinhos, estão muito dependentes das pequenas ajudas que lhes vamos dando diariamente. Ainda assim mostraram interesse em conseguir resolver os exercícios, não se desmotivando.

Achámos curioso o facto de estas crianças tão novas já necessitarem de ter algo (neste caso dossiers) a separá-las, de forma a não poderem copiar.

Esta semana correu bastante bem e ficámos satisfeitas com o empenho demonstrado pelos alunos na resolução de todas as fichas.

### 2.2.5. Prática Individual

Semana de 22 a 24 de janeiro de 2013

#### a) Seleção do conteúdo programático

- Unidade temática: A arte de pintar
- Conteúdos: os conteúdos relativos a este percurso de ensino-aprendizagem poderão ser consultados em anexo IX.

#### b) Materiais

Nesta semana foram criados alguns materiais essenciais ao bom desenvolvimento das atividades propostas aos alunos com o intuito de lhes criar motivação e gosto pela aprendizagem. Estes poderão ser consultados em anexo X.

#### c) Elemento integrador

Como elemento integrador foi criada a personagem Pintora Júlia (professora estagiária disfarçada de pintora) e o seu saco mágico (saco que poderá conter elementos essenciais para o decorrer das aulas).

No 1º dia a Pintora deixou o saco na sala para que durante a semana pudessem procurar nele elementos para todas as atividades.

#### d) Tarefas de ensino-aprendizagem e avaliação

As tarefas poderão ser consultadas em anexo X.

#### e) Reflexão:

Decidi, nesta semana, que o elemento integrador seria, eu mesma, disfarçada de Pintora Júlia. A dramatização é sempre bastante motivadora para as crianças, levando-as a aprender de uma forma muito mais lúdica e divertida.

Na minha opinião, nesta semana, eram muitos conteúdos para explorar em tão pouco tempo. As crianças precisam de tempo para questionar, praticar, tentar perceber os conteúdos que estão a ser trabalhados, caso contrário as aprendizagens feitas não serão duradouras ou mesmo significativas.

No primeiro dia da semana a Pintora entregou-lhes o convite para visitarem o Museu Cargaleiro e, através deste, as crianças foram levadas a descobrir a estrutura

de um convite, que seria escrito no dia seguinte, o que acabou por não acontecer por falta de tempo.

Há atividades que levam muito tempo para se realizarem e a leitura, por parte das crianças, é uma delas. Todas as crianças leram o convite que lhes foi entregue, uns com mais dificuldades do que outros, mas esta é uma atividade muito importante para treinarem a leitura.

Neste dia, à tarde, as crianças teriam que pintar um quadro em cartão utilizando técnicas idênticas às de Manuel Cargaleiro, por isso de manhã tive que optar por falar sobre a vida deste artista plástico e suas obras em vez de passar à textualização do convite.

A atividade da tarde foi muito interessante, as crianças demonstraram bastante interesse em realizá-la. Puderam mostrar toda a sua criatividade utilizando os carimbos de figuras geométricas e fizeram composições com resultados bastante bonitos.

No segundo dia, durante a manhã, exploraram-se figuras geométricas partindo dos quadros de Manuel Cargaleiro. As figuras geométricas foram categorizadas e descritas quanto ao número de lados, linhas (curvas ou retas) e esta atividade foi também muito demorada. Refletindo após a atividade, cheguei à conclusão que deveria ter perdido menos tempo com as figuras que eles já conheciam e deveria ter partido logo para a exploração das figuras desconhecidas como o hexágono e o pentágono.

No final da manhã puderam explorar o TANGRAM. Os alunos gostam imenso deste tipo de atividades e todos estavam muitíssimo empenhados em conseguir compor figuras com as peças do jogo. Por fim, com as mesmas peças, fizeram composições e decomposições de figuras geométricas.

Neste dia foi explorado o livro “Pablo, o Pintor.”, de Satoshi Kitamura, uma história muito interessante e que as crianças seguiram com muito entusiasmo e atenção. Optei por não mostrar as ilustrações do livro durante a leitura porque uma das atividades que iriam ser realizadas mais tarde seria o reconto através das imagens, embora nos apercebêssemos que para haver uma melhor compreensão da leitura seria importante ter mostrado a última ilustração.

Depois de terem realizado um desenho, sobre como pensavam ter ficado o quadro de Pablo, fiquei surpreendida. Ao contrário do que pensámos, as crianças perceberam bastante bem a história tendo, quase todas, desenhado um quadro muito idêntico ao da história.



A compreensão do texto foi feita em grupo, através de um mapeamento da história, que não levantou grandes dúvidas pois eu ia apoiando as respostas com a leitura de excertos importantes.

Fizeram também o reconto da história através das imagens, é interessante apercebermo-nos, neste tipo de atividades, que há crianças que se interessam tanto pelas histórias que chegam a decorar o que é dito em cada página do livro. Embora no dia anterior não tivessem visto as imagens, ao vê-las, algumas crianças sabiam exatamente o que estava a acontecer naquela ilustração. Fiquei contente ao aperceber-me disso, isso mostra que compreenderam e gostaram da história e da leitura que foi feita.

Na quinta-feira à tarde, realizou-se a tão esperada visita ao Museu. Mais uma vez fiquei surpreendida com algumas observações feitas pelas crianças. Conheceram todos os quadros que eu lhes tinha mostrado na sala de aula, conseguiram falar sobre eles referindo, tal como tinham aprendido, que cada um interpreta o quadro como o vê e como o sente.

Foi engraçado quando a guia do Museu achou que ia dizer uma palavra muito difícil, “abstrato” e eles disseram de imediato que sabiam o que era, tinha-lhes sido explicado na aula. Mais à frente a guia disse que quando fossem maiores iriam falar de um artista, amigo de Manuel Cargaleiro, chamado Picasso, eles responderam já falamos sobre ele na aula.

Estes aspetos deixaram-me também muito contente, mostram que consegui abordar todos os aspetos importantes sobre a visita antes desta. Os alunos estavam muito bem preparados para compreenderem tudo o que iriam ver e ouvir, deixando-os também muito mais motivados, interessados e atentos.

Resumindo foi para nós muito produtiva esta prática pedagógica, sentimos que as aprendizagens feitas por nós foram muitas e conseguimos, também nós, transmitir conhecimentos às crianças de um modo lúdico e criativo, que é importantíssimo na faixa etária em questão.

## **Capítulo III - Enquadramento teórico**

### 3.1 Fases de desenvolvimento do desenho

As *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar* (1997) referem-nos a grande importância que representa a educação artística como fundamental para o desenvolvimento global da criança e até para a iniciação à leitura e à escrita.

É importante que a criança possa explorar diversos materiais, desenhar livremente, desfrutar de uma atividade tão importante para um bom e completo desenvolvimento. Segundo Amante (1993), o desenho encontra-se associado ao prazer, descoberta do mundo e expressão livre, o que contribui para o desenvolvimento da criança. A criança através do desenho expressa não aquilo que vê tal como vê mas como sente e interpreta. O desenho da criança mostra assim a sua personalidade, os medos, as alegrias e tristezas, a sua vivência. Para Duquet, citado por Cardoso e Valsassina (1988:82), “ a criança quando desenha reproduz o seu modelo interno e ainda as impressões que vive através dos traços ou formas que executa”.

Na educação Pré-escolar utiliza-se muito a prática do desenho, quer livre quer orientado. Sousa (2003) refere que é ao longo da Educação Pré-escolar que a criança deve contactar com o maior número possível de expressões artísticas para que o desenvolvimento se inicie e para que se prepare para ultrapassar situações que lhe possam surgir no dia a dia.

À medida que a criança cresce vai evoluindo nas suas representações, desta forma Luquet (1979) propõe quatro níveis de desenvolvimento:

- **Realismo Fortuito:** Começa por volta dos 2 anos e põe fim ao período chamado rabisco. Divide-se em dois momentos, o involuntário, em que não há intencionalidade em se representar algo, desenha para fazer linhas e não tem consciência que essas linhas podem representar objetos; e o desenho voluntário, em que a criança inicia a sua representação com a intenção de interpretá-la de acordo com o que lhe é parecido.

- **Realismo fracassado:** Geralmente entre 3 e 4 anos a criança desenha omitindo ou exagerando partes do objeto, de acordo com a importância que representam para ela (descoberta da identidade forma-objeto).

- **Realismo Intelectual:** Dos 4 aos 10-12 anos, caracteriza-se por ser aquele em que a criança representa todo o conhecimento que possui do objeto podendo desenhar até mesmo as suas partes internas, por exemplo, ao representar uma casa, ela desenha também os móveis que estão dentro dela, ou ao desenhar um corpo humano, representa também os seus órgãos internos (diferentes perspetivas). Neste nível a criança utiliza processos variados como a descontinuidade, o rebatimento, a transparência, a planificação e a mudança de pontos de vista.

- **Realismo Visual:** Surge por volta dos 12 anos. A criança representa utilizando as noções de projeção e distância. Isto porque já consegue guardar

mentalmente as proporções do objeto. O grafismo tende a se aproximar das produções adultas.

Segundo Piaget a criança desenha mais o que sabe do que o que realmente vê. Para este autor o grafismo infantil (desenho) divide-se nas seguintes fases:

- **Garatuja:** Faz parte da fase sensória motora (0-2 anos) e da primeira parte da fase pré-operatória. A criança mostra grande prazer ao desenhar e a figura humana não aparece nas representações. A garatuja pode ser dividida em:

- Garatuja desordenada, os movimentos são desordenados parecendo assim mais um exercício motor. A criança faz rabiscos por cima de rabiscos não preservando os iniciais.

- Garatuja ordenada, aparecem traços circulares e a figura humana aparece apenas de forma imaginária.

Nesta fase a criança verbaliza o que vai desenhar mas, se é questionada no final, a sua ideia poderá já não corresponder à ideia inicial.

- **Pré-Esquematismo:** Esta fase faz parte da segunda metade da fase pré-operatória, até por volta dos sete anos quando começa a descobrir a relação entre desenho, pensamento e realidade. Nesta fase os elementos ficam dispersos e não são relacionados entre si. Os movimentos circulares e longitudinais convertem-se em formas reconhecíveis, geralmente o primeiro símbolo criado é um homem. O homem começa por ser desenhado com um círculo a indicar a cabeça e duas linhas verticais que representam as pernas.

Estas representações do homem, cabeça-pés, são comuns em crianças de cinco anos, talvez a criança esteja a tentar, nesta fase, representar-se a si mesma, o que sabe sobre si. Isto mostra que a criança está interessada em primeiro lugar no seu “eu”, a sua perspectiva egocêntrica do mundo é, na verdade, uma visão dela própria.

Nos desenhos e pinturas realizados nesta fase, raramente existe uma relação entre a cor escolhida para pintar um objeto, e o objeto representado. A cor é escolhida consoante o interesse que a criança tem por ela. A criança escolhe as suas cores favoritas para pintar cenas alegres ou pessoas a quem se sente emocionalmente ligado por sentimentos de afeto.

- **Esquematismo:** Faz parte da fase das operações concretas (entre os 7 e os 10 anos). Começa a construir formas diferentes para cada objeto. Começa agora a utilizar uma linha de base e descobre a relação cor-objeto. Já possui um conceito definido da figura humana embora possam surgir exageros, omissões... Aparece a transparência.

- **Realismo:** Aparece no final das operações concretas. Aparecem as figuras geométricas, descobre o plano e a sobreposição, mas deixa de utilizar a linha de base. Nesta fase a criança desenha roupa diferente para cada um dos sexos.

- **Pseudo naturalismo:** Faz parte da fase das operações abstratas (10 anos ou mais). É nesta fase que muitos deixam de desenhar, pois esta deixa de ser uma atividade espontânea. A criança nesta fase tenta encontrar a sua própria personalidade levando assim para o papel as suas angústias e inquietações

características do início da adolescência. Os desenhos representam mais a realidade e a cor é usada conscientemente.

Luquet foi um dos primeiros estudiosos a interessar-se pela evolução cognitiva do desenho da criança, procurando assim, compreender o quê e como a criança desenha, as intenções e interpretações que esta dá aos seus desenhos.

Piaget, por sua vez, ao estudar a evolução do desenho espontâneo da criança, adotou os estágios propostos por Luquet acrescentando mais pormenores e dando maior relevância à representação do espaço.

Para uma análise mais profunda do desenho, na minha opinião, são necessárias estas duas propostas em conjunto, pois estas complementam-se.

Tanto para Luquet como para Piaget, a criança ao passar de um nível para o outro não demonstra só um acréscimo de novos conhecimentos aos adquiridos na fase anterior, há uma reestruturação desses conhecimentos no novo nível para conseguir fazer o que não conseguia até aí, essa reestruturação ou reconstrução depende muito da vivência da criança e o meio em que está inserida.

Os estágios não são rígidos, podendo cada fase prolongar-se mesmo depois da seguinte já ter começado.

Também Vygotsky (1987: p.94) investigou o processo de apropriação do desenho e identifica as seguintes etapas de desenvolvimento:

- **Etapa simbólica**: “representa de forma simbólica objetos muito distantes de seu aspecto verdadeiro e real”

- **Etapa simbólico-formalista**: Os desenhos permanecem ainda simbólicos mas inicia-se uma representação mais próxima da realidade. Os traços são mais elaborados.

- **Etapa formalista veraz**: Nesta fase, as representações gráficas são bastante mais aproximadas ao aspeto observável dos objetos representados.

- **Etapa formalista plástica**: Aqui o sujeito utiliza técnicas mais realistas, mas normalmente deixa de desenhar, só continuam esta atividade os que realmente sentem prazer em fazê-lo.

O desenho representa muito mais do que um simples exercício agradável da criança. É o meio pelo qual a criança desenvolve relações e concretiza alguns dos pensamentos vagos que podem ser importantes para ela. Desenhar é, sem dúvida, uma experiência de aprendizagem.

Os símbolos ou desenhos são a primeira forma verdadeira de representação. São construídos socialmente, mas mantêm uma relação com o objeto que representam, não são arbitrários ou convencionais, ou seja, diferentes grupos podem ter símbolos diferentes para o mesmo objeto.

Nesta atividade, o desenho, como em qualquer outra, é de extrema importância haver uma grande motivação para a criança. A motivação deve fazer da experiência artística muito mais do que uma simples atividade para a criança, deve

estimular a consciência do meio que a rodeia e fazê-la sentir que a atividade artística é muito importante.

Quando o adulto mostra interesse pela atividade e apoio à criança, a criança tende a dedicar-se mais, fazendo desenhos de nível superior aos de crianças em que o professor impõe o que tem de ser feito ou simplesmente desvaloriza a atividade de desenhar.

### 3.2. Fases de desenvolvimento da escrita

Tal como acontece para o desenho também na escrita a criança tem necessidade de tempo e de maturação para aprender. A apropriação da linguagem escrita é um processo complexo que envolve tanto o domínio do sistema alfabético-ortográfico como a compreensão e o uso efetivo da língua escrita em práticas sociais diversificadas.

Segundo Mata (2008), em idade pré-escolar as crianças já se apercebem e referem múltiplas funções da linguagem escrita. Conhecendo as funções da linguagem escrita, contactando com ela, a criança adquire motivação para aprender a escrever. Quando a criança é valorizada naquilo que sabe, sente mais prazer em aprender.

Ao chegar ao ensino formal, a criança possui concepções sobre o desenho e a escrita. Normalmente, já consegue diferenciar os símbolos da escrita de desenhos, O contato com diferentes suportes e tipos de textos permite que as crianças percebam que as letras não são apenas marcas no papel e sim objetos que representam alguma coisa.

A partir dos quatro anos a criança começa a diferenciar o desenho da escrita. O desenho passa a representar a forma dos objetos e a escrita representa o nome deles. Os desenhos que a criança realizava anteriormente, de acordo com o realismo intelectual, começam a não satisfazer o seu espírito crítico desenvolvido e sente-se incapaz de fazer desenhos como queria fazer.

Até à entrada no 1º CEB, a criança deve contactar com a escrita como se esta fosse um jogo que contém regras, para desta forma a escrita deixar de ser uma representação mental e passar a ser uma representação gráfica.

Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) concluíram que na escrita também existem níveis de desenvolvimento na aprendizagem, apontando as autoras quatro fases:

- Pré-silábica, a criança acredita que escrever é reproduzir ou imitar os traços da escrita do adulto. Nesta etapa a criança pode ter a intenção de produzir marcas diferenciando desenhos de letras, mas a sua escrita ainda não pode funcionar como um veículo informativo.

- Silábica, a criança começa a escrever como uma produção controlada pela segmentação silábica da palavra. A escrita neste nível constitui um grande avanço e traduz-se num dos mais importantes esquemas construídos pelas crianças.

- Silábica-alfabética, a criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise, que vá para além da sílaba.

- Alfabética, pode considerar-se que a criança venceu as barreiras do sistema de representação da linguagem escrita.

Segundo Frith (1984, cit. In Vidal & Manjón, 2000) podemos identificar três processos distintos e progressivos na escrita:

- a segmentação em fonemas, processo que diz respeito à consciência de que as palavras se podem segmentar em sílabas e fonemas;

- a conversão de fonemas em grafemas, a aprendizagem destas regras de conversão é um processo fundamental para a escrita nos sistemas alfabéticos;

- a escrita ortográfica, em que a criança aprende a utilizar o seu léxico ortográfico.

A aprendizagem da escrita envolve diferentes processos psicológicos e neurológicos, a escrita começa com uma ideia ou intenção de comunicar que tem origem no cérebro e finaliza num ato psicomotor.

Em termos cognitivos podemos distinguir quatro grandes processos implicados na escrita (García, 1998):

**Módulo de Planificação:**

Esta é a primeira etapa da escrita de um texto e é, nesta fase, que se tomam decisões acerca do objetivo e do conteúdo do que se pretende escrever. Na planificação além de se selecionarem os conteúdos também se organizam as ideias.

**Módulo sintático:**

A escrita de um texto exige a construção de frases tendo em conta as regras e estruturas gramaticais, que vão depender da finalidade do texto.

**Módulo léxico:**

Diz respeito à escolha das palavras adequadas ao tipo de texto que se pretende escrever.

**Módulo motor:**

Este é o módulo, que nesta investigação, mais importância terá para podermos avaliar as crianças em estudo.

Na escrita manual é necessária muita coordenação grafomotora fina para dirigir o traçado das letras e é imprescindível que os processos motores que implicam que os padrões motores das letras e os seus alógrafos estejam armazenados na memória a longo prazo e que determinam a forma, direção, sequência e tamanho dos traços das letras.

Escrever e copiar são processos completamente distintos, visto que, a cópia implica simplesmente uma atividade viso-motora que pode estar alheia a processos linguísticos simbólicos, ou seja, apesar de ser necessário um certo nível de

desenvolvimento a nível de coordenação motora, da percepção visual e da capacidade de transformar o percebido em movimento, o significado pode estar completamente ausente.

No caso do ditado existe uma transposição dos signos linguísticos que se faz do percebido de forma auditiva para os gestos motores, enquanto que na escrita espontânea é exigida uma verbalização adequada do curso das ideias e, só depois, a transposição das palavras em gestos. (Mondero, 1984)

Estas duas dimensões constituem o objeto da aprendizagem inicial da escrita, por um lado conhecer as propriedades gráficas dos diversos caracteres e as convenções da escrita e, por outro lado, a relação entre linguagem escrita e falada no que diz respeito às unidades que estão a ser representadas – fonemas, sílabas ou morfemas (Citoler, 1996).

Também para aprender a escrever, o aluno tem que se sentir motivado e essa motivação, como já referi anteriormente, tem de partir inicialmente do professor. É o professor com a sua própria motivação, gostando de ensinar, que transmite à criança a vontade e o gosto de aprender.

Normalmente a criança ao entrar no 1º ciclo leva já uma grande vontade e entusiasmo para aprender a escrever visto que, hoje em dia, as crianças estão expostas cada vez mais cedo a muita informação, tecnologia que lhes desperta curiosidade e ajuda a adquirir várias conceções sobre a escrita mesmo antes da entrada na escola.

O professor deve aproveitar esta motivação inicial e arranjar estratégias adequadas para manter os alunos motivados, como, por exemplo, utilizar temas do interesse dos alunos para lhes transmitir os conteúdos a abordar, procurar elevar a autoestima do aluno, utilizar atividades desafiadoras...

Podemos assim perceber que a linha de evolução quer do desenho, quer da escrita é faseada, sendo importante respeitar o ritmo de aprendizagem de cada criança, possibilitando-lhe sempre formas de contato e exploração diversificadas.

### 3.3. Relações entre a capacidade de desenhar e a capacidade de escrever

Segundo Adelantado, citado por Catarina Vilar (2010, p.17) “Escrever implica uma grafomotricidade e o desenvolvimento grafomotor está dependente de algumas aquisições prévias: coordenação visuomotora ajustada, constância da forma, memória visual e auditiva, uma correta pega de preensão do lápis, boa coordenação entre preensão do lápis e preensão sobre o papel, uma integração do traço na estrutura bidimensional do papel, a automatização do varrimento perceptivo-motor, a



capacidade para codificar e descodificar simultaneamente os sinais visuais e auditivos, uma melodia cinética na rotação e encadeamento de sequências.”

Partindo do princípio que, de facto, a escrita está dependente de todas estas aquisições grafomotoras referidas anteriormente, podemos concluir que a prática da atividade de desenhar se torna indispensável antes da iniciação à escrita.

É através do desenho que a criança irá desenvolver por exemplo uma correta pega de prensão do lápis, assim como uma integração do traço na estrutura bidimensional do papel e por aí fora. Quanto mais a criança praticar a atividade de desenhar mais controlo grafomotor irá demonstrar.

Como sabemos a escrita é muito mais do que só um ato motor, implica também fatores linguísticos (níveis sintático, léxico e semântico), textuais e contextuais. Também a este nível o desenho pode ajudar a criança no seu desenvolvimento pois segundo Vigotsky (2008: p.141) “O desenvolvimento da linguagem escrita nas crianças dá-se pelo deslocamento do desenho de coisas para o desenho de palavras. [...] Na verdade, o segredo do ensino da linguagem escrita é preparar e organizar adequadamente essa transição natural.”

Desenho e escrita são formas de representação, são expressões da função semiótica e têm em comum a mesma origem gráfica.

Pillar, (1996: p.29), baseando-se em Ferreiro e Luquet, propõe que inicialmente há uma origem comum do desenho e da escrita, momento em que o desenho é involuntário (realismo fortuito) e a escrita começa como um desenho.

Num segundo momento a criança passa a distinguir o desenho da escrita, entra na fase do desenho voluntário e situa-se na fase da escrita pré-silábica.

Posteriormente a criança começa a diferenciar as diferentes formas dos elementos, tanto no desenho como na escrita, mas ainda se mantém na escrita pré-silábica e sem se preocupar com a relação fonema /grafema.

No momento seguinte há uma grande evolução aprofundando as diferenciações entre os elementos, passando a coordená-los entre si. No desenho é a fase do realismo intelectual, em que começa a coordenar as representações de forma e espaço. Na escrita, a criança passa a fonetizar, dando atenção às propriedades sonoras.

Avança nas etapas de desenvolvimento da escrita (fases silábica, silábica-alfabética e alfabética) chegando à etapa final deste desenvolvimento paralelo. Nesta etapa começa a aperfeiçoar os dois sistemas. O desenho entra no realismo visual e na escrita aprende a ortografia, nesta fase percebe que escrever como se fala não é suficiente.

Catarina Eloísa Carpinteiro Vilar desenvolveu um estudo em 2010, no âmbito da obtenção do grau de mestre em Reabilitação psicomotora, que compara e relaciona as competências de aprendizagem com os fatores psicomotores dos alunos. Através

desse estudo podemos verificar que, de facto muitas das dificuldades de aprendizagem podem ter origem a nível psicomotor.

É também de referir Maria Margarida Gomes de Oliveira (2010), que desenvolveu um estudo bastante interessante, no âmbito da obtenção do grau de mestre em Psicologia da Educação e Intervenção Comunitária, que mostra as dificuldades de aprendizagem das crianças no 1º ciclo do Ensino Básico, nomeadamente as dificuldades de aprendizagem da escrita (disgrafia e disortografia). O estudo desta autora fala-nos dos vários processos implicados na escrita, nomeadamente, o módulo motor onde podemos constatar a importância do desenvolvimento da motricidade para o bom desempenho na escrita.

## **Capítulo IV - Investigação**

## 4.1. Aspectos metodológicos

Como vimos no ponto 3.3., parece existir uma relação entre o desenvolvimento e a motivação na atividade de desenho e o desenvolvimento e a motivação na atividade de escrita, por isso, a presente investigação tem como tema central a importância do desenho na aprendizagem da escrita.

Ao observarmos crianças em idade pré-escolar, constatamos que umas gostam de desenhar e parecem ter uma enorme habilidade para o fazer e outras nem demonstram grande interesse por esta atividade nem parecem ter particular jeito para esta arte gráfica. O mesmo verificamos em relação à escrita. Muitas são as crianças que, ainda no pré-escolar já tentam desenhar letras e mostram grande interesse nessa atividade, passam grande parte do tempo a fazer grafismos e a tentar desenhar palavras que vêm escritas em seu redor. Em contrapartida, observam-se algumas crianças para quem o grafismo é uma atividade desinteressante e o desenho de letras uma tarefa que só é realizada se um adulto lhes pedir que o faça.

### 4.1.1. Questões de investigação

As questões de investigação são o primeiro e mais importante passo de uma investigação. Estas questões são os guias que orientam o tipo de informação necessária, são fundamentais na análise da informação recolhida e ajudam o investigador a não se perder no seu estudo mantendo sempre o rumo para as conclusões e respostas possíveis.

Olhando para a educação pré-escolar reparamos que o desenho é uma técnica utilizada quase diariamente para a criança se poder expressar, no entanto nem todas as crianças mostram o mesmo interesse e prazer em fazê-lo, nem se encontram no mesmo nível de desenvolvimento relativamente à representação do desenho. Recorrendo a observações feitas em prática de jardim de infância, pude constatar que existem crianças muito cuidadosas nos seus desenhos, utilizando diversas cores, materiais e formas, para transmitir o que pretendem (perfeição ao desenhar) enquanto que outras se limitavam a usar uma só cor em todo o desenho realizando-o no menor tempo possível. Do que pude observar, as primeiras crianças eram também as que mostravam maior motivação nesta atividade e as segundas menor motivação (motivação para o desenho).

Também no 1º ciclo do Ensino Básico existem crianças que aprendem mais facilmente a desenhar as letras e mostram entusiasmo em fazê-lo; enquanto que outras têm mais dificuldade em iniciar esse processo e parecem menos interessadas nele. Estará o nível de representação do desenho em que a criança se encontra relacionado com a maior ou menor facilidade em desenhar as letras?

Tendo em conta estes dados obtidos a partir da nossa observação, partimos para a definição do seguinte problema:

Será relevante o nível de representação do desenho em que as crianças se encontram e a motivação que sentem ao fazê-lo para a aprendizagem do desenho das letras no 1º CEB?

Portanto, ao longo da nossa formação como educadora/professora de 1º CEB e da nossa observação do meio Pré-Escolar e do meio 1º CEB, foram-se-nos levantando as seguintes questões de investigação:

- “Será que a criança que sente motivação para desenhar tem mais facilidade em começar a desenhar letras?”,

- “Será que a criança que se encontra num nível mais avançado na representação do desenho terá mais facilidade em desenhar letras e escrever palavras?”

Creemos que a resposta a estas duas questões basilares nos ajudará como futura educadora/professora de 1º CEB a perceber a relação existente entre estas duas formas de representação, uma da visão da realidade circundante e outra a representação escrita da linguagem oral, no fundo dois sistemas simbólicos. As respostas obtidas ajudar-nos-ão também a encontrar atividades de reforço ou de ampliação para crianças que iniciam a aprendizagem sistemática da leitura e da escrita.

#### 4.1.2. Objetivos gerais e específicos

Os objetivos gerais são os que generalizam a totalidade do problema da pesquisa, devendo ser elaborados com um verbo de precisão, evitando ao máximo uma possível distorção na interpretação do que se pretende pesquisar. São amplos, abrangentes e são observáveis a longo prazo.

Os objetivos específicos fazem o detalhamento ou desdobramento dos objetivos gerais, são aqueles que expressam uma ideia particular, são objetivos mais concretos e bem explícitos para que possam ser observados a médio e a curto prazo. Estes devem ser iniciados com o verbo no infinitivo.

Os objetivos gerais da nossa investigação são:

1. Determinar a fase de desenvolvimento do desenho em que as crianças selecionadas se encontram.
2. Determinar a fase de desenvolvimento da escrita em que as mesmas crianças se encontram.

Os objetivos específicos da nossa investigação são os que apresentamos a seguir.

1.1. Identificar em que nível de representação do desenho se encontram as crianças da amostra que selecionámos.

1.2. Identificar o grau de envolvimento/motivação das mesmas crianças ao desenhar livremente.

1.3. Identificar o grau de envolvimento/motivação das mesmas crianças ao realizar um desenho orientado.

2.1. Identificar em que nível de representação da escrita se encontram as crianças da amostra que selecionámos.

2.2. Identificar o grau de envolvimento das crianças da amostra ao escreverem palavras/textos.

2.3. Identificar o grau de envolvimento das crianças da amostra ao fazerem cópia de frases.

#### 4.1.3. Metodologia

Para levar a cabo a investigação que nos propusemos realizar, optámos por uma tipologia de investigação qualitativa.

A investigação qualitativa é aquela em que a realidade é interpretada a partir das perceções dos sujeitos investigadores. O objetivo desta tipologia de investigação é compreender a realidade observada e encontrar significados, quer através de observações quer através de narrativas verbais. Este tipo de investigação é, normalmente, levado a cabo em situações naturais, espontâneas, por isso é um tipo de investigação passível de ser realizada em sala de aula pelo próprio professor.

Esta metodologia é particularmente apropriada quando procuramos descrever, explorar e compreender acontecimentos ou contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos vários fatores. Procura problematizar, construir ou desenvolver uma nova teoria. É, pois, um tipo de investigação apropriada para descrever e compreender o universo de reduzidas dimensões que é uma turma específica de 1º CEB.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa é de carácter descritivo e interpretativo. O investigador descreve os participantes e os locais, analisa os dados para configurar temas ou categorias, faz uma interpretação dos dados e retira conclusões.

Optámos pela investigação qualitativa no presente estudo porque o objetivo era apenas observar, analisar e compreender o universo reduzido de crianças que integrava a turma onde decorreu a nossa prática pedagógica. Também tínhamos a vantagem de o próprio investigador estar presente no local, para ir recolhendo dados com o maior detalhe possível e para analisar os resultados obtidos com base no conhecimento de cada uma das crianças que fizeram parte da amostra. No fundo, o investigador tentou vivenciar e compreender os problemas da aquisição da escrita

sentidos por aquelas crianças em particular, relatando e tirando conclusões dessas mesmas vivências.

Quanto à recolha de dados, nesta investigação foi apenas levada a cabo pelo próprio investigador, o qual desempenhou simultaneamente o papel de estagiário e de investigador. Especificamente, optámos pelo estudo de caso, que é um processo de investigação com o qual se pretende estudar um fenómeno contemporâneo no contexto real em que este ocorre.

Yin, (1994: p.13) refere que o estudo de caso é um processo de investigação empírica com o qual se pretende estudar um fenómeno contemporâneo no contexto real em que este ocorre, sendo particularmente adequado ao seu uso quando as fronteiras entre o fenómeno em estudo e o contexto em que ele ocorre não são claramente evidentes. Acrescenta ainda que pelo facto de muitas vezes ser difícil isolar o fenómeno em estudo do contexto em que ocorre, é normalmente necessário usar múltiplas fontes de evidência (dados) e cruzar (triangular) os diferentes dados recolhidos.

Gomez, Flores & Jimenez (1996), referem que o objetivo geral de um estudo de caso é: “explorar, descrever, explicar, avaliar e/ou transformar.”

No nosso caso, optou-se por realizar um estudo de caso, por se tratar de um tema pouco estudado (relação entre desenho e escrita) e que, aparentemente, não terá conclusões claras, evidentes. Seleccionámos a amostra que considerámos mais pertinente, no universo da turma de 2º ano do 1º CEB, onde realizámos a prática supervisionada. O nosso intuito principal foi observar, avaliar, descrever o que observámos e refletir sobre os resultados obtidos.

Quanto ao investigador, escolhemos a tipologia de investigador participante, pois a observação foi feita por nós no terreno, a partir de atividades que propusemos às crianças e da observação direta.

## 4.2. Métodos e técnicas de recolha de dados

Para Lakatos & Marconi (1990) quer os métodos quer as técnicas de recolha de dados devem estar em conformidade e adequar-se ao tipo de problema a ser estudado, às hipóteses levantadas a partir do mesmo e que se queiram confirmar e às características dos informantes com os quais se entrará em contato ao longo do processo investigativo.

Sob a perspectiva de Bogdan & Taylor (1986), o investigador deve envolver-se no campo e ação dos investigados, na medida em que se assume como determinante conversar, ouvir e permitir ao entrevistado a sua livre expressão.

Sendo este um estudo de caso, pode recorrer-se a várias técnicas próprias da investigação qualitativa. Neste sentido foram escolhidos como instrumentos desta investigação a observação participante, notas de campo, entrevistas semiestruturadas à professora da turma em questão e aos alunos selecionados, os trabalhos realizados pelas crianças e a escala de envolvimento.

#### Observação Participante:

Segundo Lakatos & Marconi (1990) a observação assume-se como uma técnica que permite recolher dados que conduzam à obtenção de informações. Este tipo de técnica recorre aos sentidos como elementos fundamentais da recolha de aspetos da realidade.

Para Martins (1996) é um fenómeno multifacetado usado no processo de investigação educacional e de toma de decisões. “Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar factos ou fenómenos que se desejam estudar” (Lakatos, E. & Marconi, M. (1990:286)). É uma ferramenta científica que permite registar e armazenar os dados observados (Martins, E.;1996).

Almeida & Pinto (1995:105) sublinham que “a característica diferencial da observação participante, em relação às outras técnicas, consiste na inserção do observador no grupo observado, o que permite uma análise global e intensiva do objeto de estudo.

#### Notas de Campo:

Para Lakatos & Marconi (1990), a pesquisa de campo caracteriza-se pela observação dos factos e fenómenos tal como estes ocorrem espontaneamente, na recolha dos dados a eles referentes, assim como pelo registo de variáveis relevantes para análise dos mesmos.

Tal como refere Bogdan & Biklen (1994:150) será feito o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo”. Foram escolhidas notas de campo como instrumento desta investigação, pois foi através deste instrumento que se pôde registar as observações, detetando assim indicadores que nos ajudaram a interpretar algumas teorias ou conclusões.

As observações podem ser anotadas no momento em que ocorrem (de forma escrita ou áudio-visual) ou após a ocorrência (registo escrito). Referem Cohen & Manion (2000) que o registo seja feito o mais rapidamente possível, tendo o cuidado de retratar os factos de forma clara e nítida. No nosso caso, as observações foram registadas por escrito no momento em que estas ocorreram.

#### Entrevista

Segundo Fontana e Frey (1994), citados por Candeias (1996:21), “ a entrevista é possivelmente o método e /ou técnica de investigação qualitativa mais vulgar e



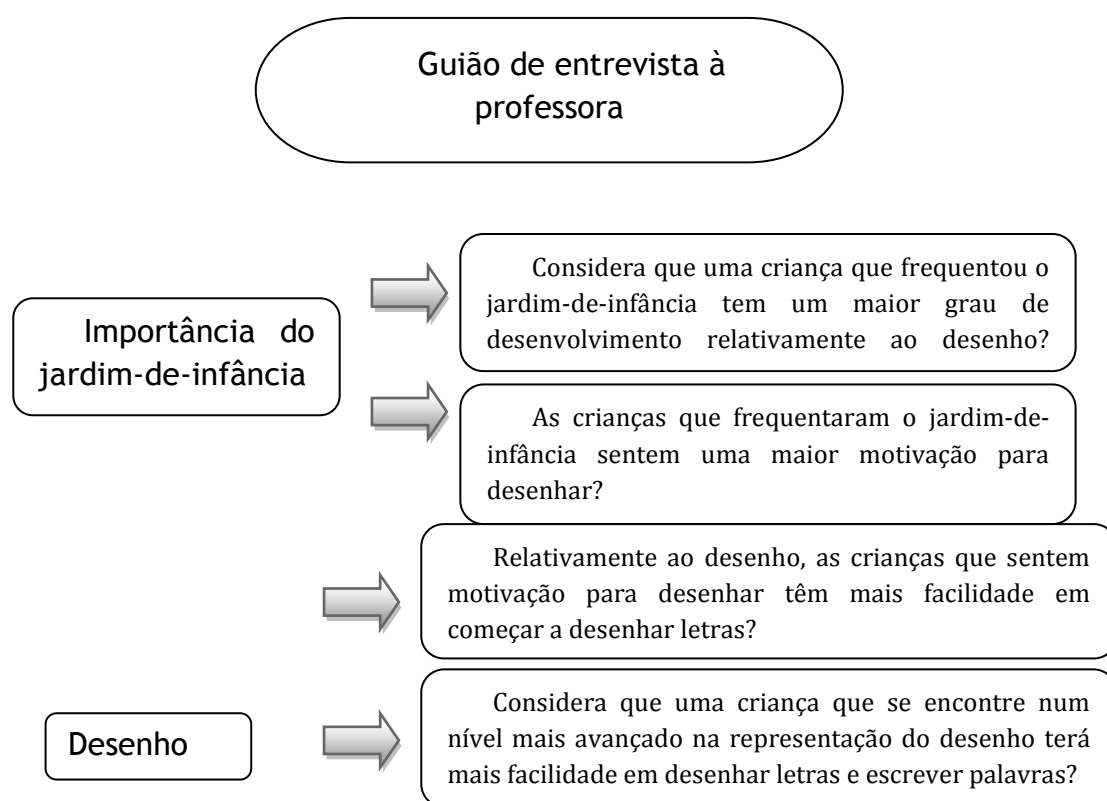
antiga para obter informação das pessoas em todas as situações práticas (os métodos de recolha de dados classificam-se em função do seu carácter direto ou moderadamente indiretos)”.

A entrevista permite “indagar o contexto e as razões das respostas dos entrevistados”. Insere-se na observação não participante, no “terreno vasto do inquérito e em outras situações de experiências” (Martins, 1996:21).

O tipo de entrevista escolhido foi a semiestruturada, esta caracteriza-se pela existência de um guião previamente preparado que orienta a entrevista com questões livres e abertas não existindo uma obrigatoriedade na ordem em que são colocadas as questões.

Mas é necessário não esquecer alguns aspetos essenciais antes, durante e depois da entrevista. Antes da entrevista é de extrema importância definir o objetivo, construir o guia, escolher os entrevistados e preparar as pessoas a serem entrevistadas. Todos estes passos; antes, durante e depois da entrevistas foram realizados nesta investigação.

Estas entrevistas foram feitas à professora da turma estudada (Fig. 21) e às crianças selecionadas (Fig.22) e foram registadas de forma escrita. Foram colocadas questões à professora que ajudem a conhecer a turma em relação ao problema levantado e tentar perceber se haverá ligação entre o desenho e a aprendizagem da escrita. Quanto às crianças, estas foram questionadas sobre a frequência com que desenhavam e escrevem e o prazer que estas atividades lhes proporcionam. Para uma melhor compreensão da forma como foram construídos os guiões das entrevistas, segue-se um esquema elucidativo de cada um deles.



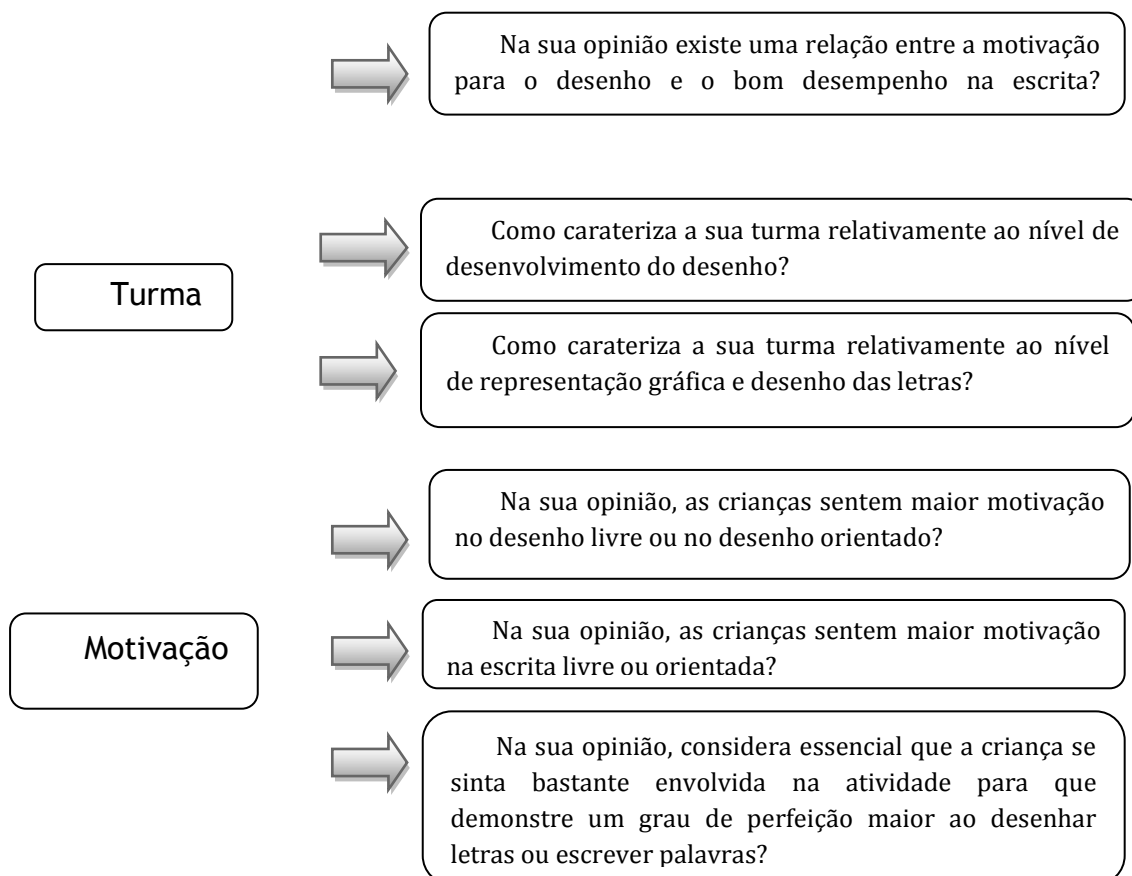
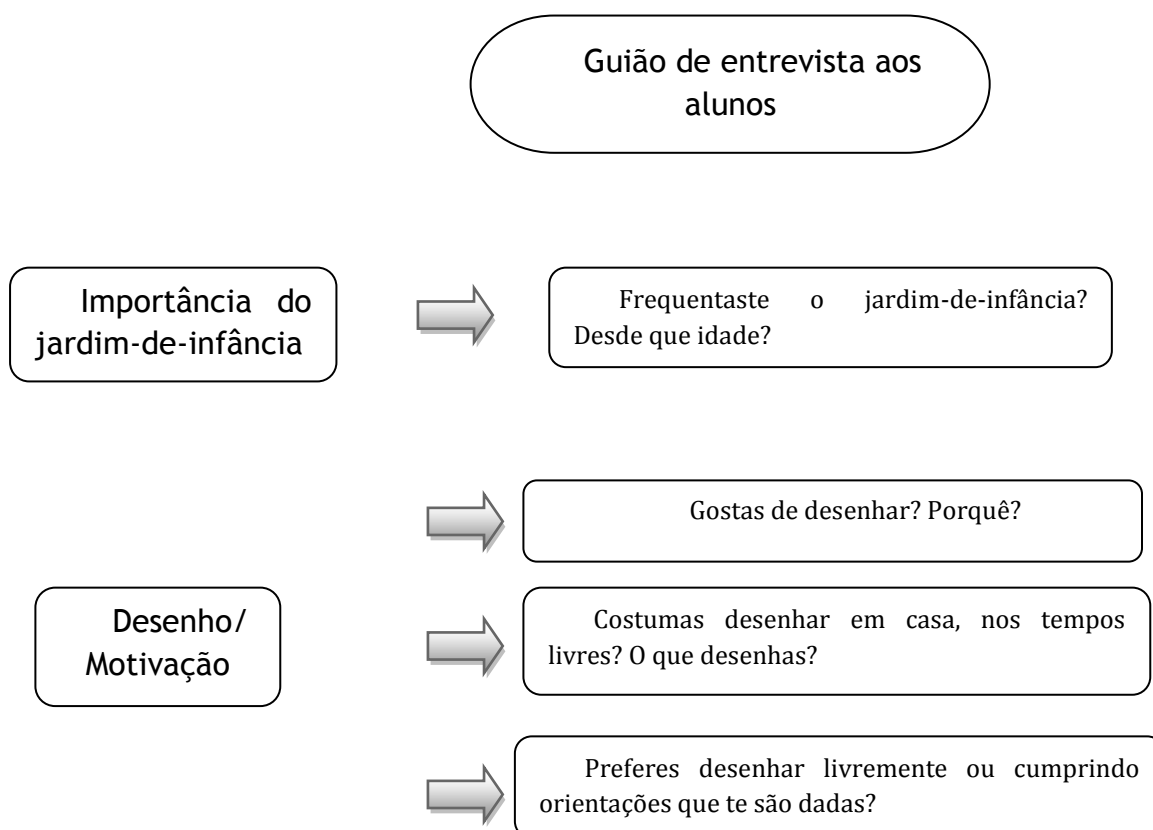


Fig. 21 - Guião de entrevista à pro.<sup>a</sup> cooperante



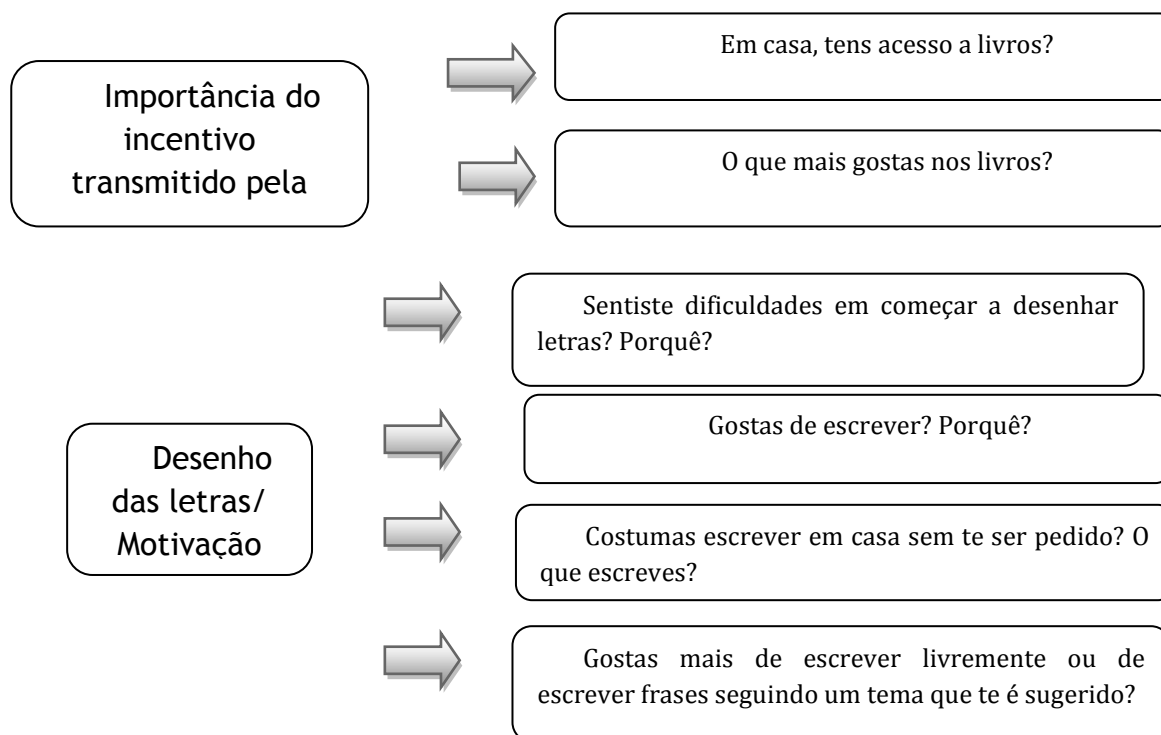


Fig.22 - Guião de entrevista realizada às crianças.

### Trabalhos realizados pelas crianças:

Ao longo da investigação foram propostas diversas atividades às crianças, como desenhos livres e orientados ou desenho de letras e escrita de palavras.

Estes trabalhos foram alvo de observação e registo em notas de campo, de forma a poder interpretar o nível em que se encontram as crianças, o grau de envolvimento/prazer em realizar tais atividades e se as atividades são realizadas com perfeição. Foram também recolhidos trabalhos realizados no final da Educação Pré-escolar e no 1º ano do 1º ciclo do Ensino Básico.

### Escala de Envolvimento:

O envolvimento caracteriza-se por uma forte motivação pela atividade que está a ser desenvolvida. Quando não há distância entre a criança e a atividade significa que estamos perante um forte envolvimento. F. Laevers refere que quando há envolvimento na atividade há sempre desenvolvimento na criança, ou seja, quando a criança sente prazer/gosto na atividade que está a desenvolver tende a dedicar-se mais a esta, conseguindo assim obter melhores resultados e desenvolver mais facilmente as suas capacidades.

Segundo a escala de Envolvimento de Lovaina existem 5 níveis:

- Nível 1- Não existe atividade. A criança está mentalmente ausente.

- Nível 2- Ações com muitas interrupções. A criança age de forma intermitente, não se concentrando em nenhuma atividade.

- Nível 3- Já há atividade propriamente dita mas sem intensidade. A criança está a realizar uma atividade mas falta-lhe concentração, motivação e prazer nessa mesma atividade.

- Nível 4- Neste nível já há momentos de intensa atividade mental.

- Nível 5- Há um envolvimento total, expresso pela concentração e implicação absolutas que quando é interrompido cria fortes frustrações.

Durante a observação das crianças, foi utilizada esta escala de envolvimento para registar em que nível estas se encontravam ao realizarem as tarefas propostas.

### 4.3. Descrição do estudo

A investigação foi organizada da seguinte forma. Inicialmente tentámos integrar-nos na turma, dando tempo às crianças para se adaptarem a nós e vice versa. Desta forma, a nossa amostra futuramente sentir-se-ia mais à vontade na nossa presença, não condicionando as observações e os resultados.

De seguida, observando os trabalhos que as crianças iam desenvolvendo com a professora cooperante, pudemos escolher para a nossa amostra quatro crianças (mais desenvolvidas a nível do desenho e duas com menor envolvimento no desenho). Tendo as crianças selecionadas passámos aos pedidos de autorização dos pais para que as crianças pudessem participar no estudo, construção das entrevistas e dos parâmetros a observar (notas de campo). Nesta primeira fase houve uma recolha de trabalhos realizados em idade pré-escolar e outros realizados na data em que estávamos.

Numa segunda fase, pediu-se às crianças para desenharem livremente e escreverem livremente, posteriormente para desenharem segundo regras estabelecidas e copiarem frases que lhes foram facultadas. Aplicaram-se, nesta altura, as entrevistas aos participantes e à professora cooperante. No final procedeu-se a mais uma recolha de trabalhos realizados na data presente, de forma a podermos observar as evoluções ou retrocessos ocorridos, paralelamente a tudo isto foram-se registando notas de campo e fazendo pesquisas complementares.

#### 4.3.1. Sujeitos do estudo

Geralmente o número de indivíduos de uma população é demasiado elevado para ser possível observá-los todos, pelo que se torna necessário selecionarmos apenas alguns elementos que representem essa população. Aos indivíduos selecionados chamamos de amostra.

No nosso caso, pareceu-nos que todas as crianças da turma seria um número muito elevado de crianças para observar, uma vez que o tempo da investigação era muito escasso e que, em virtude da investigadora ter que acumular o papel de estagiária, seria muito difícil lecionar e, em simultâneo, observar todo o grupo-turma. Por isso, seleccionámos uma pequena amostra, que descrevemos mais à frente.

A nossa população é constituída por todas as crianças de uma turma de 2º ano, de 1º CEB, da Escola da Mina, pertencente ao agrupamento Afonso de Paiva e estes sujeitos estiveram envolvidos no estudo até ao final da prática supervisionada em Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico (sensivelmente de outubro de 2012 a fevereiro de 2013). Todas as crianças da turma desenvolveram as atividades propostas embora se tenham selecionado para a investigação apenas uma pequena amostra de conveniência. Esta amostra é constituída por duas crianças de um nível mais avançado na representação do desenho e duas crianças que se encontram num nível menos avançado na representação do desenho. Tendo em conta que a professora da mencionada turma tem destas crianças um conhecimento aprofundado, foi-lhe solicitado que desse uma sugestão quanto aos indivíduos a selecionar. Foi, assim que, seguindo a indicação da professora da turma e seguindo a nossa própria convicção (resultante da observação prévia que efetuámos), que determinámos esta amostra de quatro indivíduos.

#### 4.3.2. Tarefas

Em primeiro lugar, foi pedido às crianças que realizassem um desenho livre e posteriormente um desenho orientado, podendo estas escolher o material para a sua realização (lápiz de cor, bicas de feltro, guache...). Pretendeu-se com estas atividades diagnosticar, perceber em que nível da representação do desenho se encontravam as crianças, se as crianças sentiam motivação ao realizar estas tarefas e se o faziam com perfeição. Em segundo lugar, foram pedidas às crianças duas tarefas: uma de cópia de sete frases (Anexo XVI) sobre uma história que estava a ser estudada e posteriormente foi-lhes pedido que escrevessem um texto livre, dando-lhes a liberdade de escolher o tema e os materiais para escrever. Estas atividades serviram para diagnosticar em que nível da representação da escrita se encontravam as crianças da nossa amostra e o nível de motivação que demonstravam ao realizá-las. As atividades foram realizadas em dias diferentes. No final do estágio recolheram-se trabalhos realizados por estas crianças no ano anterior, 1º ano do 1º ciclo do Ensino Básico (Anexo XVII) e trabalhos realizados no final do jardim-de-infância (Anexo XVIII).

### 4.3.3. Fases do estudo

Numa primeira fase, e ao longo de todo o estudo, foram feitas notas de campo, para registar as observações, mostrando indicadores do nível em que se encontram as crianças relativamente ao desenho, o nível de envolvimento ou distanciamento das atividades propostas e a perfeição com que realizam as tarefas.

Foi também realizada uma entrevista à professora daquela turma de forma a compreender o que pensa acerca das questões levantadas e como avalia a sua turma relativamente ao desenho e desenho das letras.

A partir daqui começando a analisar todos os dados recolhidos e com o apoio de uma revisão de literatura feita paralelamente a esta investigação, começámos a chegar a algumas respostas/conclusões para a questão principal.

Em baixo encontra-se o cronograma mostrando quando é que cada uma das tarefas foi realizada.

Tab. 2 – Cronograma das atividades da investigação.

<b>Mês</b>	<b>Outubro 2012</b>	<b>Novembro 2012</b>	<b>Dezembro 2012</b>	<b>Janeiro 2013</b>	<b>Fevereiro 2013</b>	<b>Março 2013</b>	<b>Abril 2013</b>	<b>Maió 2013</b>
<b>Tarefas</b>								
<i>Pedidos de autorização</i>	<b>X</b>							
<i>Construção da entrevista</i>	<b>X</b>							
<i>Construção dos parâmetros a observar/ notas de campo</i>	<b>X</b>							
<i>Aplicação da entrevista à prof. Cooperante</i>					<b>X</b>			
<i>Aplicação da entrevista às crianças</i>					<b>X</b>			
<i>Recolha de notas de campo</i>	<b>X</b>		<b>X</b>		<b>X</b>			
<i>Recolha de trabalhos realizados</i>	<b>X</b>				<b>X</b>			
<i>Pesquisas complementares</i>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>
<i>Análise de dados</i>						<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>
<i>Redação Final</i>						<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>

**Capítulo V -  
Análise e tratamento de dados**

## 5.1. Análise e tratamento de dados

Os instrumentos utilizados na recolha de dados foram: um trabalho de desenho livre que se encontra em anexo XIV, um trabalho de desenho orientado (o qual teve como base um texto explorado pelas crianças na area do Português) poderá ser visto em anexo XV, uma tarefa de escrita livre que se pode verificar em anexo XVI e, por fim, um trabalho de cópia que pode ser consultado em anexo XVII. Para verificar o nível de envolvimento demonstrado pela criança ao desempenhar as tarefas propostas, foi utilizada a escala de envolvimento de Lovaina. Escala esta que nos foi dada a conhecer pela docente da unidade curricular de Investigação e está disponível online para ser consultada.

Seguidamente apresentaremos na tabela nº 3 os resultados obtidos nas tarefas de desenho propostas às crianças da nossa amostra. Posteriormente será apresentada a tabela nº 4, onde verificamos os resultados obtidos nas tarefas de escrita e cópia.



Fig.23 - Desenho livre aluno A



Fig.24 - Desenho orientado aluno A



Fig.25 - Desenho livre aluno B



Fig.26 - Desenho orientado aluno B





Fig.27 - Desenho livre aluno C



Fig.28 - Desenho orientado aluno C



Fig.29 - Desenho livre aluno D



Fig.30 - Desenho orientado aluno D

Tab. 3 - Resultados obtidos nas tarefas de desenho

Aluno	Desenho Livre		Desenho orientado	
	Nível do desenho <sup>++</sup>	Envolvimento demonstrado*	Nível do desenho <sup>++</sup>	Envolvimento demonstrado*
A	Esquematismo	Nível 4	Realismo	Nível 5
B	Pré-esquematismo	Nível 3	Realismo	Nível 5
C	Pré-esquematismo	Nível 5	Esquematismo	Nível 3
D	Esquematismo	Nível 4	Esquematismo	Nível 3

\*níveis baseados na escala de envolvimento de Lovaina / ++níveis baseados segundo Piaget



Tab.4 - Resultados das tarefas de escrita

Aluno	Escrita Livre		Cópia	
	Nível de escrita**	Envolvimento demonstrado*	Nível de escrita**	Envolvimento demonstrado*
A	Alfabética	Nível 5	Alfabética	Nível 3
B	Alfabética	Nível 5	Alfabética	Nível 4
C	Alfabética	Nível 3	Alfabética	Nível 2
D	Alfabética	Nível 3	Alfabética	Nível 3

\*níveis baseados na escala de envolvimento de Lovaina / \*\*níveis baseados segundo Emília Ferreira e Ana Teberosky

## 5.2. Análise dos resultados:

### 5.2.1. 1ª Tarefa - Desenho Livre

A primeira tarefa sugerida foi que desenhassem livremente (anexo XIV) sobre o que entendessem. Vamos, agora, debruçar-nos sobre os resultados obtidos.

O aluno A ao desenhar livremente mostrou muita motivação e interesse em fazê-lo. Manteve-se algum tempo bastante concentrado, mas após 5 minutos começou a distrair-se um pouco com o que se passava à sua volta, falando de outros assuntos, nomeadamente desenhos animados, chegou até a cantar durante a atividade.

O primeiro desenho a ser feito foi o porco, de seguida preencheu a restante folha com os bonecos representativos de uns desenhos animados da televisão. Preencheu totalmente a folha com desenhos embora nem todos tivessem concordância entre si. Houve uma consciente utilização das cores e todos os desenhos foram preenchidos com cor. Para colorir optou por utilizar bicas de feltro tendo pintado com precisão e cuidado.

O aluno B mostrou alguma desconcentração e pouca motivação ao iniciar a atividade de desenho livre, retirando todas as canetas do estojo e demonstrando indecisão na escolha das cores; ainda assim fez uma consciente utilização das cores. Não preencheu todos os desenhos com cor, o que leva a crer que teria alguma pressa em terminar o desenho. Neste desenho não é visível a utilização de uma linha de base e os desenhos não têm qualquer concordância entre si.

Ao desenhar omitiu os corpos da figura humana, no entanto tentou fazer alguns pormenores do rosto das figuras humanas, como sobrancelhas e uma boca que estava presente num cartaz afixado na sala de aula. Não conseguindo desenhar a

boca como pretendia mostrou-se desiludido e referiu: “- Que horror, não consigo.”. Omitiu também os corpos dos animais representados.

Quanto ao aluno C podemos afirmar que estava bastante motivado para a realização desta tarefa, verbalizando constantemente o que iria desenhar. Mostrou com entusiasmo o material que escolheu para colorir o desenho: bicas de feltro com a particularidade de terem um bico fino e, do lado oposto, um bico mais grosso.

Notou-se, neste aluno, uma grande concentração, por vezes parava por uns segundos a atividade para pensar como o fazer e depois de tomada a decisão verbalizava o que tinha decidido. Passados cerca de 5 minutos este aluno mantinha-se ainda bastante concentrado. Nota-se uma grande mistura de desenhos para preencher a folha na totalidade, embora esses desenhos não tenham concordância entre si. Omitiu os corpos da figura humana e dos animais, no entanto coloriu todos os desenhos com precisão e tentou fazer pormenores identificativos, como as pintas dos dalmatas. Este aluno demorou muito mais tempo do que qualquer outro, parecia achar que o desenho nunca estava perfeito.

O aluno D, nesta atividade mostrou-se bastante motivado por poder desenhar o que quisesse, tendo optado por desenhar a sua família. Ao contrário dos outros três alunos em estudo, este, escolheu os lápis de cor para colorir o seu desenho.

Há a preocupação de a figura humana estar completa, representa também os tamanhos das figuras diferenciando-os (o facto de o pai estar mais pequeno do que a mãe não representa a realidade, poderá representar o grau de importância que tem para a criança). Ao colorir o desenho houve uma consciente utilização das cores, embora, nesta altura (passados 7 minutos), já se começasse a notar algum cansaço e desmotivação.

### 5.2.2. 2ª Tarefa - Desenho Orientado

Como já referimos anteriormente, o desenho orientado foi feito com base num texto escrito fornecido aos alunos (anexo XI). Este texto já fora anteriormente explorado na área do Português. Após a releitura deste mesmo texto, foi dada a indicação aos alunos de que poderiam iniciar o desenho.

Na tarefa de desenho orientado (anexo XV), o aluno A, mostrou um interesse superior ao demonstrado na tarefa de desenho livre.

Teve a preocupação de desenhar as figuras humanas por completo, vestidas e colocando-lhes pormenores identificativos como os laços na cabeça. Houve uma correta utilização das cores e é visível a presença de uma linha de base. Nesta tarefa, o aluno teve a preocupação de desenhar em perspetiva, não esquecendo os diferentes

tamanhos das meninas e as posições que ocupavam. Passados cerca de 5 minutos o aluno ainda estava bastante envolvido na atividade tentando não se esquecer de nenhum pormenor.

O aluno B mostrou também muito mais motivação para desenhar o que lhe era proposto do que para desenhar algo livre. Nesta tarefa, o aluno, sabia exatamente o que tinha de desenhar mostrando assim maior segurança e certeza do que iria fazer.

Utilizou corretamente as cores para colorir o seu desenho, representou todas as figuras humanas por completo e procurou desenhar todos os pormenores que eram referidos no texto. Diferenciou os tamanhos das meninas e desenhou-as em perspetiva ( como na segunda figura em que uma menina se colocou atrás da outra). Teve o cuidado de colocar balão de fala e até uns traços a sair da boca de uma das figuras para dar a entender que aquela figura estaria a falar. Passados cerca de 5 minutos aquele aluno mantinha-se ainda bastante atento e envolvido na tarefa que lhe foi proposta.

O aluno C, ao contrário dos anteriores, mostrou mais motivação para desenhar livremente do que para desenhar o que lhe era pedido. Seguindo o texto, leu e releu e ainda assim não conseguia decidir como representar o que estava escrito no texto. Ao longo da tarefa, a sua indecisão e desmotivação são notórias, chegou a apoiar a cabeça no seu braço para descansar.

Começou então, passado algum tempo, por desenhar uma figura humana muito pequena, que acabou por reproduzir novamente nas duas quadrículas seguintes mudando-lhe apenas a cor da roupa. Não houve qualquer traço característico que nos pudesse remeter para o texto. Na quarta quadrícula desenhóu o pormenor das meninas estarem caídas no chão, mas com traços extremamente grosseiros e indefinidos; não se chega a perceber muito bem se serão meninas ou não que estão representadas. Na sexta quadrícula e na última diferenciou as alturas das meninas, mas a falta de pormenores característicos do texto continuou a ser evidente. Apesar de tudo isto, houve uma consciente utilização das cores para colorir o seu desenho.

O aluno D, apesar de não estar muito motivado para desenhar o que lhe tinha sido pedido, lá começou a sua tarefa e depois de passados poucos minutos pareceu estar já muito mais envolvido e entusiasmado com o seu trabalho do que inicialmente.

Desenhóu as três meninas, embora não tenha diferenciado os tamanhos delas, colocou-lhes um traço identificativo (laço na cabeça). Tentou fazer pormenores referidos no texto, como as dalias e os bichinhos na parede, mas de uma forma rápida e sem cor. Deu para perceber que tentou corresponder ao que lhe era pedido, mas

com vontade de terminar o mais rápido possível. Passados cerca de 5 minutos a criança pretendia terminar a tarefa. Contudo, há um certo realismo na representação das meninas que têm saias vestidas de cores diferentes, os laços, os cabelos com franjas, entre outros pormenores.

É curioso o facto de este aluno na figura cinco ter desenhado o pai das meninas de tamanho muito inferior ao destas. Não sabemos a razão desta incongruência, mas talvez tenha tido alguma influência o facto de o papel dele na história não ter tanta relevância.

### 5.2.3. 3ª Tarefa - Escrita Livre

Os quatro alunos da nossa amostra foram colocados à parte da restante turma e foi-lhes proposto que produzissem um texto escrito sobre a temática que entendessem (anexo XVI). Não foi dado limite de tempo para realizarem esta tarefa e a totalidade dos alunos concluiu-a em cerca de uma hora. Nenhuma das crianças da amostra nos pediu qualquer tipo de ajuda. Todas elas concluíram a tarefa.

O aluno A mostrou-se muito motivado para escrever sobre temas do seu interesse. Escolheu como tema desta tarefa “O amor” e a sua motivação manteve-se desde o início da tarefa até ao fim desta. Verifica-se, assim, que este aluno tem muito gosto e motivação pela produção de texto.

Revelou grande criatividade ao desempenhar a tarefa. Criatividade em relação à escolha do tema. Em relação ao tipo de texto escolhido (o texto lírico) e à forma (estrofes e mesmo número de versos por estrofe). Mostrou criatividade também em relação ao conteúdo, as ideias expressas relativamente à temática parecem uma soma de ideias feitas sobre o tema, que o aluno pode já ter encontrado noutros textos sobre a mesma temática.

No que concerne a parte gráfica do texto produzido, quanto à sua letra, no geral e esteticamente está suficientemente bem, embora algumas letras tenham um tamanho mais reduzido que outras, nem todas estão unidas e algumas não se encontram por cima da linha de base. Assim, a proporção das letras ainda não está completamente interiorizada, mas já demonstra uma caligrafia bastante regular. Também ainda não consegue sempre respeitar o limite da linha.

O aluno B ficou entusiasmado com a tarefa de produção de texto proposta e optou por escrever a letra de uma canção. Ao longo da tarefa, o aluno mostrou sempre o mesmo interesse inicial.

A criança começou logo por escrever uma música criada por si, tendo como tema “O carnaval fantástico”. Curiosamente, trata-se, como no caso anterior, de um

tipo de texto lírico. Quanto à forma, o aluno apresenta um texto corrido, no formato dos textos narrativos. Contudo, a leitura do texto cria a sensação de cada frase ser um verso e inclui a repetição de duas frases que parecem ser o refrão. Quanto ao conteúdo, as ideias transmitidas são escassas e simples, como habitualmente acontece na canção infantil, existindo coerência interna entre elas.

No que concerne o aspeto gráfico, este aluno apresenta uma letra muito legível, com tamanho adequado a uma boa leitura. As suas letras são muito bem desenhadas, redondas, de proporções equilibradas e quase sempre se encontram direitas por cima da linha de base.

O aluno C, ao contrário dos dois alunos anteriores, não mostrou qualquer motivação para escrever sobre um tema livre, pois, como referiu, “- não sei o que hei-de escrever...”, tendo optado, por fim, por escrever sobre a professora estagiária. Escreveu um texto extremamente curto, o que parece demonstrar a sua falta de motivação para a produção de texto.

O tema não é criativo, pois pensou escrever sobre uma pessoa próxima, ao contrário dos outros dois alunos, que tentaram encontrar um tema universal (o amor) / interessante (uma canção costuma agradar a uma criança). No que diz respeito ao tipo de texto, escreveu um texto descritivo, onde aponta algumas características da estagiária. Em relação à forma, optou por inserir um título, “Professora Liliana”, e apenas acrescentou duas frases, fazendo parágrafo, mas não respeitando o intervalo antes da escrita da frase. Esta forma de escrever parece apontar para a estrutura da tradicional composição narrativa.

Quanto ao aspeto gráfico, podemos dizer que em termos de caligrafia não é uma escrita agradável de se ver ou ler, pois o tamanho das letras é demasiado grande e irregular. Não desenha as letras de forma completa, como no modelo de alfabeto que aprendeu, pois, por exemplo, no “r” falta a argola da parte superior esquerda. Também, ao escrever, a pressão que exerce com a esferográfica no papel é bastante fraca, como se pode ver na argola da letra “r” e da letra “s”.

O aluno D também não mostrou grande interesse em escrever livremente, mas conseguiu decidir logo que iria escrever uma história inventada. Tal como no indivíduo C, este aluno escreveu também um texto de reduzidas dimensões, o que pode indicar falta de gosto por esta atividade de produção de texto.

O título, “O menino que estirava” (“O menino que espirrava”), deixa logo entrever graves dificuldades ortográficas, pois só compreendemos o título depois de lermos o texto todo. Contudo, a criança parece ter experiência de leitura, ou pelo menos de ouvir ler textos, pois o título que propõe poderia ser o título de uma história infantil. O tipo de texto que escolheu escrever é um texto narrativo, o que é adequadíssimo para a história que quer contar. No que concerne os aspetos formais, o

texto até faria sentido, possuindo coerência interna e coesão de ideias, se estivesse pontuado. Como não tem pontuação, até é difícil de ler, pois as ideias estão coladas umas às outras, tendo que o leitor fazer o trabalho da realização de pausas para poder entender a narrativa. O conteúdo é bastante lógico e a história é a de uma personagem que não respeita as recomendações da mãe, anda descalço e constipa-se. Porém, só conseguimos perceber depois de nós próprios pontuarmos.

Graficamente, a sua letra é demasiado pequena, embora pelo meio do texto se notem algumas letras bastante maiores. Não está, assim, interiorizada ainda a correta proporção das letras do alfabeto. Nem sempre coloca as letras por cima da linha de base. Há, nesta tarefa, uma mistura de algumas letras bem desenhadas, redondinhas, mas outras tortas e com exageros ou omissões de partes importantes, como é o caso da letra “s” na palavra “gosto”.

#### 5.2.4. 4ª Tarefa - Cópia

Esta tarefa surgiu como a última proposta de trabalho da área do Português, em conjugação com a área da Expressão Plástica (anexo VII), durante a leção da unidade didática em causa.

Nesta tarefa, o aluno A, embora tenha mostrado menor motivação para copiar o que estava no quadro do que para escrever livremente, manteve-se concentrado a tentar que a sua letra ficasse bem desenhada. Podemos reparar que nesta tarefa a sua letra se tornou um pouco de maior dimensão, nota-se que houve uma tentativa para que as suas letras ficassem de tamanho proporcional umas às outras.

Existiram muitas correções pelo meio do texto, mas notou-se uma melhoria no desenho das letras em relação à tarefa anterior.

O aluno B, também não mostrou interesse por ter de escrever na sua folha o texto que se encontrava no quadro, mesmo assim apresenta uma letra bastante bem desenhada, quase sem correções; continua a apresentar um tamanho da letra ideal para a boa leitura desta e é um texto esteticamente agradável de se ver; nota-se que utiliza muito bem a linha como base para colocar as letras e para se regular no tamanho destas.

O aluno C, que se mostrou extremamente aborrecido e sem qualquer vontade de realizar a tarefa proposta, chegou a encostar-se ao seu braço, deitando-se todo sobre a mesa com um semblante de desagrado. Tudo lhe servia para se distrair, até o conteúdo do seu estojo.



O seu trabalho mostra uma letra exageradamente grande, com proporções exageradas e várias correções. Podemos dizer que a sua caligrafia piorou em relação à tarefa anterior.

O aluno D não mostrou motivação para copiar o texto, mas esforçou-se para entregar o trabalho à professora estagiária, esforçando-se para fazer o melhor que podia e conseguia.

O tamanho da sua letra aumentou um pouco de dimensão, nesta tarefa, permitindo, agora, uma leitura mais fácil, mais facilmente visível. Nota-se que tentou, desta vez, utilizar a linha para se regular de maneira a que as letras ficassem de tamanho proporcional. Embora tivesse feito um esforço ainda existem várias lacunas no desenho das suas letras. Podemos ver letras que subiram demasiado para cima da linha, outras não desceram o suficiente para baixo da linha, como a letra “p”, e outras estão a meio da linha.

### 5.3. Análise de Conteúdo

A análise de conteúdo é uma das técnicas mais usadas nas diferentes ciências humanas e sociais (Silva & Pinto, 1986). A análise de conteúdo é um método de análise textual utilizada no caso de entrevistas com questões abertas, como se aplica neste caso em concreto. Utiliza-se na análise de dados qualitativos quando estes tomam a forma de textos escritos. É este tipo de análise que vamos usar relativamente às entrevistas realizadas aos alunos e à professora da turma.

A análise de conteúdo tem três fases de organização. A pré-análise que é caracterizada por ter três missões (a seleção dos documentos que serão submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a construção de indicadores que fundamentarão a interpretação no final.

A segunda fase é a de exploração do material; nesta fase, como apenas estão em causa cinco entrevistas (uma a cada aluno e uma à professora), resolvemos fazer uma análise de cada resposta obtida, de modo a obtermos dados relativamente aos objetivos definidos anteriormente. “A divisão das componentes das mensagens analisadas em rubricas ou categorias não é uma etapa obrigatória de toda e qualquer análise de conteúdo. A maioria dos procedimentos de análise organiza-se, no entanto, em redor de um processo de categorização” (Bardin, 2009: p.145). Segundo este mesmo autor, o objetivo da categorização é proporcionar uma representação simplificada dos dados em bruto, de forma a uma melhor organização e melhor perceção dos dados recolhidos. Assim, também nós procedemos a uma categorização das respostas, tendo obtido: frequência de educação pré-escolar, motivação para desenho livre, orientado e leitura e dificuldades na caligrafia e na escrita.

A terceira e última fase da análise de conteúdo é a da interpretação, em que refletiremos sobre os resultados obtidos e a sua relação com as hipóteses levantadas, confirmadas nos resultados das tarefas propostas.

É importante que a investigação possua duas características fundamentais, a validade e a fidelidade. Verifica-se que tem validade interna quando o seu resultado está em função do programa ou abordagem a testar e tem validade externa quando os resultados obtidos possam ser aplicáveis no terreno a outros programas ou abordagens idênticas. Numa investigação é necessário que o investigador encontre um ponto de equilíbrio entre as duas. Quanto à fidelidade dos resultados, esta refere o grau de confiança ou exatidão que podemos ter na informação obtida.

Durante o período de pré-análise, decidimos apenas efetuar a entrevista aos quatro sujeitos selecionados para constituírem a amostra e usar estas entrevistas para análise dos resultados obtidos. Os objetivos da entrevista aos alunos foram determinar se frequentaram ou não a educação pré-escolar, qual a motivação dos alunos para o desenho livre e para o desenho orientado, a motivação dos alunos para a leitura e a facilidade ou dificuldade em escrever. As hipóteses que lançámos foram as de que crianças que frequentaram a educação pré-escolar, que têm maior motivação para o desenho livre e orientado e que têm maior motivação para a leitura sentirão menos dificuldade e estarão mais motivadas para a escrita. Portanto, as respostas positivas relativamente à motivação para o desenho e para a leitura e relativas à frequência com que fazem estas atividades serão indicadores de facilidade na escrita.

## 5.4. Análise das entrevistas

### 5.4.1. Entrevista às crianças

Tal como fica patente no guião da entrevista realizada às quatro crianças da amostra (figura 22), foram feitas dez perguntas às quais os alunos responderam. Estas questões foram feitas oralmente, colocando-se uma e pedindo-se à criança que respondesse de imediato. Foram tomadas notas escritas das respostas de todas as crianças da amostra. A análise destas mesmas respostas revela o seguinte:

O aluno A diz ter frequentado o jardim-de-infância desde os 9 meses (mas, acrescenta que já não se lembra bem). Refere que gosta de desenhar porque se diverte e que o que gosta mais de desenhar são porcos. Costuma desenhar em casa nos seus tempos livres, animais e tudo o que vê à sua volta, prefere desenhar livremente e não gosta muito de seguir orientações.

Tem bastante acesso a livros, pois diz possuir cerca de duzentos e tal livros em sua casa. À questão “O que gostas mais nos livros?” respondeu de forma indecisa que o que gosta é da história e, logo de seguida, emendou “- não, é das ilustrações”.

Ao chegar à escola, este aluno, achou que era mais fácil desenhar letras do que ele imaginava quando frequentava o jardim-de-infância, mas apesar disso refere que sentiu um pouco de dificuldade.

Diz que gosta muito de escrever, pois quando for adulto quer ser famoso, por isso é que escreve muitos poemas. Refere que gosta de escrever poemas em casa, muitas vezes sem ninguém lhe pedir e prefere, sem dúvida, escrever livremente.

Ao entrevistarmos o aluno B, descobrimos que frequentou o jardim-de-infância desde os 3 anos de idade, que gosta de desenhar porque é divertido e que costuma desenhar em casa animais, bonecos e às vezes o seu próprio quarto. Prefere desenhar livremente e não gosta de seguir orientações.

Em casa tem acesso a livros e o que mais gosta neles são as aventuras. Refere que não sentiu dificuldades em começar a desenhar letras porque estas estavam no quadro e só tinha de as copiar.

Gosta de escrever porque é divertido e em casa gosta de escrever canções, algumas histórias e algumas frases. Prefere escrever livremente.

O aluno C frequentou o jardim-de-infância, segundo diz, desde os 2 anos de idade. Este aluno afirma que gosta de desenhar porque pode desenhar coisas que não existem e outras coisas reais. Costuma desenhar em casa muitas vezes e desenha coisas que inventa. Quando está em casa sem trabalhos de casa gosta de desenhar livremente, mas quando lhe pedem que faça um desenho específico, refere, mostrando desagrado, que tem que desenhar o que as professoras querem.

Ao questionarmos este aluno se em casa tem acesso a livros, este responde que sim porque tem duas avós professoras, e, neste momento que já sabe ler, dão-lhe muitos livros de pintar/colorir e de ler. Quanto ao que gosta mais nos livros refere que quando são de colorir gosta mais dos desenhos e quando são de ler gosta das histórias que “guardam lá dentro”. Não sabemos com exatidão o que significa isto, mas parece querer dizer que gosta de ler histórias que o tocam e comovem.

Sentiu dificuldades em começar a desenhar algumas letras, não teve dificuldade a desenhar outras, porque algumas são fáceis outras não, na sua opinião. Gosta de escrever porque pode escrever histórias e pode ainda escrever sobre “qualquer coisa”. Diz que, de vez em quando, escreve em casa sem lhe ser pedido, pois, brinca aos médicos, às imobiliárias e para isso pega em muitas canetas e papel que tem em casa e escreve, escreve números e várias coisas. Por fim, refere que gosta tanto de escrever livremente como com orientação, seguindo um tema que lhe é sugerido, porque às vezes não tem ideias e precisa mesmo que lhe facultem um tema;

outras vezes sente vontade de escrever uma frase e pode escrevê-la sem ninguém lhe dizer.

O aluno D afirma que claro que frequentou o jardim-de-infância desde os 5 meses de idade. Confessa que gosta de desenhar porque é divertido pintar; em contrapartida diz que não costuma desenhar em casa nos seus tempos livres; ainda assim, quando o faz prefere desenhar livremente a ter que seguir orientações.

Em casa tem acesso a livros e neles gosta de ler a história. Este aluno diz não ter tido dificuldades em começar a desenhar letras, diz que são fáceis, umas têm argolinhas e ele já sabia fazer isso. Gosta de escrever porque gosta de fazer as letras e em casa costuma escrever, escreve nomes.

Por fim, disse-nos que gosta tanto de escrever livremente como de escrever seguindo orientações, mas, pensando melhor, rematou, dizendo que prefere escrever frases que lhe pedem.

#### 5.4.2. Entrevista à professora cooperante

A entrevista à professora cooperante foi realizada na Escola Básica da Mina, no final da tarde, depois da hora letiva. Foram-lhe colocadas dez questões (Figura 21), que lhe tinham sido facultadas previamente, e pediu-se-lhe que respondesse de imediato. À medida que ia respondendo, fomos anotando por escrito.

Os objetivos que pretendíamos com a realização desta entrevista era perceber as conceções, que esta professora teria àcerca do nosso problema em estudo e como classificaria a sua turma a esse nível.

A primeira questão que foi colocada à professora cooperante foi se considerava que uma criança que frequentou o jardim-de-infância teria um maior grau de desenvolvimento relativamente ao desenho e porquê. A sua resposta foi afirmativa, salientando que a educação pré-escolar é o primeiro degrau de um longo percurso educativo. Refere que é no jardim-de-infância que as crianças começam a fazer aprendizagens estruturantes e decisivas, tanto na linguagem e comunicação, como na matemática e outras áreas. Não quis deixar de referir também que qualquer instituição é feita pelos profissionais que nela trabalham, ou seja, quando as educadoras realizam atividades diversificadas e exploram com as crianças diferentes técnicas e materiais, desenvolvem nas mesmas competências relativamente ao desenho. Defende que estas crianças apresentam um maior grau de desenvolvimento relativamente ao desenho em relação às crianças que não tiveram oportunidade de experimentar e não tiveram orientação nesse sentido. Ainda assim, salienta para o facto de já ter recebido crianças que não frequentaram o jardim-de-infância, mas como contactaram com diferentes materiais e instrumentos de expressão plástica, apresentam o mesmo grau de desenvolvimento das crianças que frequentaram.

Na opinião desta professora, o facto de a criança ter frequentado o jardim-de-infância não faz com que esta se sinta mais motivada para desenhar. As evidências mostram que a motivação para desenhar depende do sentido, da função que o mesmo vai ter. Defende que a criança se sente motivada para desenhar se souber, claramente, o destino, a função que o seu desenho vai ter. Refere ainda que é muito comum as crianças nos oferecerem desenhos. Elas sabem que o desenho vai ser visto e elogiado e todas as crianças gostam de ser elogiadas, o elogio fá-las ficar motivadas para desenhar mais, caso contrário a criança tenta terminar a tarefa o mais rapidamente possível. Termina a resposta a esta questão dizendo que o que acontece com o desenho, acontece com a leitura, com a escrita e com tudo.

Na opinião da professora cooperante a maior ou menor facilidade em desenhar letras não tem a ver com a motivação para desenhar, mas com o maior ou menor desenvolvimento da motricidade fina que está muito relacionada com a área da expressão motora, com o manuseamento correto do lápis/caneta, com a postura do próprio corpo.

Foi também colocada a questão se consideraria que uma criança que se encontrasse num nível mais avançado no desenho teria mais facilidade em desenhar letras e escrever palavras e, nesta questão, a professora disse de imediato que ao desenhar letras e copiar palavras, sem dúvida que uma criança com um nível mais avançado no desenho tem maior facilidade em fazê-lo. O mesmo não se pode dizer em relação à escrita de palavras, pois a escrita é um processo muito complexo. Exige a codificação de fonemas em grafemas. Refere que a criança poderá ter dificuldade no controlo do traço dos grafemas, fazer uma caligrafia imperfeita, no entanto poderá saber fazer a correspondência correta entre fonema e grafema. Ou seja, sabe escrever palavras.

Relativamente ao desempenho na escrita, na opinião da professora, o bom desempenho na escrita nada tem a ver com o desenho nem com a motivação para desenhar, o desempenho na escrita não está dependente do desempenho caligráfico. Contou-nos que já teve crianças com uma caligrafia péssima e com um bom desempenho na escrita. Escreviam no computador e apresentavam ótimas competências textuais e ortográficas.

A sua turma diz ser muito heterogénea relativamente ao desenho. Tem muitas crianças a desenharem o que pensam e não o que veem. Por exemplo: desenharam as pessoas dentro dos carros e dentro das casas. Tem apenas uma criança que já desenha o que vê, relembra que no outro dia desenhara um baterista só com a cabeça porque o corpo estava por trás da bateria. Diz ter por volta de três crianças a desenharem muitos pormenores, outras ainda não dominam o espaço da folha de papel, isto é, fazem o desenho apenas numa parte da folha e muito pequeno. Tem crianças a localizarem o que é do ar na parte superior da folha e o que é do chão na parte inferior, outras misturam tudo.

Ao nível de representação gráfica e desenho das letras, a professora refere que a maior parte das crianças da sua turma desenha as letras muito bem, principalmente quando escrevem em folhas pautadas de quatro linhas. A pauta orienta-as quanto ao tamanho das diferentes partes que formam o “corpo” da letra. Apenas tenho duas crianças que apresentam, neste momento, uma caligrafia muito imperfeita.

Na opinião da professora a motivação que a criança demonstra ter ao desenhar não depende de ser um desenho livre ou orientado, mas sim da função que este vai ter.

Em relação à motivação para escrever livremente ou de forma orientada, a professora salienta que nesta faixa etária, a escrita, na escola, deverá ser sempre orientada, caso contrário rapidamente desistem, porque a escrita é um processo muito complexo, que exige muito das crianças. Após muito trabalho, as crianças começam a ficar mais autónomas e até começam a escrever, segundo os modelos de escrita trabalhados. Um trabalho que leva muitas crianças a escreverem é o trabalho que se faz no âmbito da escrita criativa, mas orientada. Remata dizendo que para tudo é necessário 99% de trabalho e 1% de inspiração.

Por fim colocou-se a questão se consideraria essencial que a criança se sinta bastante envolvida na atividade para que demonstre um grau de perfeição maior ao desenhar letras e escrever palavras, a sua resposta foi afirmativa salientando que isso é válido para tudo.

## 5.5. Observação Participante/ Notas de Campo

A observação Participante, nesta investigação, foi bastante importante, porque pudemos observar diariamente, os níveis de envolvimento que as crianças demonstravam, não só nas tarefas específicas que lhes foram propostas por nós, como em todas as outras ao longo da prática. Deste modo tivemos a oportunidade de conhecer melhor a personalidade de cada criança, o que também se torna relevante para o estudo, pois a forma de ser e de estar influencia bastante o desempenho escolar.

Durante todo o tempo de estágio foram retiradas notas de campo que pensamos ser oportunas para a nossa investigação, nomeadamente a comportamentos demonstrados pelas crianças em diversas situações de sala de aula, reações das crianças a estímulos fornecidos, características das crianças de que nos fomos apercebendo no decorrer da prática, entre outras.

## 5.6. Triangulação de Dados

O estudo de caso é também conhecido como uma estratégia de investigação de triangulação. Para que as interpretações do investigador tenham mais credibilidade,

este deverá recorrer a um ou mais protocolos de triangulação. Denzin (1984) refere quatro tipos de triangulação:

- Triangulação das fontes de dados, em que se confrontam os dados provenientes de diferentes fontes;

- Triangulação do investigador, em que entrevistadores diferentes procuram detetar desvios derivados da influência do fator “investigador”;

- Triangulação da teoria, em que se abordam os dados partindo de perspetivas teóricas e hipóteses diferentes;

- Triangulação metodológica, em que para aumentar a confiança nas suas interpretações o investigador faz novas observações diretas com base em registos antigos.

Nesta investigação concretamente será feita a Triangulação das fontes de dados e a Triangulação da teoria.

## **Capítulo VI - Considerações Finais**



## 6.1. Conclusões

A prática pedagógica assume-se, inevitavelmente, como fundamental ao nosso processo de aprendizagem, sem ela não teríamos a noção de como, realmente, funcionam as escolas e todos os processos inerentes a estas.

Ao iniciar o estágio os receios eram muitos porque nunca tínhamos tido oportunidade de vivenciar aquela realidade, pensava que não teria vocação para esta profissão de professora, mas sim de educadora de infância. Curiosamente ao realizar esta prática fiquei surpreendida com o gosto e súbito interesse que despertou em mim. Hoje se for questionada sobre a profissão que gostaria de seguir sem dúvida que iria responder prontamente “- professora de 1º CEB”.

Aprendemos, ao longo do pouco tempo de prática, muito mais do que em toda a licenciatura, pois a teoria sem prática não vale de muito. É enfrentando as dificuldades diárias ao lecionar que começamos a perceber e aprender como contornar e colmatar lacunas e dificuldades que se nos apresentam, foi aqui que a professora cooperante nos ajudou imenso. Com a sua vasta experiência em docência sabia sempre como resolver as situações mais preocupantes, as dificuldades das crianças, as estratégias utilizadas eram variadas e sempre adaptadas à criança em questão. Aprendemos que um professor tem que estar sempre muito bem preparado, pois as crianças são imprevisíveis e a qualquer momento nos podem colocar uma questão que nunca imaginaríamos, temos que saber dar a volta à situação, conseguindo satisfazer as necessidades e, características, curiosidades desta faixa etária.

O papel do supervisor de estágio, professor António Pais, foi fundamental, manteve-se sempre pronto a ajudar e, em sala de aula, utilizava uma estratégia muito importante para nós, colocava-nos a par das práticas das nossas colegas, das dificuldades sentidas por elas e dava-nos sugestões de como resolver esses problemas. Desta forma conseguíamos ter acesso a variadíssimas situações que nos poderão vir a acontecer futuramente, como profissionais da educação e aí já estaremos mais preparadas para podermos agir em conformidade.

À laia de balanço final da prática pedagógica realizada, poderia dizer que este período de aplicação dos conhecimentos teóricos, adquiridos durante a licenciatura e durante o mestrado, foi fundamental para o nosso desenvolvimento profissional, pois pudemos experimentar as dificuldades, as incertezas, as dúvidas, as soluções, as alegrias de experiências bem sucedidas e a relação afetiva que une as crianças ao professor do 1º CEB; foi pois, por isso um período profissionalmente extremamente compensador.

No que concerne a investigação que levámos a cabo, no capítulo anterior apresentámos os resultados obtidos, junto de uma amostra de quatro crianças, numa turma de 2º ano, do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Como dissemos no mesmo capítulo, os objetivos específicos da nossa investigação foram os seguintes:

1.1. Identificar em que nível de representação do desenho se encontram as crianças da amostra que selecionámos.

1.2. Identificar o grau de envolvimento/motivação das mesmas crianças ao desenhar livremente.

1.3. Identificar o grau de envolvimento/motivação das mesmas crianças ao realizar um desenho orientado.

2.1. Identificar em que nível de representação da escrita se encontram as crianças da amostra que selecionámos.

2.2. Identificar o grau de envolvimento das crianças da amostra ao escreverem palavras /textos.

2.3. Identificar o grau de envolvimento das crianças da amostra ao fazerem cópia.

Os dados que apresentámos foram recolhidos junto de uma amostra de conveniência, constituída por quatro crianças, através de cinco instrumentos de recolha de dados, nomeadamente, duas tarefas de desenho (uma de desenho livre e outra de desenho orientado), duas tarefas de escrita (uma de escrita livre e outra de cópia), duas entrevistas (uma a cada uma das quatro crianças da amostra e uma à professora da turma), trabalhos previamente realizados pelos alunos, observação participante e notas de campo.

Iremos começar por analisar as tarefas dos desenhos relacionando-os com as conceções que as crianças e professora cooperante possui sobre os mesmos. Qualquer uma das crianças respondeu na entrevista que lhe foi feita, que prefere desenhar livremente do que seguindo orientações.

O indivíduo A é uma criança simpática, alegre e gosta bastante de conversar, gostaria de ser poeta. Os seus pais têm ambos 39 anos de idade e são gestores financeiros (Licenciados).

Após analisarmos o desenho livre deste indivíduo demos conta de que se encontrava no nível do Esquematismo, relativamente ao desenho e segundo Piaget. Este aluno utilizou uma linha de base e formas diferentes para desenhar cada objeto. Segundo a escala de envolvimento de Lovaina (2008), existem 5 níveis de envolvimento possíveis. Ao desenhar livremente, o aluno demonstrou um nível de envolvimento 4, pudemos observar que teve momentos de intensa atividade mental, mostrando empenho e dedicação, embora houvesse, por vezes, quebras nessa motivação e comesasse a conversar.

Na tarefa de desenho orientado, este aluno, passou a demonstrar um nível de envolvimento de 5. Manteve-se extremamente concentrado tentando fazer o máximo de pormenores constantes no texto, este seu desenho passou a um nível de realismo, segundo Piaget. Desenhou roupas diferentes, acessórios característicos das meninas, utilizou o plano e a sobreposição. Segundo Luquet (1979) o nível do seu desenho está

no realismo visual, esta criança já possui noções de projeção e distância, o que é normalmente característico só por volta dos doze anos.

Em relação à escrita situa-se no nível alfabético, ou seja, já sabe ler e escrever, como refere Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) “ pode considerar-se que a criança venceu as barreiras do sistema da representação da linguagem escrita”. Enquanto escreveu livremente demonstrou um nível de envolvimento de 5, ou seja, como nos diz Ferre Lavers se mostrou total envolvimento e dedicação à tarefa, então houve desenvolvimento nesta criança. Quando lhe foi solicitado que copiasse sete frases, do quadro para o caderno, o seu envolvimento passou para o nível 3, realizou a tarefa mas faltou-lhe concentração.

O individuo B é uma criança mais tímida e reservada do que as restantes mas muito simpática e educada, gostaria de ser médico. Os seus pais têm 52 anos o pai e 49 a mãe, o pai possui o 9º ano e é GNR, enquanto que a mãe é Licenciada em Enfermagem.

Fomos também analisar o desenho deste aluno que se encontrava no nível de Pré-Esquematismo, desenhou elementos dispersos, sem relação entre si. Mostrou, nesta tarefa, de desenho livre, um nível de envolvimento, de 3, segundo Lavers. Quando lhe sugerimos que desenhasse segundo orientações de frases, este aluno passou a mostrar um desenho de nível Realismo, segundo Piaget e Realismo visual, segundo Luquet. Teve todo o cuidado de não esquecer nenhum pormenor e todos os pormenores foram desenhados com perfeição. Naquele momento o seu envolvimento passou a encontrar-se no nível 5, total dedicação à tarefa.

Passando às tarefas de escrita, este aluno, situa-se no nível Alfabético e quando escreve livremente mostra um nível de envolvimento de 5, ao fazer cópia de frases a sua motivação passa para 4, neste nível, Lavers diz que já há momentos de intensa atividade mental.

Quanto ao aluno C podemos dizer que é uma criança que adora comunicar oralmente, conversa imenso e é extremamente expressivo, gostaria de ser ator de novelas. O seu pai tem 33 anos, tem o 12º ano e encontra-se desempregado; a mãe tem 38 anos de idade, tem bacharelato e é contabilista.

O desenho deste aluno mostrou-nos que este se encontrava no nível de Pré-Esquematismo, desenhou diversos elementos dispersos pela folha de papel, sem qualquer relação entre si. As cores que utilizou foram as da sua preferência, assim como as da preferência da mãe. Enquanto realizava o desenho livre, manteve-se num nível de envolvimento de 5; ao desenhar segundo o que lhe era solicitado esse envolvimento passou para 3, faltando-lhe motivação e prazer para a realização da tarefa, e o nível do desenho passou a ser Esquematismo. Segundo Piaget, esta fase situa-se entre os sete e os dez anos, idade em que a criança se encontra, esta constrói formas diferentes para cada objeto, utiliza uma linha de base e possui um conceito definido da figura humana.

Quanto à escrita, o aluno C situa-se no nível Alfabético e quando escreve livremente apresenta um envolvimento de 3, quase não mostra interesse pela atividade, nem consegue decidir o que deve escrever, pode levar-nos a pensar que poderá ter dificuldades no módulo de planificação, segundo nos diz García (1998). Se a tarefa se tratar de uma cópia a motivação diminui, passando para 2, pois continua a ser uma tarefa pela qual não se sente aliciado. Neste nível 2, Lavers refere que há muitas interrupções, a criança age de forma intermitente, não se concentrando em nenhuma atividade.

Por fim, o aluno D é muito conversador com os colegas, não tanto com os adultos, é alegre e brincalhão. Tem um pai eletromecânico de profissão, com o 12º ano de escolaridade e tem 33 anos; a mãe é Licenciada em Educação Básica e é auxiliar de Infância, tem 30 anos de idade.

Observando o desenho deste aluno podemos constatar que se encontra num nível, relativamente ao desenho, de Esquematismo, já descobriu a cor-objeto, utiliza uma linha de base e usa formas diferentes para desenhar cada objeto. Ao desenhar livremente mostrou um nível de envolvimento de 4, segundo a escala de envolvimento de Lovaina.

Posteriormente ao desenhar seguindo as indicações sugeridas, esta criança mostrou-se menos empenhada, embora, o nível do seu desenho, para Luquet seja Realismo intelectual e segundo Piaget manteve-se no Esquematismo, estágio que corresponde à sua faixa etária. O nível de envolvimento passou a ser 3.

Relativamente à escrita, segundo Ferreiro e Teberosky (1999) e tal como os alunos referidos atrás, situa-se no nível Alfabético. Quando escreve livremente apresenta um envolvimento de 3, tenta concentrar-se mas nem sempre se consegue manter assim. Nesta tarefa levou-nos a crer que tivesse dificuldades, segundo García (1998), ao nível do módulo sintático, razão pela qual o seu texto livre não ter sido pontuado. Fazendo cópia de frases mostra-nos um envolvimento idêntico ao da tarefa referida anteriormente, mantendo-se num nível de envolvimento 3.

Para melhor visualização dos resultados obtidos, apresentamos uma tabela com uma síntese dos mesmos (tabela 5).

Tab. 5 – Síntese dos resultados obtidos

Crianças	Nível de representação do desenho	Grau de envolvimento desenho livre	Grau de envolvimento desenho orientado	Nível de representação da escrita	Grau de envolvimento na escrita livre	Grau de envolvimento na cópia de frases
<b>A</b>	Realismo	4	5	Alfabética	5	3
<b>B</b>	Realismo	3	5	Alfabética	5	4
<b>C</b>	Esquematismo	5	3	Alfabética	3	2
<b>D</b>	Esquematismo	4	3	Alfabética	3	3

Houve apenas um aluno, aluno C, que não mostrou empenho na tarefa de desenho orientado; a desmotivação era muita e a tarefa não tardou a terminar. Este aluno dedicou-se mais no desenho livre onde desenhou a sua família e colocou pormenores e cores da preferência da sua mãe. Como nos refere Piaget, na fase de Pré-esquematismo, a criança escolhe as suas cores favoritas para pintar cenas alegres ou pessoas a quem se sente emocionalmente ligado por sentimentos de afeto.

Houve também outra criança, aluno D, que foi o único a admitir que em casa, nos seus tempos livres, não desenha, mostrando que esta é uma tarefa que não lhe agrada muito. Esta conclusão vai totalmente ao encontro do que nos referiu a professora cooperante, a qual considera que há maior empenho da criança ao desenhar se souber exatamente a função que o seu desenho irá ter. Não é o facto de ter frequentado o ensino pré-escolar que desperta o interesse da criança para o desenho, até porque todas as crianças da nossa amostra o frequentaram, mas a finalidade que este vai ter. Desenhar é uma forma de comunicar e a criança utiliza-o muitas vezes para nos transmitir sentimentos, anseios, medos ou alegrias. Segundo Amante (1993), a criança através do desenho expressa não aquilo que vê tal como vê mas como sente e interpreta.

Em relação à passagem do desenho para o desenho das letras, a maioria das crianças refere que foi mais fácil do que imaginavam anteriormente, não sentiram dificuldades e apenas o aluno C admitiu que teve dificuldade em desenhar algumas letras. Analisando as tarefas de escrita, podemos constatar que a criança B apresenta uma caligrafia bastante correta e perfeita (quer em tarefas livres ou cópias), duas crianças A e D com uma letra razoável em termos de perfeição e apenas a criança C que realiza uma caligrafia bastante incorreta no ponto de vista do desenho e tamanho da letra. Curiosamente, a criança (criança C) que apresenta um desempenho inferior na escrita foi a que demonstrou desempenho inferior também nas tarefas de desenho. Qualquer uma das crianças diz gostar de escrever livremente; em contrapartida mostram melhor desempenho na tarefa de cópia, embora se sintam menos motivados porque têm que copiar várias frases expostas no quadro, estes alunos empenham-se

mais no seu desempenho pois a finalidade daquela tarefa é ser avaliada pelas professoras e é uma tarefa que requer menos abstração, ou seja, a criança não tem que se ocupar a decidir o que vai escrever, nem tem que pensar em regras gráficas e ortográficas, apenas tem que copiar o que já lá está escrito, ou seja, apenas tem que se preocupar com a caligrafia. Mais uma vez, o aluno C não mostrou grande preocupação no seu desempenho.

Relativamente ao desempenho das crianças no desenho de letras e cópia de palavras, a professora cooperante referiu-nos que o bom desempenho a esse nível está totalmente ligado ao desenvolvimento da motricidade fina. Quanto mais desenvolvida está a motricidade fina na criança, melhor desempenho irá revelar. Também García (1998) nos diz que “Na escrita manual é necessária muita coordenação grafomotora fina para dirigir o traçado das letras e é imprescindível que os processos motores que implicam que os padrões motores das letras e os seus alógrafos estejam armazenados na memória a longo prazo e que determinam a forma, direção, sequência e tamanho dos traços das letras”.

Se analisarmos as tarefas de desenho e de escrita do aluno B, o que mais se destacou ao mostrar um grau de perfeição superior quer no desenho, quer na escrita, em relação aos outros alunos da amostra, apresenta trabalhos esteticamente agradáveis, com um traço preciso, confiante, formas arredondadas, tamanhos adequados e proporcionais. Pelo contrário, se analisarmos os trabalhos realizados pelo aluno C, o que mais se destacou inversamente, vemos que, esteja mais ou menos motivado, o seu desempenho é sempre idêntico. Leva-nos a crer que este aluno poderá ainda não possuir um suficiente desenvolvimento grafomotor. Segundo Adelantado, citado por Catarina Vilar (2010, p.17), o desenvolvimento grafomotor depende de algumas aquisições prévias entre elas: “...uma correta pega de preensão do lápis, boa coordenação entre preensão do lápis e preensão sobre o papel, uma integração do traço na estrutura bidimensional do papel...”. Também na opinião da professora cooperante, a maior ou menor facilidade em desenhar letras não depende da motivação mas sim do grau de desenvolvimento da motricidade fina, que está muito relacionado com a área de expressão motora, com o manuseamento correto do lápis/caneta e com a postura do próprio corpo.

Fazendo um apanhado geral, podemos dizer que o aluno A e B se encontram num nível de representação do desenho mais avançado do que os alunos C e D. Relativamente ao grau de motivação/envolvimento demonstrado, na tarefa de desenho livre foram os alunos C e D que mostraram maior envolvimento, enquanto que na tarefa de desenho orientado foram os alunos A e B que mostraram maior motivação. Consideramos curioso este resultado, pois os alunos A e B são os mais avançados no nível de representação do desenho e ambos os mais motivados no desenho orientado. Contudo, os indivíduos C e D, embora mais atrasados, estão muito motivados para o desenho livre. Fica em aberto as seguintes questões: Existirá uma relação entre o desenho orientado e a escrita? Sendo que ambos exigem um respeito

estreito por regras específicas, terão mais semelhanças entre si do que desenho livre e escrita?

Os alunos A e B mostraram ter um nível de representação escrita mais avançado do que os alunos C e D, visto que nas tarefas de C e D deparámo-nos com dificuldades a nível dos módulos de planificação e sintático. Quanto ao nível de envolvimento demonstrado ao escrever textos podemos dizer que foi maior a motivação dos alunos A e B por desempenhar esta tarefa do que dos alunos C e D. Na tarefa de cópia houve maior motivação do aluno B, menor motivação do aluno C tendo ficado os restantes alunos, A e D, num nível intermédio. Também nos parece interessante este resultado, porque confirma que quanto mais avançado é o nível de escrita mais motivação há para a produção escrita de textos.

Poderíamos também colocar a hipótese da influência dos pais/família no desempenho revelado pelos alunos, mas chegou-se à conclusão que as quatro crianças tinham pelo menos um dos pais licenciados, todas tinham bastante acesso a livros, todas tinham acesso a materiais, em casa, que lhes permitisse desenvolver tarefas de escrita e desenho. Assim sendo, não nos pareceu que houvesse, neste ponto, interferências, todas as crianças se encontravam “em pé de igualdade”.

Para terminar podemos concluir que para toda e qualquer atividade de aprendizagem é de extrema importância haver motivação, uma criança motivada conseguirá fazer aprendizagens mais significativas e consolidadas, mas só motivação não é suficiente. Como futuras educadoras/professoras temos que ter em atenção a maturidade da criança para as aprendizagens a que nos propomos e adotar estratégias que auxiliem a criança a adquirir aquisições básicas, que se revelam de extrema importância na iniciação da escrita.

Relembramos que para desenvolver estas aquisições básicas, para um maior desenvolvimento grafomotor, a criança tem que explorar uma infindável variedade de técnicas e materiais de expressão plástica, tem que ver, sentir, experimentar, manusear e perceber tudo o que a rodeia, pois segundo Piaget a criança desenha mais o que sabe do que o que realmente vê.

Finalmente, resta-nos lembrar as questões de investigação que despoletaram o nosso trabalho de campo:

- “Será que a criança que sente motivação para desenhar tem mais facilidade em começar a desenhar letras?”,

- “Será que a criança que se encontra num nível mais avançado na representação do desenho terá mais facilidade em desenhar letras e escrever palavras?”

Concluída a reflexão sobre os resultados obtidos, podemos concluir que a criança que sente motivação para desenhar, no caso da nossa pequena amostra, teve mais facilidade em começar a desenhar letras.

Chega-se à conclusão que uma criança que se encontra num nível mais avançado na representação do desenho tem mais facilidade em desenhar letras e escrever palavras. Podemos também dizer que, estas crianças, tiveram menos dificuldades em todos os módulos, segundo García (1998), módulo de planificação, sintático, léxico e motor; e mostraram muito mais motivação para escrever livremente.

## 6.2. Limitações

O período de estágio foi um período muito difícil, tendo de enfrentar diversas dificuldades, entre elas, o facto de conjugar o papel de mãe de um bebé de 1 mês de idade com o papel de estagiária, dois papeis que se revelam extremamente exigentes a todos os níveis. Foi inicialmente complicado também gerir a presença de três crianças (de etnia cigana) que se encontravam a trabalhar ao nível de 1º ano de escolaridade. Com a falta de experiência que possuímos quando partimos para esta prática, levou a que por vezes nos esquecêssemos um pouco daquelas crianças, que apesar de estarem inseridas na turma, acabavam por estar inevitavelmente à parte.

No, entanto, apesar das dificuldades sentidas, é nossa convicção que o período de estágio é uma fase fundamental para o nosso crescimento como pessoas e futuras profissionais da educação e é nessa fase que podemos observar, aprender/fazendo e refletir. Temos ainda, sem qualquer margem para dúvidas, a oportunidade de criar laços com excelentes e experientes profissionais (professores cooperantes) que nos ajudam e nos levam a descobrir formas e estratégias de melhor ensinar a criança.

Esta investigação, como qualquer outra, teve limitações, dados os condicionalismos existentes durante o período de realização da mesma. Na nossa opinião, poderíamos ter selecionado uma amostra de maiores dimensões e ter proposto um maior número de tarefas, se a investigação não fosse incluído na prática supervisionada. Digo isto, no sentido em que, nessa fase, de estágio, sentimo-nos extremamente ansiosos e empenhados em desenvolver uma boa prática, esquecendo-nos, por vezes, que temos também de implementar a nossa investigação. Também nem sempre as tarefas que necessitamos implementar na nossa investigação se conseguem encaixar facilmente na planificação que pretendemos levar a cabo, tornando-se mais difícil por isso a sua realização.

Se a parte de investigação fosse feita após a prática supervisionada, dar-nos-ia mais tempo e tranquilidade para a construção do projeto, para a observação e para a própria execução das tarefas. Sentimos ainda alguma insegurança teórica, pois antes da realização da investigação não fizemos uma preparação teórica suficientemente consistente, o que criou alguns momentos de desorientação e de insuficiente segurança relativamente ao que estávamos a fazer.

Desta forma, no nosso caso, se pudéssemos recomeçar, teríamos trabalhado com uma amostra mais alargada e até, eventualmente, com a turma toda, de modo a tornar os resultados mais significativos, pois temos consciência que a reduzida dimensão da



amostra impede que os resultados possam ser alargados e generalizados à população das crianças nesta faixa etária, a frequentarem o 2<sup>a</sup> ano do 1<sup>a</sup> CEB.

Quanto aos instrumentos de recolha de dados, verificamos que, quer a observação participante quer a tomada de notas, se viram extremamente prejudicadas devido ao facto de em simultâneo nós próprias termos que desempenhar o duplo papel de investigadora e de professora estagiária, pois a completa ausência de experiência de lecionação compelia-nos a concentrar-nos na mesma e a colocarmos em segundo plano a investigação.

Também no que concerne as tarefas, temos consciência de que poderíamos ter proposto um maior número das mesmas, o que nos permitiria recolher mais dados e tornar as conclusões mais válidas. Por exemplo, poderíamos ter recolhido um maior número de desenhos livres e de desenhos orientados de cada um dos elementos da amostra e poderíamos ter também recolhido um maior número de produções de texto livre, de cópias de palavras e frases (para analisar a caligrafia), bem como de produções de texto orientado, porque produzir um texto orientado é diferente de fazer uma cópia.

Ainda em relação ao tratamento dos dados obtidos, se tivéssemos tido mais tempo, teríamos aprofundado a análise dos dados obtidos, pois sentimos que existem dados que não foram suficientemente explorados.

Outra das limitações encontradas neste estudo foi o facto de não haver, nesta turma, grande discrepância entre os alunos, dificultando-nos, assim, a seleção da amostra, tendo que recorrer à opinião da professora residente para proceder à escolha da mesma.

Por fim, como última limitação, apontamos a curta duração destes estágios. Num contexto tão rico como é o da prática pedagógica há uma imensidão de coisas para aprender, quer em termos didáticos quer em termos de investigação, e o tempo de que dispomos não é o suficiente para assimilarmos tudo o que se nos proporciona aprender.

Apesar das limitações apontadas, a realização do estágio e desta investigação revelou-se de grande importância como futura profissional da educação. Esta investigação ajudou-me a perceber o quão importante é desenvolver atividades diversificadas de desenho e expressão plástica, assim como atividades motoras, para as crianças potenciarem o desenvolvimento da sua motricidade fina, essencial para a aprendizagem da parte gráfica da escrita. Quanto mais ricas em experiências e vivências as crianças se encontrarem, melhor será o seu desempenho na entrada no 1<sup>o</sup>CEB. Percebi que a exploração de materiais, técnicas e espaços, ajudam bastante a criança no seu desenvolvimento grafomotor e através do desenho/desenho criativo conseguimos fazer todas estas explorações, dando oportunidade à criança de adquirir com mais facilidade as aquisições básicas prévias, necessárias a um bom desenvolvimento.

## Referências bibliográficas

Adelantado, P. (2004). Entendiendo la disgrafía. El ajuste visomotor en la escritura manual. In *Revista Iberoamericana de Psicomotricidad y Técnicas Corporales*, nº 14, maio 2004.

Adelantado, P. (2002). La grafomotricidad y Técnicas corporales. In *Revista Iberoamericana de Psicomotricidad y Técnicas Corporales*, nº 6, maio 2002.

Alarcão, I. (2001). Professor-investigador: Que sentido? Que formação? In B. P Campos (Org.), *Formação profissional de professores no ensino superior* (Vol. 1, pp. 21-31). Porto: Porto Editora.

Almeida, J.F.; Pinto, J.M. (1995). *A investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença.

Amante, L. (1993). Desenvolvimento de uma aplicação em hipertexto/hipermédia: O desenho infantil. *Dissertação de Mestrado em comunicação Educacional Multimédia*. Lisboa: Universidade Aberta.

Bardin, L. (1995). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Boavida, J. (1991). *Filosofia – do ser e do ensinar*. Coimbra: INIC

Bogdan, R., Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Bogdan, R. C.; Biklen, S.K. (1999). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Bogdan & Taylor (1986). *Introducción a los métodos cualitativos de investigación*. Barcelona: Paidós.

Cardoso, C. & Valsassina, M. (1998). Arte Infantil. *Linguagem Plástica*. Lisboa: Editorial Presença.

Citoler, S.D. (1996). *Las dificultades de aprendizaje: un enfoque cognitivo*. Málaga: Ediciones Aljibe.

- Cohen, L. & Manion, L. (2002, 2000). *Métodos de investigación educativa*. Madrid: Editorial La Muralla.
- Couceiro, B. R. (2008). *Cómo desarrollar unidades didácticas en infantil*. Madrid: Lulu Press Inc.
- Couceiro, B. R. (2008). *Pasos para el desarrollo de unidades didácticas*. Madrid: Lulu Press Inc.
- Couceiro, B. R. (2009). *La realidad de las unidades didácticas*. Madrid: Lulu Press Inc.
- Denzin, N. (1984). *On understanding emotion*. San Francisco: Jossey Bass.
- Dewey, J. (1959). *Como pensamos*. 3ª ed. São Paulo: Editora Nacional.
- Escamilla, A. (1993). *Unidades didácticas: una propuesta de trabajo de aula*. Zaragoza: Edelvives.
- Estrela, T.; Estrela, A. (1978). *A técnica dos incidentes críticos no ensino*. Lisboa: Editora Estampa.
- Ferreiro, E. & Teberosky, A. (1986). *A Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ferreiro, E. (1985). *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez
- Fonseca, F. I. (1994). *Pedagogia da escrita. Perspectivas*. Porto: Porto Editora.
- Fontana, A. & Frey, J.H. (1994). *Interviewing the art of science*. London: Sage Publications Inc.
- García, J. N. (1998). *Manual de dificuldades de aprendizagem: Linguagem, leitura, escrita e matemática*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gardner, H. (1982). *Art, mind and brain*. New York: Basic Book Inc., Publisher.
- Goodnow, J. (1979). *Desenho da Criança*. Lisboa: Moraes
- Gomez, G.R.; Flores, J.; Jiménez, E. (1996). *Metodología de la investigación cualitativa*. Málaga: Ediciones Aljibe.

Lakatos, E. M. & Marconi, M. A. (1990). *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Editora Atlas S.A.

Leite, E. e Malpique, M. (1984). *Para uma troca de saberes no jardim de infância – Desenhar, pintar o dedo, modelar, pintar*. Lisboa: Ministério da Educação, DEPE.

Lorenzato, S. (2006). *O laboratório de ensino de matemática na formação de Professores*. Campinas: Autores associados.

Luquet, G. H. (1969). *O desenho Infantil*. Porto: Ed. Do Minho.

Martins, E. (1996). *Sínteses de investigação qualitativa*. Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Martins, M. A. & Niza, I. (1998). *Psicologia da aprendizagem da linguagem escrita*. Lisboa: Universidade Aberta.

Mata, L. (2008). *Descoberta da Linguagem Escrita. Textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Ministério da Educação (1997). *Orientações curriculares*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas*. Lisboa: Departamento de Educação Básica.

Moya, P. F.; Suárez, M. C.; Godoy, E. P. & Romero, J. T. P. (2009). *Cuerpo de maestros – Educación primaria – Secuencia de Unidades Didácticas desarrolladas*. Sevilla: Editorial MAD, S.L.

Niza, I.; Segura, J. & Mota, I. (2011). *Escrita - Guião de Implementação do Programa de Português do Ensino Básico*.

Pais, A. P. (2010). *Fundamentos didatológicos e técnico-didáticos de desenho de unidades didáticas*. Instituto Politécnico de Castelo Branco, Escola Superior de Educação.

Piaget, J. (1969). *Seis estudos de Psicologia*. Rio de Janeiro: Forense.

Piaget, J. (1972). *La representacion de l'espace chez l'enfant*. Paris: P.U.F.

Pillar, A. (1996). *Desenho & Escrita como sistemas de representação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Projeto Curricular Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva; Ano Letivo 2011-2012.

Projeto Educativo Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva; Ano Letivo 2011/2012.

Regulamento Interno Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva; 2011/2012.

Ministério da Educação. Lisboa: Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Silva, A.S. & Pinto, J.M. (1986). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Ed.

Silva, F.; Viegas, F.; Duarte, I. M. & Veloso, J. (2011). *Oral – guião de implementação do programa de português do ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação, Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Sousa, O. & Cardoso, A. (2008). *Desenvolver competências em Língua Portuguesa*. ; Lisboa: Centro Interdisciplinar de estudos da ESE de Lisboa.

Teberosky, A., Colomer, T. (2008). *Aprender a ler e escrever – Uma proposta construtivista*. Brasil: Artmed.

UNESCO (1996). *Conjunto de materiais para formação de professores*. Necessidades educativas na sala de aula: Lisboa.

Vilas-Boas, A. J. (2003). *Ensinar e aprender a escrever – por uma prática diferente*. Porto: ASA Editores.

Vygotsky, A. (1979). *Pensamento e linguagem*. Lisboa: Edições Antídoto.

Yin, R. (1994). *Case study reserch: Design and methods* (2ª ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Zabalza, M. (1994). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Rio Tinto: Edições Asa.

**Netgrafia**

Laevers, F.. Entrevista. Pesquisado a 20 de outubro de 2012 em [www.dgic.min-edu.pt/data/dgidc/Revista.../doc.../entrevista74.pdf](http://www.dgic.min-edu.pt/data/dgidc/Revista.../doc.../entrevista74.pdf)

## **ANEXOS**

**ANEXO I -  
Seleção dos conteúdos 1ª semana de grupo**



<b>Estudo do Meio</b>
<i>Conteúdos</i>
A saúde do seu corpo
<b>Língua Portuguesa</b>
<i>Conteúdos</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Informação essencial e acessória</li> <li>- Vocabulário</li> <li>- Formas de tratamento e princípios de cortesia.</li> <li>- Leitura em voz alta.</li> <li>- Planificação de textos.</li> <li>- Textualização.</li> <li>- Palavra, frase, texto, imagem.</li> </ul>
<b>Matemática</b>
<i>Conteúdos</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Comparação e ordenação de números.</li> <li>- Leitura e representação de números até 200.</li> <li>- Valor posicional de um algarismo.</li> </ul>
<b>Expressões</b>
<i>Conteúdos</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pintura.</li> <li>- Recorte e colagem.</li> </ul>

**ANEXO II -  
Materiais e tarefas**

<b>Roteiro dos percursos de ensino e aprendizagem</b> <b>Guião de aula</b>	
Terça-Feira 6/11/2012	<b>Responsáveis pela execução: Ana Rita Nunes, Cláudia Farinha e Liliانا Costa</b>
<p><b>Tema integrador:</b> Higiene do Corpo</p> <p><b>Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade:</b> Higiene</p>	<p><b>Recursos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Caixinha de higiene (elemento integrador)</i></li> <li>• <i>Power Point Informativo sobre o tema “Higiene”.</i></li> <li>• <i>Material do aluno.</i></li> </ul>
<p><b>Elemento integrador:</b> Caixinha da Higiene. É uma caixa que contém os objetos de higiene mais usados nas rotinas dos alunos.</p>	
<p><b>SUMÁRIO</b></p> <p><i>Introdução do elemento integrador (“Caixinha de Higiene”) - Estudo do Meio. Apresentação do Power Point informativo sobre o tema “Higiene” e apontamentos sobre o mesmo. Construção de frases com os respetivos objetos de higiene que se encontram dentro do elemento integrador - Língua Portuguesa. Construção de um jogo “Dominó da Higiene”. - Expressão Plástica.</i></p>	
<b>Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem</b>	
Designação da atividade	Procedimentos de execução
<p>Atividade 1</p> <p>Abordagem em contexto didático.</p> <p>Introdução do Elemento Integrador</p>	<p>1.1. Exploração da “Caixinha de Higiene” questionando sobre o que acham que a caixa pode conter (ativação dos conhecimentos prévios dos alunos).</p> <p>1.2. Serão retirados os objetos da caixa um a um falando sobre a utilidade do mesmo.</p> <p>1.3. Cada aluno irá construir frases sobre como utilizam os objetos e de seguida irão ilustrá-las.</p>
Atividade 2	

<p>Projeção de um texto Informativo “A Higiene”.</p> <p>Atividade 3 Sistematização em contexto didático. Construção e realização de um jogo chamado “Dominó da Higiene”.</p> <p>Atividade 5 Os alunos irão levar para trabalho de casa a realização de algumas frases cujo tema é: “Porque fazemos a higiene?”</p>	<p>1.1 Leitura em voz alta do texto informativo projetado em power point.</p> <p>1.2 Serão retirados apontamentos, orientados por um guião.</p> <p>1.1 Individualmente será pintado o tabuleiro e respetivas peças com lápis de cor.</p> <p>1.2 Recorte das peças e do tabuleiro seguindo-se a colagem destes em cartão.</p> <p>1.3 Completam os espaços em branco com as respetivas palavras seguindo uma orientação.</p>
<p>Quarta-Feira 7/11/2012</p>	<p><b>Responsáveis pela execução: Ana Rita Nunes, Cláudia Farinha e Liliana Costa</b></p>
<p><b>Tema integrador:</b> Higiene do corpo</p> <p><b>Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade:</b> saúde, duzentos</p>	<p><b>Recursos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Imagens reais sobre o tema “Higiene”;</i></li> <li>• <i>Cartões com palavras/ações sobre o tema “Higiene”</i></li> <li>• <i>Material do aluno.</i></li> </ul>
<p><b>Elemento integrador:</b> Caixinha da Higiene. É uma caixa que contém imagens reais sobre o tema “Higiene”.</p>	
<p><b>SUMÁRIO</b></p>	

*Leitura das frases pedidas para casa. Diálogo com os alunos sobre a saúde do corpo - Estudo do Meio. Construção de frases tendo em conta o diálogo anterior - Língua Portuguesa. Resolução de problemas - Matemática.*

### Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem

Designação da atividade	Procedimentos de execução
<p>Atividade 1 Ampliação/reforço em contexto didático.</p> <p>Ler as frases que trouxeram de casa sobre a higiene.</p>	<p>1.1. Aleatoriamente serão chamados ao quadro para lerem as frases construídas em casa;</p>
<p>Atividade 2 Abordagem do tema saúde</p>	<p>1.1 Após a leitura das frases serão questionados sobre as conclusões retiradas (esperando que falem do tema “saúde”). Se isso não acontecer seremos nós a remetê-los para a importância da higiene para a saúde do corpo.</p> <p>1.2 Irão retirar (um de cada vez) uma palavra/ação da caixinha da higiene e falarão sobre ela.</p>
<p>Atividade 3 Sistematização em contexto didático</p>	<p>1.1 No final do diálogo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Escolha de quatro palavras das ações apresentadas, que estarão coladas no quadro;</li> <li>- Construção de uma frase que contenha essas quatro palavras.</li> <li>- Ilustração da frase construída.</li> </ul> <p>Utilização da ação pentear para partir para o problema matemático que fala sobre escovas de cabelo.</p>

<p>Atividade 4 Abordagem em contexto didático O número 200</p>	<p>1.1. Apresentação do problema no quadro. 1.2. Resolução do problema matemático (individualmente numa folha quadriculada) cujo resultado irá introduzir o número 200. 1.3. Representação desse mesmo número em material multibásico. 1.4. Correção em grande grupo no quadro.</p>
<p>Quinta-Feira 8/11/2012</p>	<p><b>Responsáveis pela execução: Ana Rita Nunes, Cláudia Farinha e Liliana Costa</b></p>
<p><b>Tema integrador:</b> Higiene do corpo</p> <p><b>Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade:</b> retrato</p>	<p><b>Recursos:</b> elementos caracterizadores das personagens do livro do Alfa. (Alfa, Petra e Eva)</p>
<p><b>Elemento integrador:</b> Caixinha da Higiene. É uma caixa que contém os objetos e imagens de higiene mais usados nas rotinas dos alunos.</p>	
<p><b>SUMÁRIO:</b></p> <p><i>Dramatização sobre a Higiene do corpo, Construção do retrato físico de uma personagem “Alfa” - Língua Portuguesa e Resolução de um desafio matemático com o registo do resultado nas diferentes leituras que se podem fazer - Matemática.</i></p>	
<p><b>Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem</b></p>	
<p>Designação da atividade</p> <p>Atividade 1 Dramatização sobre a Higiene</p>	<p>Procedimentos de execução</p> <p>1.1. Dramatização de uma pequena história sobre a higiene com as personagens do livro do Alfa.</p>

<p>Atividade 2 Abordagem em contexto didático Construção do retrato físico</p>	<p>1.1. De seguida, o Alfa sai e as outras personagens, com a ajuda das crianças, farão o retrato físico do Alfa no quadro. 1.2. Elaboração de um mapa de ideias chave no quadro que estará dividido nas diferentes partes do corpo. 1.3. Elaboração de frases com as ideias chave de forma a construir um pequeno texto descritivo. 1.4. Registo das ideias e respetivo texto numa folha pautada.</p>
<p>Atividade 4 Sistematização em contexto didático Percurso matemático “O Alfa quer chegar à banheira”</p>	<p>1.1. Realização de um percurso numerado onde terão de ajudar o Alfa a chegar até à banheira. Para chegar até ela, só poderão pisar casas de 10 em 10 começando na casa número 103.</p>
<p>Atividade 5 Ampliação/reforço em contexto didático Comparação e ordenação de números Resolução de um problema</p>	<p>1.1. Resolver dois problemas, 1.2. Representar o resultado no ábaco e escrever as diferentes leituras. 1.3. Comparar os resultados.</p>

Diapositivos do Power Point utilizado :







Jogo utilizado em aula:



## Guião de apoio às professoras utilizado em aula:

Orientação para as professoras (estes desafios serão lançados no quadro, cada aluno fará numa folha individualmente. Será corrigido no quadro por uma criança escolhida aleatoriamente).

### **Quarta-feira**

Numa escola de Castelo Branco estudavam 50 crianças no 1º ano, 25 crianças no 2º ano, 45 no 3º ano e 80 no 4º ano. Sabendo que cada criança tem uma escova de cabelo em casa, diz quantas escovas havia ao todo.

Faz as representações em material multibásico e as diferentes leituras.

### **Quinta-feira**

O Alfa quis tomar banho numa banheira cheia de espuma, para isso teve que utilizar muitos sabonetes. Utilizou 102 sabonetes redondos e 98 quadrados.

Quantos sabonetes utilizou ao todo o Alfa?

Faz a representação destes dois números no ábaco escrevendo as diferentes leituras que se podem fazer.

Representa o resultado da operação com o material multibásico. Faz as diferentes leituras para este resultado.

O Alfa utilizou mais sabonetes redondos, menos ou igual? Para responder utiliza os sinais  $>$ ,  $<$  ou  $=$ .

A Petra quando soube que o banho do Alfa tinha ficado com tanta espuma cheirosa, também quis utilizar sabonetes. Utilizou 89 sabonetes amarelos e 114 vermelhos.

Quantos sabonetes utilizou a Petra?

Faz a representação do resultado em material multibásico.

Quem utilizou mais sabonetes para fazer espuma na banheira?

## Guião para o aluno:

Data: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Escreve os números de 103 a 203, saltando de 10 em 10.

103 - \_\_\_\_ - 123 - \_\_\_\_\_

Agora que já sabes contar de 10 em 10 ajuda o Alfa a chegar à banheira. Pinta as casas que contêm os números que escreveste no exercício anterior.



10	1	1	15	14	15	14
3	11	12	0	3	2	7
11	1	1	13	15	19	20
8	13	25	3	3	1	0
15	1	1	98	20	16	11
	76	23		1	3	5
20	1	3	12	10	17	15
0	99	2	2	1	3	1
17	2	7	11	18	12	85
2	02	6	0	3	0	
20	8	1	64	10	19	10
	0	98			3	0
20	1	2	11	14	20	20
0	02	3	8	9	1	3



**ANEXO III -  
Conteúdos Prática Individual**

## **Estudo do Meio**

### ***Conteúdos***

- A saúde do seu corpo

## **Língua Portuguesa**

### ***Conteúdos***

- Informação essencial e acessória
- Vocabulário
- Formas de tratamento e princípios de cortesia.
- Regras e papéis da interação oral.
- Texto e imagem.
- Direccionalidade da linguagem escrita.
- Leitura em voz alta.
- Palavra, frase, texto, imagem.
- Planificação de textos.
- Textualização.
- Progressão temática; configuração gráfica
- Flexão pronominal – número (singular, plural).

## **Matemática**

### ***Conteúdos***

- Decomposição de números
- Leitura e representação de números até 200.
- Valor posicional de um algarismo

## **Expressões**

### ***Conteúdos***

- Desenho.
- Recorte, colagem e dobragem.

**ANEXO IV -  
Materiais e tarefas**

<b>Roteiro dos percursos de ensino e aprendizagem</b> <b>Guião de aula</b>	
Terça-Feira 13/11/2012	<b>Responsáveis pela execução: Liliana Costa</b>
<p><b>Tema integrador:</b> O retrato</p> <p><b>Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade:</b> retrato</p>	<p><b>Recursos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Máquina fotográfica de cartão</li> <li>• Várias fotografias</li> <li>• Imagem de um retrato famoso do pintor Renoir</li> <li>• Rádio leitor de cd</li> <li>• Cd de música clássica</li> <li>• revistas, cola branca</li> <li>• Material do aluno</li> </ul>
<p><b>Elemento integrador:</b> Máquina fotográfica de cartão de onde saem vários retratos (atuais, mais antigos, de pessoas, de alimentos...)</p>	
<p><b>SUMÁRIO</b></p> <p><i>Realização de uma moldura, explorando a técnica da dobragem, da composição com diferentes materiais rasgados, da colagem e do desenho/pintura. - Expressão Plástica</i></p> <p><i>Construção de materiais de apoio à produção escrita de um texto descritivo (retrato físico).</i></p> <p><i>Identificação da informação essencial e acessória da audição do poema “A menina feia” de Luísa Ducla Soares. - Língua Portuguesa</i></p>	
<b>Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem</b>	
Designação da atividade	Procedimentos de execução
<p>Atividade 1</p> <p>Introdução do elemento integrador</p>	<p><b><u>Antes da leitura:</u></b></p> <p><b>1.1. <u>Motivação inicial:</u></b> Ativação de conhecimentos prévios retratos, partindo da exploração do elemento integrador. (para que serve, o que sai de lá...)</p> <p><b>1.2.</b> Análise de alguns retratos. Exploração do título do poema “A menina Feia” de Luísa Ducla Soares para introduzir a atividade seguinte. Antecipação do conteúdo do poema através do título. (Questionamento sobre como será a menina</p>



<p>Atividade 2 Ouvir para depois desenhar.</p> <p>Atividade 3 – <u>Abordagem em contexto didático</u> Elaboração do retrato físico de “A menina Feia”</p> <p>Atividade 4 – <u>Sistematização em contexto didático</u> Planificação do texto descritivo (ideias-chave para um retrato físico)</p> <p>Atividade 5 Pintura de um retrato e construção de uma</p>	<p>feia?)</p> <p><b><u>Durante a leitura:</u></b></p> <p>1.1. Audição da primeira parte do poema “A menina Feia” de Luísa Ducla Soares.</p> <p>1.2. Desenho das características físicas da menina feia que não se encontram presentes na folha entregue às crianças.</p> <p>1.1. Distribuição do texto.</p> <p>1.2. Audição do poema na íntegra.</p> <p>1.3. Exploração oral do texto identificando as palavras-chave que caracterizam “A menina feia”.</p> <p>1.4. Registo das palavras-chave, sublinhando as mesmas no texto distribuído.</p> <p>1.5. Correção do desenho.</p> <p>1.6. Leitura do texto em voz alta pelas crianças.</p> <p><b><u>Depois da leitura:</u></b></p> <p>1.1. Confronto das ideias iniciais que tinham sobre o poema.</p> <p><b><u>Planificação do texto descritivo:</u></b></p> <p>1.2. Construção de material de apoio à elaboração de um retrato físico (adjetivos, comparações), partindo das palavras-chave e descobrindo mais adjetivos através de imagens mostradas pela professora.</p> <p>1.3. Leitura e exploração do material construído.</p> <p>1.4. Divisão de uma folha de papel em partes.</p> <p>1.5. Registo individual, numa folha, das ideias-chave para o retrato físico do colega, a pares. (Rosto)</p> <p>1.6. Leitura em voz alta dos registos feitos na folha de papel.</p> <p>1.1. Apresentação de um retrato famoso pintado por Pierre Auguste Renoir, referindo algumas curiosidades da vida do pintor.</p> <p>1.2. Desenho e pintura, ao som de música clássica, com</p>
---	--

moldura	<p>lápiz de cor, do retrato do/a colega. (Rosto)</p> <p>1.3. Construção de uma moldura através de dobragens.</p> <p>1.4. Rasgagem de papel de revista.</p> <p>1.5. Colagem do papel de revista, em camadas, com cola branca. Revestindo a moldura.</p> <p>1.6. Decoração da moldura com castanhas pintadas.</p> <p>1.7. Colagem do retrato, feito inicialmente, na moldura.</p>
<p>Quarta-Feira 14/11/2012</p>	<p><b>Responsáveis pela execução: Liliana Costa</b></p>
<p><b>Tema integrador:</b> O retrato</p> <p><b>Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade:</b> duzentos, decomposição.</p>	<p><b>Recursos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Roda dos alimentos em papel de cenário</i></li> <li>• <i>Elemento integrador</i></li> <li>• <i>Retratos</i></li> <li>• <i>Material das crianças</i></li> </ul>
<p><b>Elemento integrador:</b> Máquina fotográfica</p>	
<p><b>SUMÁRIO</b></p> <p><i>Textualização e revisão do retrato físico do colega. - Língua Portuguesa</i></p> <p><i>Decomposição do número 200, resolução de problemas. - Matemática</i></p> <p><i>Exploração do tema “Higiene dos alimentos”. - Estudo do Meio</i></p>	
<p align="center"><b>Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem</b></p>	
<p align="center">Designação da atividade</p> <p>Atividade 1- <u>Abordagem em contexto didático</u></p> <p>Elaboração do texto descritivo (Retrato Físico)</p> <p>Atividade 2 - <u>Abordagem em contexto didático</u></p>	<p align="center">Procedimentos de execução</p> <p><b><u>Textualização acompanhada da revisão:</u></b></p> <p>1.1. Realização do retrato físico (rosto), por escrito, do colega. Tendo por base o material de apoio construído no dia anterior e a planificação do texto.</p> <p>1.2. Textualização acompanhada da revisão com o apoio das professoras, individualmente.</p> <p>1.1. Resolução de problemas individualmente, tendo como objetivo a decomposição do número 200.</p>

<p>Desafio matemático “Vamos organizar retratos”</p> <p>Atividade 3 - <u>Abordagem em contexto didático</u></p> <p>“Um retrato de fruta?”, Higiene dos alimentos.</p>	<p>Apoiando-se em material multibásico e no ábaco.</p> <p>1.2. Correção/reflexão, feita no quadro em grupo, dos resultados obtidos.</p> <p>1.1. Recolha de mais dois retratos de dentro da máquina fotográfica (uma composição de frutos e fotografia de uma carta).</p> <p>1.2. Exploração da imagem retirada. (o que é?, porque será que saiu este retrato?, será que há no correio uma carta a explicar o que vamos fazer?...)</p> <p>1.3. Leitura, por parte da criança responsável pelo correio nesta semana, da carta explicativa que se encontra no correio.</p> <p>1.4. Construção de uma roda dos alimentos coletiva, em papel de cenário, colocando os nomes dos alimentos nos grupos corretos da roda.</p>
<p>Quinta-Feira 15/11/2012</p>	<p><b>Responsáveis pela execução: Lílíana Costa</b></p>
<p><b>Tema integrador:</b> O retrato</p> <p><b>Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade:</b> plural, singular</p>	<p><b>Recursos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Elemento integrador</i></li> <li>• <i>Retratos</i></li> <li>• <i>Embalagens com prazos de validade</i></li> <li>• <i>Material das crianças</i></li> </ul>
<p><b>Elemento integrador:</b> Máquina fotográfica de cartão</p>	
<p><b>SUMÁRIO:</b></p> <p><i>Leitura e avaliação da leitura, por parte dos colegas, dos textos realizados no dia anterior. Construção de frases com concordância de número entre o sujeito e o predicado. - Língua Portuguesa</i></p> <p><i>Leitura, representação e decomposição de números. Resolução de problemas. - Matemática</i></p> <p><i>Sensibilização à importância da higiene dos alimentos e da verificação dos prazos de validade. - Estudo do Meio.</i></p>	

<b>Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem</b>	
Designação da atividade	Procedimentos de execução
<p>Atividade 1- <u>Ampliação/reforço em contexto didático</u> Leitura dos textos descritivos</p>	<p><b><u>Antes da leitura:</u></b> 1.1. Explicitação do objetivo da leitura dos textos construídos pelas crianças.</p> <p><b><u>Durante a leitura:</u></b> 1.2. Leitura em voz alta, pelas crianças, dos textos descritivos que foram construídos no dia anterior.</p> <p><b><u>Depois da leitura:</u></b> 1.3. Avaliação da leitura destes por parte dos colegas.</p>
<p>Atividade 2 – <u>Abordagem em contexto didático</u> Concordância de número.</p>	<p>1.1. Recolha de retratos (imagens) da máquina fotográfica, por parte das crianças. 1.2. Correspondência do nome (imagens) com os determinantes artigos definidos e artigos indefinidos. Registo no quadro. 1.3. Construção de frases concordando com os elementos apresentados e concordando com o número entre sujeito e predicado. 1.4. Discussão/reflexão das diferenças e semelhanças detetadas. 1.5. Registo da conclusão. 1.6. Contagem do número de palavras que contém uma das frases e número de sílabas de uma palavra, oralmente.</p>
<p>Atividade 3 – <u>Sistematização em contexto didático</u> Guião matemático.</p>	<p>1.1. Distribuição do guião matemático. 1.2. Leitura e interpretação coletiva do guião. 1.3. Resolução do guião de forma individual. 1.4. Correção/reflexão sobre os resultados e estratégias utilizadas.</p>
<p>Atividade 4 – <u>Abordagem em contexto didático</u> Cuidados a ter com os alimentos.</p>	<p>1.1. Diálogo sobre a importância de lavar os alimentos crus antes de os consumir. 1.2. Diálogo sobre as características da água potável.</p>

<p>Atividade 5 Jogo “o que posso e não posso consumir”.</p>  <p>Atividade 6 – <u>Ampliação/reforço</u> Livro de Fichas de Estudo do Meio</p>	<p>1.1. Verificação de várias embalagens e registo numa folha, dividida ao meio, do que pode ser consumido e o que não pode ser consumido consoante a validade apresentada.</p> <p>1.1. Distribuição, por parte das crianças que possuem essa tarefa nesta semana, dos livros de fichas de estudo do Meio.</p> <p>1.2. Realização da ficha nº 8 (pagina 17) desse manual.</p> <p>1.3. Correção em grupo, oralmente.</p>
--	---

## Poema utilizado em aula:

Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

### **A Menina Feia**

A menina feia  
tem dentes de rato  
e pêlos nas pernas  
à moda de um cacto.

A menina feia  
tem olhos em bico  
e o seu nariz  
pica como um pico.

A menina feia,  
sardenta gorducha  
não parece gente,  
só lembra uma bruxa.

\*\*\*

Se fechares teus olhos,  
a ouvires cantar,  
é uma sereia,  
princesa do mar.

Se fechares teus olhos  
e chegares pertinho,  
ela cheira a rosas  
e a rosmaninho.

Se lhe deres a mão,  
vês que é de veludo  
e tens uma amiga  
pronta para tudo.

Retirado de *Poemas da Mentira e da Verdade*, Luísa Ducla Soares, pág.29  
Livros Horizonte

Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

### **Rosto**

Forma da cara	Cabelo	Faces
Olhos	Nariz	Boca

Guião de matemática:

Nome: \_\_\_\_\_

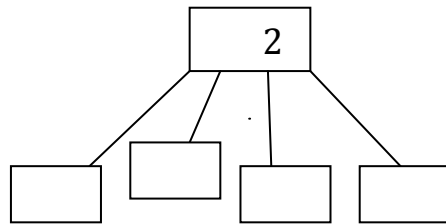
Data: \_\_\_\_\_



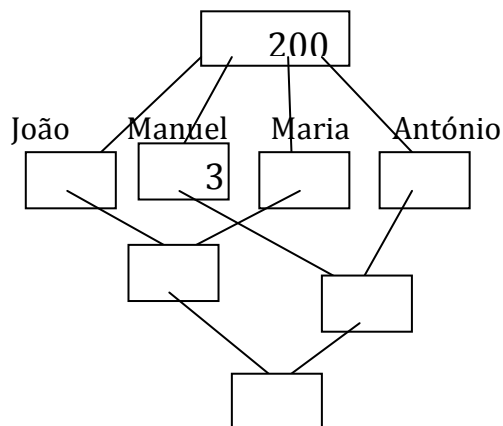
Olá amigo:  
Preciso da tua ajuda. Lê com  
atenção e responde.

O fotógrafo João tem 200 fotografias todas misturadas. Ele sabe que essas fotografias são de 4 clientes diferentes e que todas elas têm o mesmo número de fotografias.

Ajuda o fotógrafo a distribuir as fotografias seguindo o esquema:



Imagina que o fotógrafo tinha quatro clientes, mas nem todos tinham o mesmo número de fotografias. Completa o esquema:



Se o João e a Maria juntassem as suas fotografias ficariam com quantas?

Se o Manuel também juntasse as suas fotografias com as do António com quantas ficavam?

E se todos eles voltassem a juntar as suas fotografias?



## Imagens utilizadas em aula:



Reprodução a óleo em tela de Retrato de Claude Renoir Pintando, Pierre Auguste Renoir



O artista italiano Giuseppe Arcimboldo criou sua própria forma de fazer arte, compondo retratos com alimentos. Título *Outono*.

## Carta supostamente enviada aos alunos:

Aos alunos do 2º ano da escola da Mina.

Castelo Branco, 14 de novembro de 2012

Queridos amigos

Estou a escrever-vos porque ando a estudar a higiene alimentar e os cuidados a ter com a alimentação. Sei que vocês são uns alunos muito curiosos, que gostam de aprender muitas coisas novas e interessantes por isso enviei-vos um retrato pintado pelo artista italiano Giuseppe Arcimboldo que criou a sua própria forma de fazer arte, compondo retratos com alimentos.

Como sabem consumimos muitos alimentos diariamente, mas nem todos nos fazem bem. Devemos dar preferência às hortícolas e frutas.

Espero que tenham gostado do retrato e tenham muita atenção à vossa alimentação. Nada de doces.

Muitos beijinhos a todos desejo-vos um bom dia de trabalho.

Do vosso amigo

Alfa.

P.S. Já me estava a esquecer, enviei-vos também uma roda dos alimentos para vocês acabarem de completar e respetivas instruções. Beijinhos.

## Guião de matemática:

Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

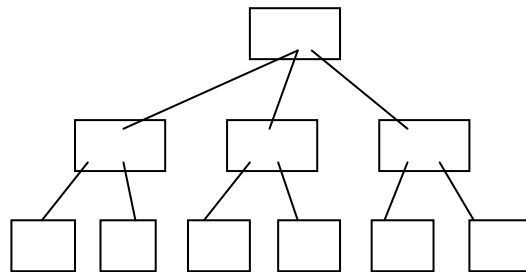


Olá amiguinho!  
Hoje trouxe-te alguns exercícios  
para resolveres sozinho. Eu sei que  
és capaz.

O João e a Maria foram a uma visita de estudo, conseguiram tirar uma centena, sete dezenas e quatro unidades de retratos. Mas a professora tinha-lhes pedido para tirarem duas centenas.

Quantos retratos lhes faltam tirar?

Quando chegaram à sala de aula a professora distribuiu os 174 retratos por 3 grupos de 2 crianças. Com quantos retratos ficou cada grupo? E com quantos retratos ficou cada criança?



A Francisca levou os seus retratos para casa, o Guilherme também, mas as outras crianças deixaram-nos na escola. Quantos retratos ficaram na escola?

**ANEXO V -  
Conteúdos Prática Individual**

<b>Estudo do Meio</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>A segurança do seu corpo.</b></li> </ul>
<b>Língua Portuguesa</b>
<i>Conteúdos</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Informação essencial e acessória <b>Conteúdo novo</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Vocabulário</li> <li>• Intencionalidade comunicativa: - aviso. <b>Conteúdo novo</b></li> <li>• Regras e papéis da interação oral.</li> <li>• Assunto; ideia principal <b>Conteúdo novo</b></li> <li>• Leitura em voz alta.</li> <li>• Palavra, frase, texto, imagem.</li> <li>• Planificação de textos.</li> <li>• Textualização.</li> <li>• Revisão</li> <li>• Flexão nominal, adjetival – número (singular, plural); género (masculino, feminino).</li> <li>• Frase, não-frase. <b>Conteúdo novo</b></li> </ul> </li> </ul>
<b>Matemática</b>
<i>Conteúdos</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Multiplicação (tabuada do 2) <b>Conteúdo novo</b></li> <li>• Adição</li> </ul>
<b>Expressões</b>
<i>Conteúdos</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fotografia, Transparências e Meios Audio-Visuais</li> </ul>

**ANEXO VI -  
Materiais e tarefas**

<b>Roteiro dos percursos de ensino e aprendizagem Guião de aula</b>	
Terça-Feira 4/12/2012	<b>Responsáveis pela execução: Liliana Costa</b>
<p><b>Tema integrador:</b> <i>Prevenção rodoviária</i></p> <p><b>Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade:</b> prancha, vinheta, tira.</p>	<p><b>Recursos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Vários livros de Banda desenhada</li> <li>• Material do aluno</li> <li>• 1 cartolina</li> <li>• Retroprojektor</li> <li>• computador</li> </ul>
<p><b>Elemento integrador:</b> Banda desenhada “Cédric na estrada” do manual de Língua Portuguesa 2 – Alfa</p>	
<p><b>SUMÁRIO:</b> <i>Exploração de textos em banda desenhada. Distinção entre frases e não-frases. (Português)</i></p> <p><i>Diálogo sobre algumas atitudes de prevenção rodoviária que deveremos ter em atenção. (Estudo do Meio)</i></p> <p><i>Dramatização de uma história em banda desenhada. (Expressão Dramática)</i></p> <p><i>Construção de uma história em banda desenhada. Desenho orientado pelas frases atribuídas anteriormente. (Expressão Plástica)</i></p>	
<b>Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem</b>	
Designação da atividade	Procedimentos de execução
<p>Atividade 1 - <u>Abordagem em contexto didático</u></p> <p>Visualização de bandas desenhadas.</p>	<p><b><u>Antes da leitura:</u></b></p> <p>Distribuição dos guiões do aluno.</p> <p><b>1.3. <u>Motivação inicial:</u></b></p> <p>Ativação de conhecimentos prévios. Visualização de vários livros de banda desenhada.</p> <p><b>1.4.</b> Visualização e diálogo sobre características apresentadas pela Banda Desenhada (prancha, tira, vinheta, planos, balões, signos cinéticos e</p>

	<p>onomatopeias).</p> <p><b>1.5.</b> Registo das características da Banda Desenhada, no guião.</p> <p><b>1.6.</b> Antecipação do conteúdo do texto através do título “Cédric na estrada”.</p> <p><b>1.7.</b> Explicitação do objetivo da leitura do texto.</p> <p><b>1.8.</b> Formulação de hipóteses de como poderá ser aquela história.</p> <p><b>1.9.</b> Distribuição dos manuais de Língua Portuguesa, feita pelos tarefeiros da semana.</p> <p><b>1.10.</b> Introdução do elemento integrador (banda desenhada do manual de Língua Portuguesa dos alunos pag.90).</p>
<p>Atividade 2</p> <p>Leitura da banda desenhada “Cédric na estrada”</p>	<p><b><u>Durante a leitura:</u></b></p> <p>1.3. Exploração das imagens apresentadas nesta banda desenhada (planos, balões, cor).</p> <p>1.4. Exploração dos signos cinéticos e das onomatopeias no âmbito da compreensão da narrativa.</p> <p>1.5. Leitura icónica realizada pelas crianças.</p> <p><b><u>Depois da leitura:</u></b></p> <p>1.6. Diálogo sobre o assunto principal (prevenção rodoviária).</p>
<p>Atividade 3</p> <p>Construção de:</p> <p>“A nossa primeira Banda Desenhada”</p>	<p>1.1. Visualização de uma banda desenhada modelo em Power Point (retirada de: <a href="http://www.renault.seguranca.para.todos.com.pt">www.renault.seguranca.para.todos.com.pt</a>)</p> <p>1.2. Dramatização dessa história.</p> <p>1.3. Registo, no quadro de uma das frases encontrada num balão de fala.</p>
<p>Atividade 4 – <u>Abordagem em contexto didático</u></p> <p>Realização de exercícios co frases.</p> <p>“Que frase estranha!”</p>	<p>1.7. Exploração da frase registada de forma errada, anteriormente, no quadro.</p> <p>1.8. Questionamento oral se se trata ou não de uma frase e porquê?</p> <p>1.9. Preenchimento de duas colunas no guião de aula.</p>



<p>Atividade 5 Desenho “A nossa primeira Banda Desenhada”</p>	<p>Primeira coluna corresponde a frases e a segunda coluna corresponde a não-frases.</p> <p>1.10. Apresentação de frases e não-frases no quadro.</p> <p>1.11. Registo, dessas frases, tendo em atenção a coluna a que correspondem.</p> <p>1.12. Correção coletiva feita oralmente.</p> <p>1.13. Registo das conclusões tiradas.</p> <p>1.8. Distribuição dos alunos por grupos de 5 elementos.</p> <p>1.9. Distribuição, a cada aluno, de quadrados de folhas de papel brancas, balões de fala e de pensamento com respetiva história (história dramatizada na parte da manhã).</p> <p>1.10. Desenho da imagem correspondente a cada balão, tendo em atenção se a imagem se encontra em grande plano, em 2º plano...</p> <p>1.11. Montagem da história por ordem em cartolina. (as imagens serão reduzidas pela professora e imprimidas em papel de acetato de forma a construir uma história em slides, sem que as crianças saibam).</p> <p><b>Trabalho para casa:</b> manual Língua Portuguesa pag.90, exerc. 1,2 e 3.</p>
<p>Quarta-Feira 5/12/2012</p>	<p><b>Responsáveis pela execução: Liliana Costa</b></p>
<p><b>Tema integrador:</b> Prevenção Rodoviária</p> <p><b>Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade:</b> Velocípedes, travessia, via pública.</p>	<p><b>Recursos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Manual de Estudo do Meio</i></li> <li>• <i>Aviso modelo</i></li> <li>• <i>Computador com internet</i></li> <li>• <i>retroprojeto</i></li> <li>• <i>Sinais de trânsito pequenos em papel</i></li> <li>• <i>Material das crianças</i></li> </ul>
<p><b>Elemento integrador:</b> Banda Desenhada “Cédric na estrada”</p>	

<p><b>SUMÁRIO:</b>  <i>Leitura, planificação e textualização de um aviso. - Língua Portuguesa</i>  <i>Formação e representação de conjuntos, exercícios de sequências numéricas (2 em2).</i>  <i>- Matemática</i>  <i>Regras de prevenção rodoviária e os sinais de trânsito. - Estudo do Meio</i></p>	
<p><b>Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem</b></p>	
<p>Designação da atividade</p>	<p>Procedimentos de execução</p>
<p>Atividade 1- <u>Abordagem em contexto didático</u>  Leitura de um “AVISO” a quem circula na rua.</p>	<p><b><u>Antes da leitura:</u></b>  Distribuição dos guiões do aluno.</p> <p>1.3. Apresentação do título “Aviso” e antecipação do conteúdo do texto.  1.4. Formulação de hipóteses do que pode conter a folha apresentada, através do título “AVISO” e associando-o à banda desenhada (elemento integrador)</p> <p><b><u>Durante a Leitura:</u></b>  1.3. Leitura em voz alta, pela professora (modelo)  1.2. Exploração do texto relativamente à informação essencial transmitida e a informação acessória.  1.3. Registo, ditado, dessa informação.  1.4. Identificação das partes de um aviso.  1.5. Registo das etiquetas: título, data... presentes no aviso.  1.6. Leitura em voz alta pelas crianças.</p> <p><b><u>Depois da Leitura:</u></b>  1.7. Confronto das ideias iniciais relativas ao texto com a realidade.</p>
<p>Atividade 2 - <u>Abordagem em contexto didático</u>  Construção de um aviso  “Também quero avisar...”</p>	<p><b><u>Planificação:</u></b>  1.1. Planificação de um aviso, tendo como base as partes que o formam (título, destinatário, data...).</p> <p><b><u>Textualização:</u></b>  1.2. Textualização de um aviso tendo como apoio o modelo planificado anteriormente.</p>

<p>Atividade 3 - <u>Abordagem em contexto didático</u></p> <p>“Vou aprender os sinais de trânsito”</p> <p>Atividade 4</p> <p>“Aplico o que aprendi”</p> <p>Atividade 5 – <u>Sistematização em contexto didático</u></p> <p>Conjuntos de sinais.</p>	<p>1.1. Visualização de um vídeo sobre prevenção rodoviária e os sinais de trânsito. (<a href="http://www.sitiodosmiudos.pt/Transito/">http://www.sitiodosmiudos.pt/Transito/</a>)</p> <p>1.1. Distribuição dos livros de fichas de Estudo do meio, por parte dos tarefeiros da semana.</p> <p>1.2. Resolução da ficha nº 16 da pág.33 do livro de fichas de Estudo do Meio.</p> <p>1.1. Formação de conjuntos de sinais de trânsito, no quadro.</p> <p>1.2. Registo do que foi realizado no quadro, numa folha de papel quadriculado.</p> <p>1.3. Resolução dos exercícios de matemática presentes no guião do aluno, individualmente.</p> <p>1.4. Correção coletiva no quadro.</p> <p><b>Trabalho de casa:</b> Manual de Estudo do Meio pág. 81, exerc. 1 e 2.</p>
<p>Quinta-Feira 6/12/2012</p>	<p><b>Responsáveis pela execução: Liliana Costa</b></p>
<p><b>Tema integrador:</b> Prevenção Rodoviária</p> <p><b>Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade:</b> Multiplicação.</p>	<p><b>Recursos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Bilhetes de cinema.</li> <li>• Sinais de trânsito em papel.</li> <li>• Projetor de slides, slides.</li> <li>• Manual de matemática dos alunos</li> <li>• Material das crianças</li> </ul>
<p><b>Elemento integrador:</b> Banda Desenhada “Cédric na estrada”.</p>	

<p><b>SUMÁRIO:</b></p> <p><i>Explicitação do sinal da multiplicação e construção da tabuada do dois com o apoio de formação de conjuntos. (Matemática)</i></p> <p><i>Flexão nominal de número e género. Caça às palavras. Revisão do texto construído no dia anterior. (Português)</i></p> <p><i>Realização de um percurso com sinais de trânsito explicitando regras de prevenção rodoviária. (Estudo do Meio)</i></p>	
<p><b>Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem</b></p>	
<p>Designação da atividade</p>	<p>Procedimentos de execução</p>
<p>Atividade 1- <u>Abordagem em contexto didático</u></p> <p>“Vou aprender a tabuada.”</p>	<p>Distribuição dos guiões do aluno.</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1.1. Leitura de uma pequena parte da história da pág. 70 do manual de matemática.</li> <li>1.2. Construção de uma árvore, no quadro e no lugar em simultâneo, seguindo a história.</li> <li>1.3. Distribuição dos manuais de matemática.</li> <li>1.4. Leitura da história na íntegra.</li> <li>1.5. Explicitação do sinal utilizado na multiplicação.</li> <li>1.6. Construção da tabuada do 2 através dos conjuntos realizados no quadro.</li> <li>1.7. Registo no guião.</li> <li>1.8. Resolução dos exercícios da pág. 71 do manual de matemática.</li> </ol>
<p>Atividade 2 - <u>Ampliação/reforço em contexto didático</u></p> <p>“Caça às palavras.”</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1.1. Discriminação de palavras no singular.</li> <li>1.2. Associação dessas palavras ao seu plural.</li> <li>1.3. Sopa de letras de palavras no feminino.</li> <li>1.4. Registo das palavras num quadro feito pelos alunos numa folha pautada.</li> <li>1.5. Associação dessas palavras ao seu masculino.</li> </ol>
<p>Atividade 4 – <u>Ampliação/reforço em contexto didático</u></p> <p>Correção do texto “Aviso”</p>	<p><b><u>Revisão do texto construído:</u></b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1.4. Distribuição, a todas as crianças, de um aviso previamente escolhido, construído no dia anterior.</li> <li>1.5. Projeção desse mesmo aviso no quadro.</li> </ol>

<p>Atividade 3 "Vamos ao cinema"</p>	<p>1.6. Identificação de aspetos ortográficos, morfológicos e sintáticos.</p> <p>1.7. Correção deste coletivamente.</p> <p>1.1. Distribuição de bilhetes para ir ao cinema. (bilhetes com lugares marcados por parcelas da tabuada do 2. Por ex: Fila A Lugar 2x5. A criança senta-se no lugar A - 10)</p> <p>1.2. Deslocação pela escola, da sala de aula até ao ginásio, seguindo um percurso com sinais de trânsito.</p> <p>1.3. Ocupação dos seus respetivos lugares, sentados, no ginásio.</p> <p>1.4. Visualização da banda desenhada construída por eles em slides.</p>
--	--

Seguem-se os guiões de aluno distribuídos diariamente:

**Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva**  
**Escola EBI da Mina**

**Guião do aluno**

Nome: \_\_\_\_\_

—

Data: \_\_\_\_\_

—



Olá amiguinhos:  
Hoje durante todo o dia serei eu a dizer-vos quais as atividades que vão desenvolver.  
Toma atenção às orientações e aprenderás com mais facilidade.

• Neste momento, observa os diversos livros que te vão ser mostrados!  
Já tinhas visto livros como estes?

Sim  Não

Achas que estes livros são:

Poesia	<input type="checkbox"/>	Lenga Lengas	<input type="checkbox"/>
Receitas	<input type="checkbox"/>	Adivinhas	<input type="checkbox"/>
Banda Desenhada	<input type="checkbox"/>	Teatro	<input type="checkbox"/>



Dialoga com os teus colegas sobre as características que este tipo de histórias apresentam.  
Regista aqui essas características.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

• Repara no título apresentado “Cédric na estrada”. Como poderia ser esta história? Partilha a tua ideia com os teus colegas, respeitando sempre a tua vez de falar.



• Os teus colegas, que esta semana estão responsáveis pela distribuição do material, vão entregar-te o teu manual de Língua Portuguesa. **Abre-o na página 90.**

Nesta banda desenhada encontram-se várias palavras. Regista o que representam essas palavras?



---

---

---

• O assunto principal desta história é sobre a:

Alimentação  
equilibrada

Prevenção rodoviária

Higiene pessoal

Vida escolar



Ouve com atenção a história de banda desenhada. Segue as orientações para que a possas dramatizar.

- Que frase estranha está no quadro! Regista-a.

- Será que é mesmo uma frase?

Eu penso que:      Sim       Não

- Repara nas frases que estão a ser escritas no quadro. Regista a tua opinião.



<i>Eu penso que</i> <i>são:</i>	
<b>Frases</b>	<b>Não-Frases</b>





Toma atenção à correção  
que vai ser feita no quadro.

- Regista as conclusões que tiraste.

É uma frase quando

---

---

É uma não-frase quando

---

---

• No quadrado de papel que te foi entregue, ilustra a frase presente no balão de fala que te pertence, para que possamos construir uma história em banda desenhada. A nossa primeira banda desenhada.

• Depois de todos terminarem, vamos juntos, ordenar a história numa cartolina.



*Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva*  
*Escola EB1 da Mina*

**Guião do aluno**

Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_



Bom dia:

Ontem, conhecestes o Cédric e como te deves lembrar ele porta-se mal quando anda na estrada. Para que ele e as outras crianças tenham mais cuidado um polícia escreveu um AVISO.

- O que pensas que poderá estar escrito nesse AVISO?

Eu penso que um aviso é um texto que:

Nos dá instruções	<input type="checkbox"/>
nos diverte	<input type="checkbox"/>
nos dá informações	<input type="checkbox"/>



Ouve com atenção o AVISO, para que depois o possas ler sem dificuldade.

- Qual a informação essencial que aqui foi transmitida?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

- E qual a informação acessória, aquela que não tem grande importância?



Assinala, no aviso que te foi entregue, as partes que o compõem.  
Planifica o teu aviso.

Título: \_\_\_\_\_

A quem se destina: \_\_\_\_\_

Informação a transmitir:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Data (local, dia, mês e ano):

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Quem o escreve: \_\_\_\_\_

Cargo: \_\_\_\_\_



Escreve o teu próprio aviso com o apoio do modelo que te foi apresentado.



• Os tarefeiros desta semana vão entregar-te o teu livro de fichas de estudo do Meio. **Abre-o na pág. 33 e regista o que aprendeste na ficha nº 16.**



• Está atento aos conjuntos que se vão formar no quadro.

Numa folha de papel quadriculado regista o que foi feito no quadro.

**NÃO te esqueças de escrever o teu nome completo e**

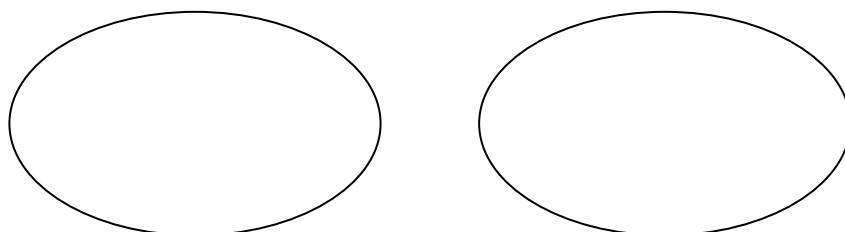
• Com os sinais de trânsito que aprendeste forma 3 conjuntos de 2 sinais cada um:



Qual a expressão matemática que podes escrever para representar esses conjuntos. Completa:

\_\_\_\_\_ + \_\_\_\_\_ + \_\_\_\_\_ = \_\_\_\_\_

• Desenha 2 conjuntos de 5 sinais cada um.



\_\_\_\_\_ + \_\_\_\_\_ = \_\_\_\_\_

AVISO

AOS ALUNOS DA ESCOLA DA MINA

A Policia de Segurança Pública de Castelo Branco leva ao conhecimento de todos que, a partir do próximo mês de Janeiro, iniciar-se-ão as obras de saneamento e de pavimentação na estrada junto da escola e, por isso, os alunos terão que circular com muita precaução a fim de evitar acidentes

Atenciosamente,

Castelo Branco, 4 de dezembro de 2012.

(assinatura do diretor da PSP de CB)

**Eduardo dos Santos Silva**

Diretor da PSPCB.

*Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva*  
*Escola EB1 da Mina*

**Guião do aluno**

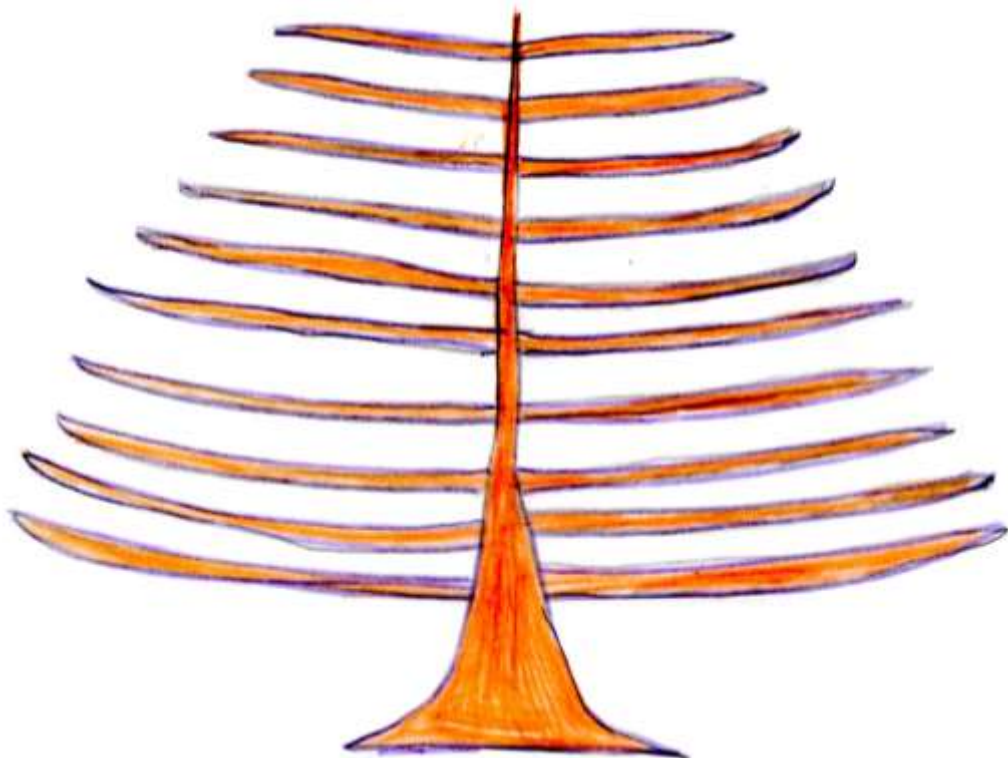
Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Bom dia amigo, o cédric hoje de manhã, quando foi andar de bicicleta, passou na casa da sua amiga Beatriz e ela estava a desenhar pássaros.



- Ouve agora a história que te vão contar e tenta desenhar uma árvore, com pássaros, como a da Beatriz. Sabes que:
  - O 1º ramo tem um pássaro de cada lado;
  - Sempre que desces um ramo, acrescenta-se mais um pássaro de cada lado.





- Os tarefeiros da semana vão entregar-te o teu manual de matemática para que possas ler a história da Beatriz até ao fim. **Abre na pág.70.** Podes também corrigir a árvore que fizeste, vendo a do manual.

Regista aqui as representações matemáticas que se podem fazer para cada ramo de árvore.

Ex:  $1 + 1 = 2$

ou

$2 \times 1 = 2$

_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

Neste momento já consegues resolver os exercícios da **página 71** do teu manual de matemática. Bom





- Diz palavras que conheças no singular, mas não te esqueças de pedir primeiro a palavra e esperar pela tua vez.
- Numa folha pautada, faz duas colunas, uma para o plural outra para o singular. Regista as palavras nas colunas corretas.



Encontra, nesta sopa de letras, palavras no feminino. Regista-as num quadro feito também na tua folha pautada e encontra o masculino de cada uma das

- Encontra 10 palavras do género feminino. Há cinco na vertical e cinco na horizontal.

T	R	A	G	A	T	A	A	D	C	R	A
I	A	T	N	Q	A	R	T	I	R	S	B
C	B	R	M	L	A	A	T	N	X	Z	E
I	D	I	C	C	L	B	S	A	U	V	L
I	G	Z	E	P	U	I	R	M	Ã	Q	H
A	H	Z	V	F	N	I	I	A	P	C	A
I	A	Z	X	G	A	D	P	R	C	U	B
F	C	F	F	B	A	F	A	Q	M	N	G
F	C	E	T	I	S	A	T	U	L	V	L
I	C	R	U	T	S	I	C	E	C	Z	E
F	M	P	R	I	N	C	E	S	A	S	C
N	C	P	I	N	T	C	R	A	X	T	A



Ontem escreveste um aviso. Mas será que está totalmente correto? Corrige, juntamente com os teus colegas o aviso que te vai ser apresentado.

Esta correção ajudar-te-á a corrigir também o teu.

Tenho uma proposta para ti. Que tal irmos agora ao cinema?

Toma muita atenção às orientações que te vão dar.



Exemplo de bilhetes para o cinema feito por nós:

<p>Vamos ao cinema...</p> <p><b><i>“A nossa primeira Banda Desenhada”</i></b></p> <p><b>Lugar: Fila A nº 2x1</b></p>	<p>Vamos ao cinema...</p> <p><b><i>“A nossa primeira Banda Desenhada”</i></b></p> <p><b>Lugar: Fila A nº 2x2</b></p>
<p>Vamos ao cinema...</p> <p><b><i>“A nossa primeira Banda Desenhada”</i></b></p> <p><b>Lugar: Fila A nº 2x3</b></p>	<p>Vamos ao cinema...</p> <p><b><i>“A nossa primeira Banda Desenhada”</i></b></p> <p><b>Lugar: Fila A nº 2x4</b></p>

Aviso Correção:

**aviso**

A Mariana, a Maria e a Maria R.

Olá melhor amiga, algum dia tens de ir há minha casa que à la um aviso.

Mariana não te desquesas que tu és a mana e eu também sou a mana e a Maria Rita é a madrinha a Maria é a Mãe eu chamo-me Marta e tu juana a Maria chama-se Qláudia e a Maria Rita é a Felismina Baltazar Moura.



Atenciomente,

Castelo Branco, 4 de dezembro de 2012.

**Eduardo dos Santos Silva**

Diretor da PSPCB.

## CÓDIGO DE CORREÇÃO

	fazer parágrafo
	não fazer parágrafo
+	letra a mais
-	letra a menos
↔	letras trocadas
—	erro ortográfico
<b>P</b>	erro de pontuação
<b>X</b>	erro de acentuação
≈	palavra repetida



**ANEXO VII -  
Conteúdos 2ª semana de grupo**

<b>Estudo do Meio</b>
<b>Conteúdos</b>
<b>O passado mais longínquo da criança</b> <b>O seu corpo</b> <b>A saúde do seu corpo</b> <b>A segurança do seu corpo</b> <b>Os seus itinerários</b>
<b>Língua Portuguesa</b>
<b>Conteúdos</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Informação essencial e acessória</b></li><li>• <b>instruções; indicações</b></li><li>• <b>Vocabulário</b></li><li>• <b>Intencionalidade comunicativa:</b> - <b>aviso.</b></li><li>• <b>Regras e papéis da interação oral.</b></li><li>• <b>Letra maiúscula e minúscula.</b></li><li>• <b>Instruções; indicações</b></li><li>• <b>Vocabulário relativo ao texto: Autor</b></li><li>• <b>Assunto; ideia principal</b></li><li>• <b>Leitura em voz alta.</b></li><li>• <b>Palavra, frase, texto, imagem.</b></li><li>• <b>Planificação de textos.</b></li><li>• <b>Textualização.</b></li><li>• <b>Revisão</b></li><li>• <b>Flexão nominal, adjetival – número (singular, plural); género (masculino, feminino).</b></li><li>• <b>Frase, não-frase.</b></li><li>• <b>Vocabulário</b></li><li>• <b>Família de palavras</b></li></ul>



<b>Matemática</b>
<b>Conteúdos</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Noção de número natural</li><li>• Relações numéricas</li><li>• Sistema de numeração decimal</li><li>• Adição</li><li>• Multiplicação – tabuada do 2</li><li>• Sequências</li><li>• Posição e localização</li><li>• Pontos de referência e itinerários</li><li>• Plantas</li><li>• Leitura e interpretação de informação apresentada em tabelas e gráficos (barras)</li></ul> <p>Interpretação, compreensão de problemas.</p> <p>Estratégias de resolução de problemas.</p>
<b>Expressões</b>
<b>Conteúdos</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>- Desenho</li><li>- Pintura</li><li>- Recorte, colagem e dobragem.</li></ul>

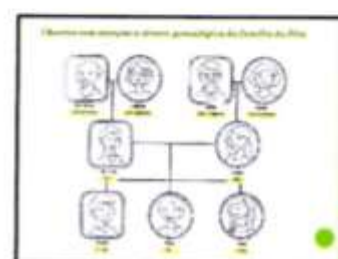
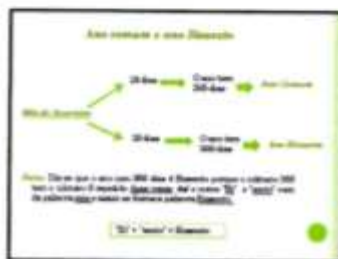
**ANEXO VIII -  
Materiais e tarefas**

<b>Roteiro dos percursos de ensino e aprendizagem Guião de aula</b>	
Terça-Feira 11/12/1012	<b>Responsáveis pela execução: Ana Rita Nunes, Cláudia Farinha e Liliana Costa</b>
<p><b>Tema integrador:</b> Avaliações</p> <p><b>Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade:</b></p>	<p><b>Recursos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Computador</li> <li>• Projetor</li> <li>• Fichas de avaliação de Estudo do Meio</li> <li>• Material das crianças</li> </ul>
<p><b>Elemento integrador:</b> ALFA, o boneco alfa relembra as crianças através de Power Point's a matéria aprendida.</p>	
<p><b>SUMÁRIO</b></p> <p><i>Revisões da matéria, resolução de uma ficha de avaliação de Estudo do Meio. - Estudo do Meio.</i></p> <p><i>Construção de uma capa com o rosto feito através da simetria e com o nome de cada criança. - Expressão Plástica.</i></p>	
<b>Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem</b>	
Designação da atividade	Procedimentos de execução
Atividade 1- <u>Sistematização em contexto didático.</u>	1.1. Visualização de um Power Point contendo as revisões da matéria em que as crianças mostram mais dificuldade.
Atividade 2 Ficha de Avaliação de Estudo do Meio	1.1 Resolução da ficha de avaliação de Estudo do Meio, individualmente.
Atividade 3 Construção de uma capa com o rosto e nome de cada criança para guardar as fichas de avaliação de cada	1.1 Recorte do molde da capa. 1.2 Recorte do molde da simetria do rosto e colagem do mesmo na

aluno.	capa 1.3 Desenho do rosto de cada aluno respeitando as simetrias. 1.4 Pintura do desenho do rosto. 1.5 Colagem do nome de cada aluno na capa e pintura do mesmo com uma só cor.
Quarta-feira-Feira 12/12/2012	<b>Responsáveis pela execução: Ana Rita Nunes, Cláudia Farinha e Liliana Costa</b>
<b>Tema integrador:</b> Avaliações  <b>Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade:</b>	<b>Recursos:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Computador</li> <li>• Projetor</li> <li>• Fichas de avaliação de Matemática</li> <li>• Material das crianças</li> </ul>
<b>Elemento integrador:</b> ALFA, o boneco alfa relembra as crianças através de Power Point's a matéria aprendida.	
<b>SUMÁRIO</b> <b>Revisões da matéria, resolução de uma ficha de avaliação de Matemática. - Matemática.</b>	
<b>Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem</b>	
<p style="text-align: center;">Designação da atividade</p> <p>Atividade 1- <u>Sistematização em contexto didático.</u>          Visualização de um Power Point          “O ALFA lembra-me...”</p> <p>Atividade 2          Ficha de Avaliação de Matemática.</p>	<p style="text-align: center;">Procedimentos de execução</p> <p>1.1 Visualização de um Power Point contendo as revisões da matéria em que as crianças mostram mais dificuldade.</p> <p>1.2. Resolução de exercícios propostos pelo alfa (elemento integrador), feitos no quadro e oralmente.</p> <p>1.1 Resolução da ficha de avaliação de Matemática, individualmente.</p>

<p>Quinta-Feira 13/12/2012</p>	<p><b>Responsáveis pela execução: Ana Rita Nunes, Cláudia Farinha e Lílíana Costa</b></p>	
<p><b>Tema integrador:</b> Avaliações</p> <p><b>Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade:</b></p>	<p><b>Recursos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Computador</i></li> <li>• <i>Projetor</i></li> <li>• <i>Fichas de avaliação de Língua Portuguesa</i></li> <li>• <i>Material das criança</i></li> </ul>	
<p><b>Elemento integrador:</b> ALFA, o boneco alfa relembra as crianças através de Power Point's a matéria aprendida.</p>		
<p><b>SUMÁRIO</b></p> <p><i>Revisões da matéria, resolução de uma ficha de avaliação de Língua Portuguesa. - Língua Portuguesa.</i></p>		
<p><b>Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem</b></p>		
<p style="text-align: center;">Designação da atividade</p> <p>Atividade 1- <u>Sistematização em contexto didático.</u> Visualização de um Power Point "O ALFA lembra-me..."</p> <p>Atividade 2 Ficha de Avaliação de Língua Portuguesa.</p>	<p style="text-align: center;">Procedimentos de execução</p> <p>1.1. Visualização de um Power Point contendo as revisões da matéria em que as crianças mostram mais dificuldade.</p> <p>1.3. Resolução de exercícios propostos pelo alfa (elemento integrador), feitos no quadro e oralmente.</p> <p>1.1 Resolução da ficha de avaliação de Língua Portuguesa, individualmente.</p>	

Power Point's utilizados nas revisões da matéria de Estudo do Meio:



- 
- Responde agora a estas perguntas...
- Como se chamam os avós maternos de Edo?
  - E os avós paternos?
  - Quantos irmãos tem o Edo? E como se chamam?
  - De quem é a mãe do Edo?
  - Existem mais avós maternos no pai de Edo?



**Ele e seu amigo desenharam cartões com as partes do corpo humano.**

Desenhe o nariz. 

Desenhe o coração. 

Desenhe o pulmão. 

Desenhe o ouvido. 

**Alegria...**

Desenhe o corpo humano com as partes do corpo humano.



Desenhe o corpo humano com as partes do corpo humano.

Desenhe o corpo humano com as partes do corpo humano.

Desenhe o corpo humano com as partes do corpo humano.

**Alegria...**

Desenhe o corpo humano com as partes do corpo humano.



**Alegria...**

Desenhe o corpo humano com as partes do corpo humano.



**Alegria...**

Desenhe o corpo humano com as partes do corpo humano.



**Prevenção de acidentes...**

Desenhe o corpo humano com as partes do corpo humano.



**Desenhe sempre regular no círculo de pontos. Não pule as linhas e não faça curvas.**

Desenhe sempre regular no círculo de pontos. Não pule as linhas e não faça curvas.



**Desenhe sempre regular no círculo de pontos. Não pule as linhas e não faça curvas.**

Desenhe sempre regular no círculo de pontos. Não pule as linhas e não faça curvas.


**Desenhe sempre regular no círculo de pontos. Não pule as linhas e não faça curvas.**

Desenhe sempre regular no círculo de pontos. Não pule as linhas e não faça curvas.

**Desenhe sempre regular no círculo de pontos. Não pule as linhas e não faça curvas.**



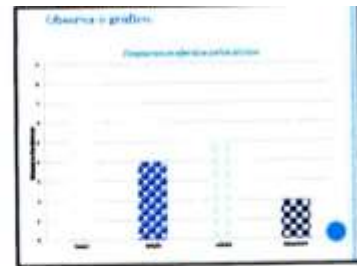
**Desenhe sempre regular no círculo de pontos. Não pule as linhas e não faça curvas.**



**Desenhe sempre regular no círculo de pontos. Não pule as linhas e não faça curvas.**



## Power point's de revisão de matemática:



Total

Atira de certeza a resposta a todas as perguntas.

Responde:

- Qual o desporto que se abusa preferem mais?
- E o que preferem menos?
- Quase não se desportam com apenas dois ou três abates?

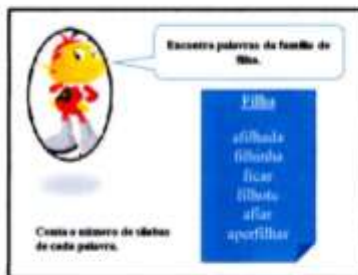
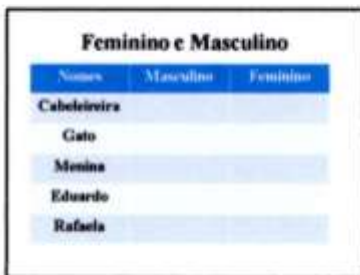
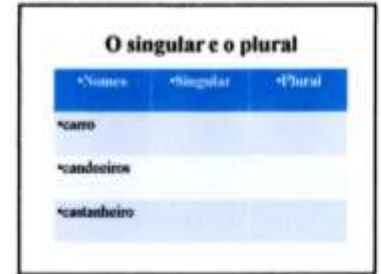
Calcula e responde:

- Quantos abates preferem futebol e voleibol?
- Quantos abates preferem natação e basquetebol?





## Power point's de revisão de Português:




**ANEXO IX -  
Conteúdos Prática Individual**

<b>Estudo do Meio</b>
<i>Conteúdos</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Instituições e serviços existentes na comunidade.</li> </ul>
<b>Língua Portuguesa</b>
<i>Conteúdos</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Vocabulário: Sinónimos, antónimos, famílias de palavras, campo semântico, campo lexical</b></li> <li>• <b>Vocabulário</b></li> <li>• <b>Intencionalidade comunicativa:</b> - convite. <b>Conteúdo novo</b></li> <li>• <b>Regras e papéis da interação oral.</b></li> <li>• <b>Estratégias de leitura</b></li> <li>• <b>Texto narrativo, título</b> <b>Introdução, desenvolvimento e conclusão</b></li> <li>• <b>Leitura em voz alta.</b></li> <li>• <b>Planificação de textos.</b></li> <li>• <b>Textualização.</b></li> <li>• <b>Revisão</b></li> <li>• <b>Sílaba, monossílabo, dissílabo, trissílabo, polissílabo</b> <b>Sílaba tónica e sílaba átona</b></li> <li>• <b>Morfologia Flexional.</b> <b>Conteúdo novo</b></li> <li>• <b>Nome – próprio, comum (coletivo)</b></li> <li>• <b>Acento gráfico: agudo, grave, circunflexo.</b></li> <li>• <b>Sinais de pontuação: ponto (final); ponto de interrogação, ponto de exclamação, vírgula.</b></li> </ul>

<b>Matemática</b>
<b>Conteúdos</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Multiplicação</b> (tabuada do 2, noção de dobro)</li><li>• <b>Adição</b></li><li>• <b>Sólidos geométricos</b></li><li>• <b>Propriedades e classificação.</b> <b>Conteúdo novo</b></li><li>• <b>Interior, exterior e fronteira.</b> <b>Conteúdo novo</b></li><li>• <b>Composição e decomposição de figuras.</b> <b>Conteúdo novo</b></li><li>• <b>Linhas retas e curvas.</b> <b>Conteúdo novo</b></li></ul>
<b>Expressões</b>
<b>Conteúdos</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Impressão.</b></li><li>• <b>Recorte, colagem e dobragem.</b></li></ul>

**ANEXO X -  
Materiais e Tarefas**

<b>Roteiro dos percursos de ensino e aprendizagem</b> <b>Guião de aula</b>	
Terça-Feira 22/1/2013	<b>Responsáveis pela execução: Liliana Costa</b>
<p><b>Tema integrador:</b> <i>A arte de pintar.</i></p> <p><b>Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade:</b> Impressão</p>	<p><b>Recursos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Disfarce de pintora</li> <li>• Guiões do aluno</li> <li>• Convite modelo</li> <li>• Material das crianças</li> <li>• Computador</li> <li>• Projetor</li> <li>• Jornais do Museu Manuel Cargaleiro</li> <li>• Quadrados de cartão</li> <li>• Figuras geométricas de cartão</li> <li>• Tintas guache</li> <li>• Papel de lustro colorido.</li> </ul>
<p><b>Elemento integrador:</b> A Pintora Júlia (professora estagiária disfarçada de pintora) e o seu saco mágico (saco que poderá conter elementos essenciais para o decorrer das aulas).</p> <p>Neste dia a pintora deixará o saco na sala para que durante a semana se possa procurar nele elementos para as atividades.</p> <div style="text-align: center;">  </div>	
<p><b>SUMÁRIO:</b></p> <p><i>Leitura de um convite modelo. - Português</i></p> <p><i>Exploração da vida e obras de Manuel Cargaleiro através do jornal referente ao Museu Manuel Cargaleiro. - Estudo do Meio</i></p> <p><i>Elaboração de um pequeno quadro de cartão, utilizando a técnica da impressão e colagem. –</i> <b>Expressão Plástica</b></p>	
<b>Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem</b>	

Designação da atividade	Procedimentos de execução
<p>Atividade 1</p> <p>Apresentação do elemento integrador “A pintora Júlia”</p>	<p><b><u>Antes da leitura:</u></b></p> <p><b>1.11. <u>Motivação inicial:</u></b> Introdução do elemento integrador, dramatização improvisada da pintora Júlia que fará a ligação de todos os conteúdos.</p> <p>1.12. Distribuição dos guiões do aluno.</p> <p>1.13. Descoberta de uma folha de papel, dentro do saco mágico, que tem escrito “Convite”.</p> <p>1.14. Apresentação do título “Convite” e antecipação do conteúdo do texto.</p> <p>1.15. Formulação de hipóteses do que pode conter a folha apresentada, através do título “Convite” e associando-o ao elemento integrador (Pintora).</p> <p>1.16. Registo das hipóteses no guião do aluno.</p>
<p>Atividade 2 - <u>Abordagem em contexto didático</u></p> <p>Leitura de um “Convite”</p>	<p><b><u>Durante a Leitura:</u></b></p> <p>1.4. Distribuição dos convites, pelos alunos.</p> <p>1.5. Leitura em voz alta, pela professora (modelo)</p> <p>1.2. Exploração do texto relativamente à informação essencial transmitida.</p> <p>1.3. Registo, ditado, dessa informação.</p> <p>1.4. Identificação das partes de um convite.</p> <p>1.5. Registo das etiquetas, presentes no convite.</p> <p>1.6. Leitura do convite modelo, em voz alta, pelas crianças.</p> <p><b><u>Depois da Leitura:</u></b></p> <p>1.7. Confronto oral das ideias iniciais relativas ao texto (registadas no guião) com a realidade.</p>
<p>Atividade 3 - <u>Abordagem em contexto didático</u></p> <p>Apresentação do Museu Manuel Cargaleiro.</p>	<p>1.3. Visualização do jornal do Museu Manuel Cargaleiro, explorando, essencialmente, as obras apresentadas nele.</p> <p>1.4. Diálogo sobre a vida do Pintor Manuel Cargaleiro e suas obras. Visualização de um Power Point.</p> <p>1.1. Descrição das obras de Manuel Cargaleiro apresentadas, através da dramatização, feita pelas</p>

<p>Atividade 4 Dramatização “Agora sou eu o pintor...”</p> <p>Atividade 5 Elaboração de um quadro de cartão.</p>	<p>crianças “Agora sou eu o pintor...”</p> <p>1.12. Distribuição dos alunos por 4 grupos.</p> <p>1.13. Distribuição, a cada aluno, de um quadrado de cartão, formas geométricas em cartão (círculo, triângulo e quadrado) e papel de lustro colorido.</p> <p>1.14. Distribuição de várias cores de tintas guache por cada grupo.</p> <p>1.15. Impressão (utilizando carimbos fornecidos pela professora com figuras geométricas) no quadro compondo um desenho como os de Manuel Cargaleiro.</p> <p>1.16. Colagem de papélinhos de papel de lustro, previamente cortados em forma de figuras geométricas, compondo um desenho como os de Manuel Cargaleiro.</p> <p>1.17. Composição de todos os quadros de cartão, formando apenas um que parecerá um quadro de azulejos.</p> <p><b>Trabalho de casa:</b> Escrever 4 frases que respondam à questão: “O que penso que vou ver no Museu Manuel Cargaleiro?”</p>
<p>Quarta-Feira 23/1/2013</p>	<p><b>Responsáveis pela execução:</b> <i>Liliana Costa</i></p>
<p><b>Tema integrador:</b> A arte de pintar</p> <p><b>Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade:</b> Polígonos, quadrilátero</p>	<p><b>Recursos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Guiões do aluno</li> <li>• Materiais das crianças</li> <li>• Tangram</li> <li>• Manuais de Matemática dos alunos</li> <li>• Computador</li> <li>• Projetor</li> </ul>
<p><b>Elemento integrador:</b> A pintora Júlia (aparece nos guiões do aluno para transmitir as atividades que serão realizadas ao longo do dia). O saco mágico estará na sala num local de destaque.</p>	
<p><b>SUMÁRIO:</b></p>	




*Descrição de figuras geométricas. Composição e decomposição de figuras geométricas com o apoio do Tangram. - Matemática*

*Planificação e textualização de um convite seguindo as orientações da professora. Leitura, exploração e compreensão do livro “Pablo, o Pintor”. - Português*

### Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem

Designação da atividade	Procedimentos de execução
<p>Atividade 1- <u>Abordagem em contexto didático</u></p> <p>Demonstração de figuras geométricas</p>	<p>1.1. Descoberta dos guiões do aluno dentro do saco mágico. Distribuição dos mesmos.</p> <p>1.2. Demonstração de obras de Manuel Cargaleiro que contêm figuras geométricas.</p> <p>1.3. Diálogo sobre essas figuras geométricas presentes nas obras apresentadas.</p> <p>1.4. Classificação/categorização das figuras geométricas: quadrado, paralelogramo, retângulo, triângulo e círculo.</p> <p>1.5. Descrição de figuras geométricas quanto ao número de lados que contêm, linhas (curvas ou retas) ...</p> <p>1.6. Apresentação do Tangram.</p> <p>1.7. Exploração livre das peças do tangram.</p> <p>1.8. Composição e decomposição de figuras geométricas, sugeridas pela professora, utilizando as peças do Tangram.</p> <p>1.9. Registo dos resultados, numa folha de papel branca.</p> <p>2. Realização de exercícios do manual de Matemática. Pag.91, exerc.5 e 6.</p> <p>2.1. Correção, oral em grupo.</p>
<p>Atividade 3</p> <p>Leitura do livro “Pablo, o Pintor”</p>	<p><b><u>Antes da leitura:</u></b></p> <p>1.1. Ativação de conhecimentos prévios sobre o tema “A arte de pintar” através do elemento integrador.</p> <p>1.2. Antecipação do conteúdo do texto através do elemento integrador e da capa do livro sem visualização do título.</p> <p>1.3. Explicitação do objetivo da leitura do texto.</p> <p><b><u>Durante a leitura:</u></b></p>

 <p>Atividade 3 Exploração gramatical.</p> <p>Atividade 2 - <u>Sistematização em contexto didático</u> Textualização de um convite.</p>	<p>1.4. Leitura em voz alta, feita pela professora.</p> <p>1.5. Identificação das palavras desconhecidas presentes no texto: cascos, abstrata, bloqueio, convicto, rasteiro, sombrio, resplandecente, estacou, bocejou...</p> <p>1.6. Compreensão do texto através do preenchimento, individual, de um mapeamento da história.</p> <p>1.7. Correção oral, em grupo, do mapeamento.</p> <p>1.8. Leitura de um excerto da história, em voz alta, feita pelas crianças.</p> <p><b><u>Depois da leitura:</u></b></p> <p>1.9. Confronto oral, das ideias iniciais que as crianças tinham antes de conhecerem a história com o texto da mesma.</p> <p>2. Reconto da história, feito pelos alunos, partindo das imagens do livro projetadas em Power Point.</p> <p>1.1. Exploração gramatical com base no texto “Pablo, o Pintor”, oralmente e no quadro, revendo conteúdos como: Sílabas, famílias de palavras, sinónimos e antónimos, nomes...</p> <p><b><u>Planificação:</u></b></p> <p>1.3. Planificação de um convite, tendo como base as partes que o formam.</p> <p><b><u>Textualização:</u></b></p> <p>1.4. Textualização de um convite tendo como apoio a planificação realizada, anteriormente (rascunho).</p> <p><b>Trabalho de casa:</b> Manual Matemática pag.89</p>
<p>Quinta-Feira 24/1/2013</p>	<p><b>Responsáveis pela execução: Liliana Costa</b></p>

<p><b>Tema integrador:</b> A arte de pintar</p> <p><b>Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade:</b> Fronteira, sólidos</p>	<p><b>Recursos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Sólidos geométricos</i></li> <li>• <i>Geoplanos</i></li> <li>• <i>Papel ponteadado</i></li> <li>• <i>Guiões do aluno</i></li> <li>• <i>Material das crianças</i></li> </ul>
<p><b>Elemento integrador:</b> A pintora Júlia (presente nos guiões) e o seu saco mágico (em destaque na sala).</p>	
<p><b>SUMÁRIO:</b></p> <p><i>Reconhecimento de sólidos geométricos, linhas curvas e retas. Identificação do interior, exterior e fronteira de uma figura utilizando o geoplano e registando as figuras no papel ponteadado. Resolução de problemas recorrendo à multiplicação e aplicação do dobro. – Matemática</i></p> <p><i>Exercícios de Morfologia Flexional. Revisão dos convites elaborados no dia anterior. – Português</i></p> <p><i>Visita de Estudo ao Museu Manuel Cargaleiro. – Estudo do Meio.</i></p>	
<p><b>Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem</b></p>	
<p style="text-align: center;">Designação da atividade</p> <p>Atividade 1</p> <p>Correção dos trabalhos de casa.</p> <p>Atividade 2 - <u>Abordagem em contexto didático</u></p> <p>Reconhecimento de Sólidos geométricos.</p>	<p style="text-align: center;">Procedimentos de execução</p> <p>1.1. Correção dos trabalhos de casa, oralmente e no quadro, em grande grupo.</p> <p>1.2. Distribuição dos guiões do aluno.</p> <p>1.5. Apresentação de sólidos geométricos.</p> <p>1.6. Diálogo sobre as características dos mesmos.</p> <p>1.7. Identificação de linhas retas e linhas curvas.</p> <p>1.8. Desenho de figuras geométricas no quadro com o apoio dos sólidos.</p> <p>1.9. Registo dessas figuras no caderno, legendando-as.</p> <p>1.10. Construção de figuras geométricas no geoplano.</p> <p>1.11. Registo dessas figuras no papel ponteadado.</p> <p>1.12. Identificação do interior, exterior e fronteira de</p>

<p>Atividade 3 – <u>Ampliação/reforço em contexto didático</u></p> <p>Resolução de uma situação problemática.</p> <p>Atividade 4 – <u>Sistematização em contexto didático</u></p> <p>Revisão dos convites.</p> <p>Atividade 5 – <u>Abordagem em contexto didático</u></p> <p>Exercícios de Morfologia flexional</p>          <p>Atividade 4- <u>Sistematização em contexto</u></p>	<p>uma figura.</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1.1. Explicação do dobro recorrendo à junção de peças do Tangram.</li><li>1.2. Resolução de uma situação problemática proposta no guião do aluno recorrendo à multiplicação e ao dobro.</li><li>1.3. Correção, em grande grupo, no quadro.</li></ol> <p><b><u>Revisão do texto construído:</u></b></p> <ol style="list-style-type: none"><li>1.1. Revisão (de erros ortográficos, acentos, pontuação, parágrafos...) individual com o apoio das professoras.</li><li>1.2. Leitura individual, em voz alta, dos convites escritos pelas crianças.</li><li>1.3. Avaliação do conteúdo e partes essenciais dos convites, por parte dos colegas.</li><li>1.4. Escrita do Convite, corrigido, no caderno.</li></ol> <ol style="list-style-type: none"><li>1.14. Descoberta de palavras, que se encontram baralhadas no quadro.</li><li>1.15. Correspondência dessas palavras ao seu plural e ao seu feminino.</li><li>1.16. Tomada de consciência dos resultados obtidos: “O que se acrescentou em cada palavra?”</li><li>1.17. Divisão das palavras por grupos chegando à conclusão que um grupo pertence à regra e o outro às exceções.</li><li>1.18. Análise das exceções. Palavras que no feminino mudam a terminação (ator/atriz), palavras que no feminino mantêm a mesma forma (estudante). No plural: Palavras que terminam em vogal, palavras que terminam em consoante, terminadas em ão, terminam em al, el, il, ol, ul e palavras que terminam em m.</li></ol>
--	--

<p><u>didático</u></p> <p>Visionamento de um Power Point</p>      <p>Atividade 5</p> <p>Visita de estudo ao Museu de Manuel Cargaleiro.</p>	<p>1.1. Diálogo sobre o local onde os pintores expõem as suas obras.</p> <p>1.2. Identificação das instituições que se encontram perto da escola e suas funções na sociedade.</p> <p>1.3. Visualização de um Power Point sobre as instituições e serviços presentes na sociedade.</p>  <p>1.1. Preparação para a saída, relembrando regras de comportamento a ter no caminho e nos espaços públicos.</p> <p>1.2. Visita guiada ao Museu (novas instalações), visualização das obras de Manuel Cargaleiro.</p> <p>1.3. Participação num atelier de pintura de azulejos, realizada nas instalações do Museu.</p> <p>1.4. Regresso à escola.</p>
---	---

Guiões de aluno distribuídos diariamente:

*Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva*  
*Escola EB1 da Mina*

**Guião do aluno**

Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Bom dia amigos,  
Parece-me que dentro do saco mágico está qualquer coisa. O que será?  
Toma atenção!



Escreve o que pensas que poderá estar escrito neste convite.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



Segue com atenção a leitura do convite, que a tua professora vos vai ler, de seguida terás que falar sobre ele.

Qual foi a informação mais importante que ouviste no convite?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Escreve quais são as partes mais importantes de um convite.

Neste momento estão preparados para ler o convite. Segue as orientações da tua professora. Ao leres toma atenção ao ritmo e tom de voz com que o vais fazer.



Como vão visitar o Museu Manuel Cargaleiro, resolvi falar-vos um pouco sobre a vida do artista Manuel Cargaleiro. Irei também mostrar-vos algumas das suas obras de arte.

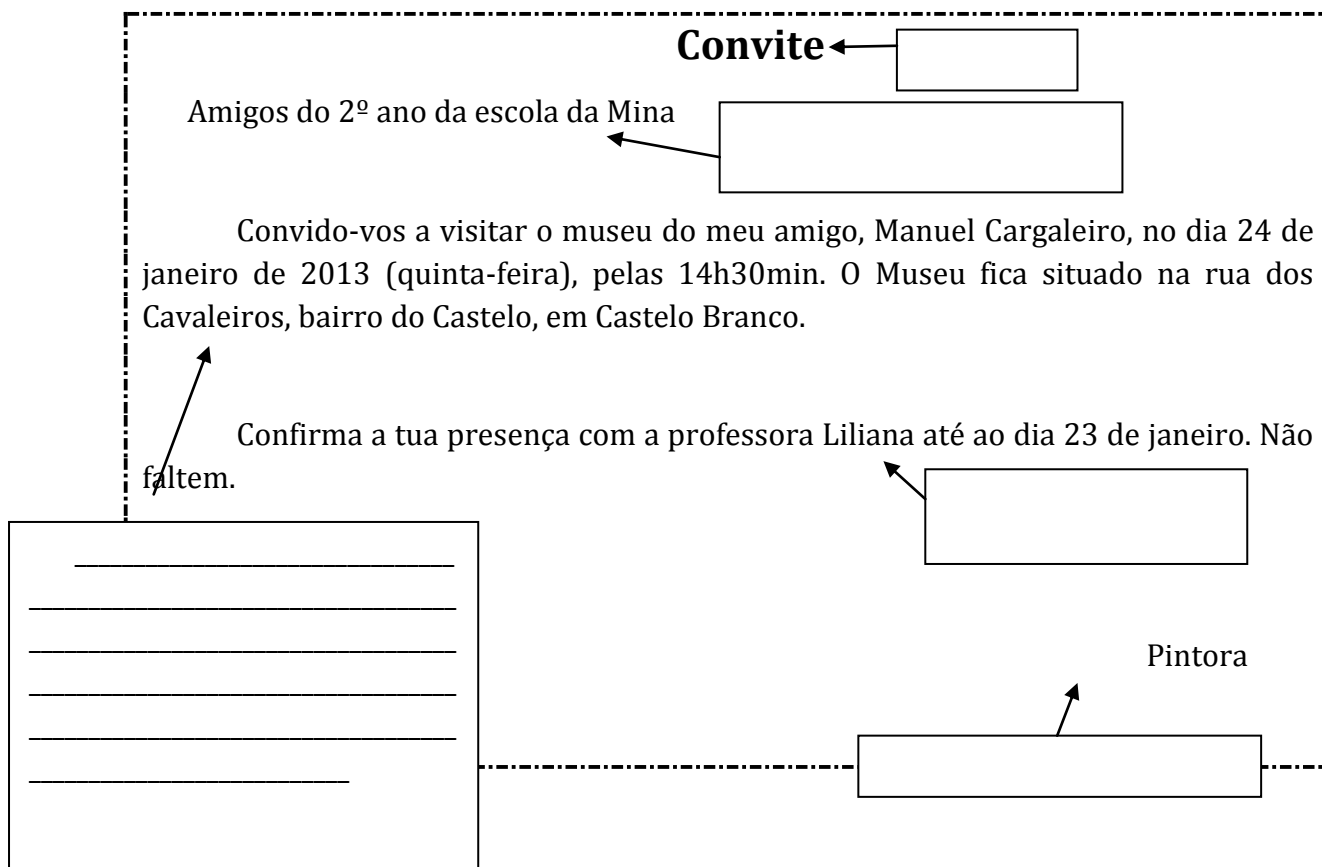
Agora vais ser tu o pintor!

Quando for a tua vez, pega no pincel mágico, que te transforma num pintor e fala sobre o quadro apresentado. Não te esqueças de referir as cores utilizadas, as figuras geométricas e o que te faz lembrar o quadro.

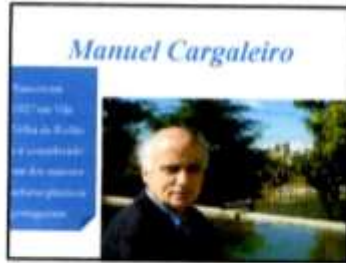


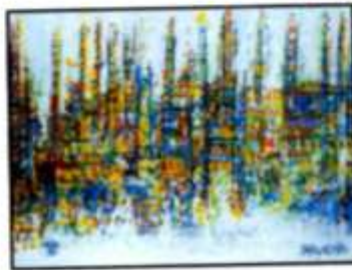
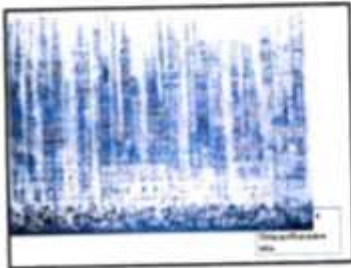
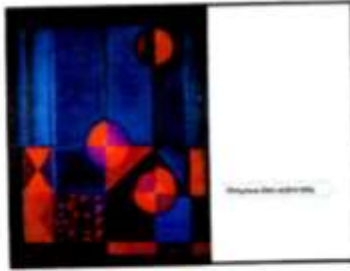
Já que te transformaste num pintor, pinta no quadrado de cartão, que te vai ser entregue, um quadro como os de Manuel Cargaleiro. Para isso segue com muita atenção as instruções da tua professora.





## Power Point sobre a vida de Manuel Cargaleiro:





*Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva*  
*Escola EB1 da Mina*

**Guião do aluno**

Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Como te deves lembrar, algumas das obras de Manuel Cargaleiro, contêm figuras geométricas. Observa a obra que se segue e comenta com os teus colegas as figuras que aí se encontram representadas. Não te esqueças de pedir a palavra e esperar pela tua vez.





Existe um jogo chinês que também contém figuras geométricas. Chama-se TANGRAM.

Destaca as peças e com elas tenta fazer figuras.

Constrói um:

- quadrado com dois triângulos;
- retângulo com 2 triângulos e um quadrado;
- paralelogramo com dois triângulos

Desenha essas figuras numa folha que te vão entregar.



Abre o teu manual de Matemática na página 91  
e resolve os exercícios número 5 e 6.



O que é para ti “A arte de Pintar?”  
A tua professora vai ler-te uma história  
muito gira. Ouve-a com atenção.



Preenche o esquema da história para que nunca mais te esqueças dela.  
Lê a parte da história que te será entregue.



Através das imagens do livro vais recontar a história. Não te esqueças de nenhum pormenor!



Preenche o esquema da história.

Personagem principal:

Onde aconteceu?

Qual é o objetivo da história?

Qual é o problema?

Que acontecimentos são importantes na história? Lê as frases que se encontram, em baixo, e coloca a letra correspondente.

1 -

2 -

3 -

4 -

5 -

Que solução encontrou?

A – Na exposição, o quadro de Pablo foi um sucesso. Pablo foi o mais aplaudido de todos os pintores.

B – Pablo viajou até ao campo para pintar. Depois do almoço adormeceu.

C – Os membros do Clube de Arte da Avenida dos Cascos planearam organizar uma exposição. Pablo queria participar, mas não sabia o que desenhar.

D – Sonhou que seis animais o ajudavam a pintar o quadro.

E – Quando acordou, pintou o quadro como tinha sonhado.



Data: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

### **Pablo, o Pintor**

Os membros do Clube de Arte da Avenida dos Cascos estavam muito entusiasmados.

Ia ser organizada uma exposição dos seus trabalhos e todos estavam ocupadíssimos a pintar. Todos, menos Pablo. Sempre sonhara ter um quadro seu numa exposição; agora, que podia realizar esse sonho, ali estava ele, de braços cruzados, a olhar para a tela, sem saber o que fazer.

Já tinha pintado flores dentro de um vaso, o retrato do seu amigo, e até uma pintura abstrata.

Mas, nada lhe parecia perfeito!

- Parece que estou a sofrer de bloqueio artístico! – disse Pablo, lamentando-se.

- Por que não vais até lá fora e pintas uma paisagem ou qualquer outra coisa, para variar – sugeriu a jovem Hipo, enquanto tomavam chá.

- Boa ideia! – acrescentou Leonardo Leão, de imediato. – Na minha opinião, uma boa paisagem é a melhor coisa a pintar, depois dos auto-retratos, claro.

Leonardo era muito bom em auto-retratos.

- Talvez tenham razão – disse Pablo. – Vou tentar. (...)

Excerto retirado da história Pablo, o Pintor.

De Jatoshi Kitamura

Ana Paula Faria- Editora 2005

*Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva*  
*Escola EB1 da Mina*

**Guião do aluno**

Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Já conheces alguns sólidos geométricos?  
Hoje, vais aprender as suas características.



Que giro!

Se contornarmos as bases e as faces dos sólidos, aparecem  
figuras geométricas.

Desenha-as no teu caderno e legenda-as.



Também podes construir figuras geométricas, no geoplano,  
utilizando elásticos.

Desenha algumas, seguindo as orientações da tua professora e  
registas-as numa folha de papel pontado.

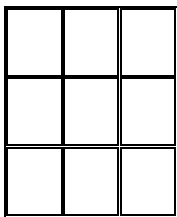


Alguém me consegue explicar o que é o dobro?

Eu tenho uma peça em forma de triângulo. Com o dobro das peças consigo construir um quadrado. Explica esta ideia, esperando a tua

Resolve:

O Sr<sup>o</sup> Manuel Cargaleiro tem um painel de azulejos com 9 azulejos quadrados como no exemplo. Para o expor no Museu, ampliou-o duas vezes. De quantos azulejos precisou?



Depois de refletir, Manuel Cargaleiro decidiu construir outro painel de azulejos que tivesse o dobro dos azulejos do quadro anterior. Quantos azulejos utilizou?

Será que o Convite que escreveste, está correto?

Lê-o em voz alta para os teus colegas, eles irão dar a sua opinião e ajudar-te a corrigi-lo.

Escreve-o corretamente no teu caderno.



Tantas palavras no quadro!

Faz correspondê-las ao seu plural.  
Encontras diferenças ou semelhanças entre elas?

Copia o quadro de palavras para o teu caderno e regista as conclusões.

E como se dizem no feminino? Faz o mesmo exercício para essas palavras.



Sabes dizer-me onde é que os pintores expõem as suas obras?  
Ajuda-me a descobrir para que servem algumas instituições presentes na comunidade, como por exemplo, a PSP.



Chegou a hora de irmos visitar o Museu Manuel Cargaleiro. Lá poderás ver os seus quadros reais e terás atividades interessantes à tua espera. Não te esqueças de cumprir as regras de comportamento.

Pelo caminho irás encontrar algumas instituições de que falamos. Diverte-te, com juízo!

## Power point's Estudo do Meio:



**ANEXO XI -  
Frases fornecidas para copiar**

## O retrato “em escadinha”

A Adelina foi a primeira a colocar-se para tirar o retrato.

A seguir veio a Amélia que se colocou atrás da Adelina.

A Maria Alberta deu-lhes um encontrão.

As duas irmãs desequilibraram-se e rebolaram para cima das dalias.

O pai delas disse-lhes para estarem quietas e para endireitarem os ombros.

A Maria Alberta olhou para a parede e viu muitos bichinhos.

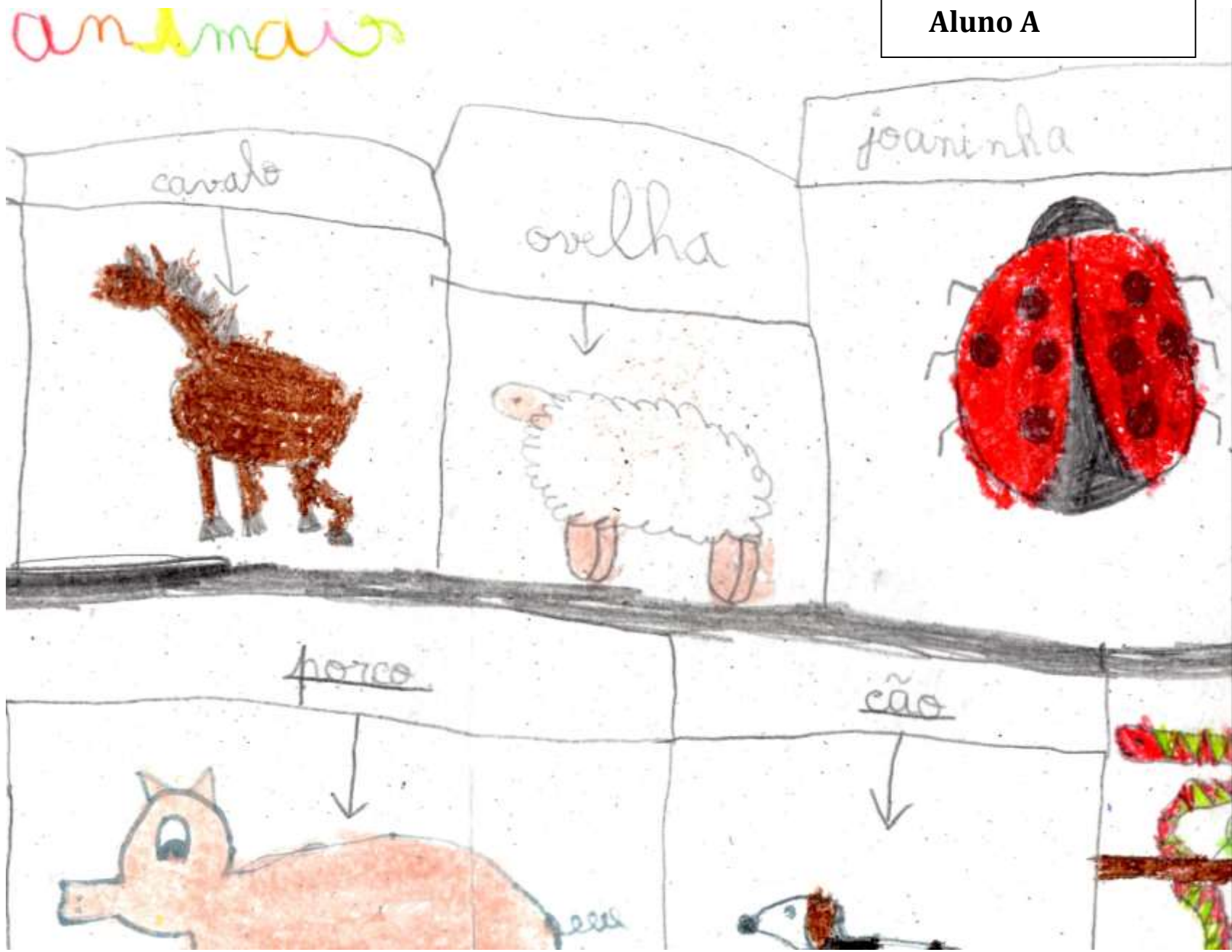
O pai gritou à Maria Alberta e ela colocou-se atrás da Amélia.



**ANEXO XII -**

**Trabalhos recolhidos do 1º ano de escolaridade:**

Aluno A





**Aluno B**





**Aluno D**

**ANEXO XIII -  
Trabalhos recolhidos do final jardim-de-Infância**



Aluno A

**Aluno B**





**Aluno C**

zzzzon





**Aluno D**

**ANEXO XIV -  
Tarefa de desenho livre**



Aluno A



Aluno B



Aluno C

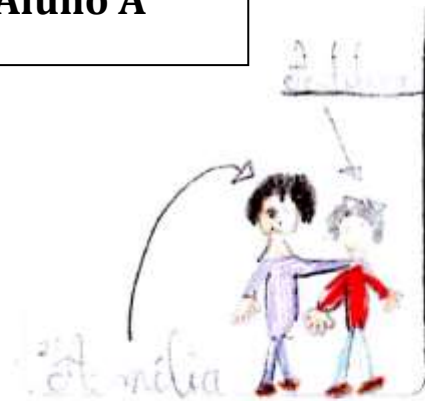
**Aluno D**



**ANEXO XV -  
Tarefa de desenho orientado**

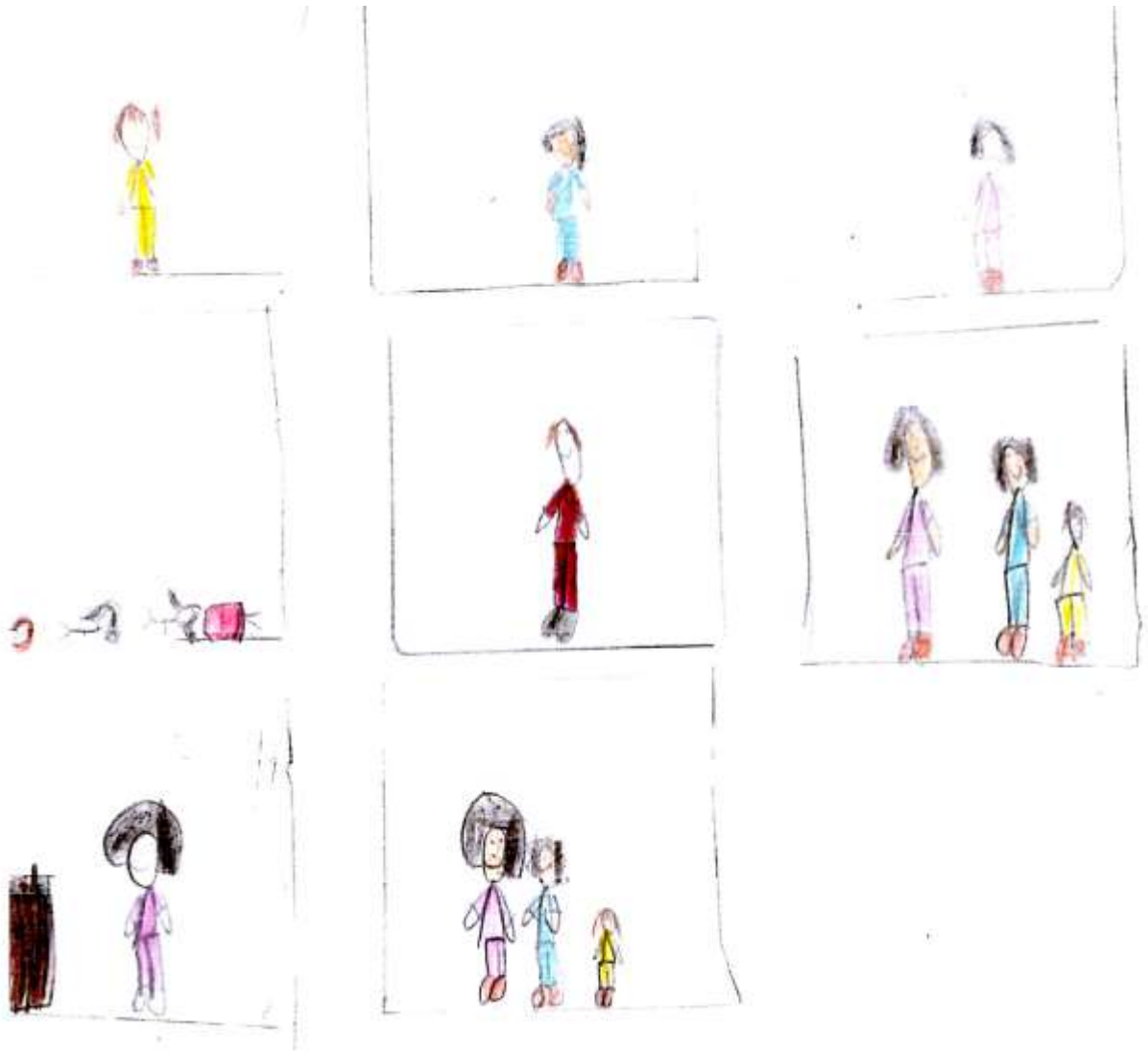


**Aluno A**

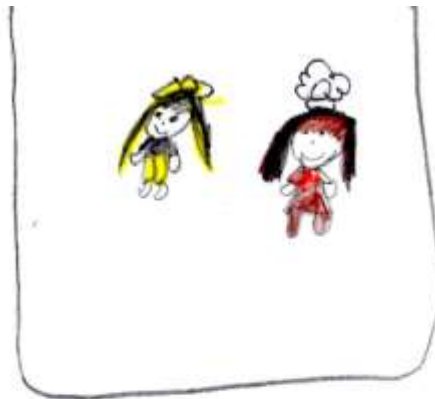
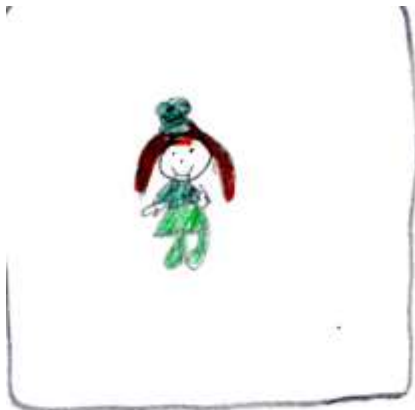




**Aluno B**



**Aluno C**



**Aluno D**

**ANEXO XVI -  
Tarefa de escrita livre**

## O amor

O amor não se entende,  
É nos sonhos que são para realizar,  
Ele o pintor não tiver presentes,  
Linha fica por pintar.

Está sinceramente,  
O amor é para ficar,  
Está citada da minha mente,  
Ainda tem muito que amar.

O amor só tem um dente,  
Mas sabe assobiar,  
Ele está sempre contente,  
Quando se põe a criar.

O amor nunca fica doente,  
Nem nos dias de muito ar,  
O meu amor não se sente,  
Mas ficou se sentir quando casar.

Aluno A

## O Carnaval Fantástico

Saio de casa fecho a porta olho para as estrelas sinto-me só. No dia seguinte já é carnaval vale fazer alguma coisa. Vamos lá meger. Saio de casa fecho a porta olho para as estrelas sinto-me só. No dia seguinte já é carnaval vale fazer alguma coisa.

Há muitos fatos como por exemplo princesas, palhaços ... e muitos mais.

Vamos por a professora a rir dos nossos fatos.

Hoje é um dia cheio de alegria, vamos, vamos. Saio de casa fecho a porta olho para as estrelas sinto-me só. No dia seguinte já é carnaval vale fazer alguma coisa.

Feliz Carnaval!

Aluno B

Professora Liliama  
Eu gosto muito da professora Liliama por-  
que é bonita e simpática.  
A professora explica bem a matéria.

Aluno C

O menino que estirava

Foi uma vez um menino que estirava a sua mãe  
sempre. Ela dizia não antes de tudo e ele não ouvia  
e a mãe (diz) dizia mais outra vez e ele dizia a mãe  
eu gosto. passou um bocado dele vez A T C H M.

Aluno D



**ANEXO XVII -  
Tarefa de cópia**

Cartela Branco, 27 de novembro de 2012

Retrato "em esquadra"

A Adelina foi a primeira a colocar-se para tirar o retrato.

A seguir veio a Amélia que se colocou atrás da Adelina.

A Maria Alberta deu-lhes um encontros.

As duas irmãs desequilibraram-se e rebolaram para cima das dâlias.

O pai delas disse-lhes para estarem quietas e para endiretarem os ombros.

A ~~Adelina~~ Maria Alberta olhou para a parede e viu muitos bichinhos.

O pai gritou à Maria Alberta e ela colocou-se atrás da Amélia.

Aluno A

## O retrato "em escadinha"

A Adelina foi a primeira a colocar-se para tirar o retrato.

A seguir veio a família que se colocou atrás da Adelina.

A Maria Alberta deu-lhes um encontro.

As duas irmãs desequilibraram-se e rolaram para cima das dalias.

O pai delas disse-lhes para estarem quietas e para endireitarem os ombros.

A Maria Alberta olhou para a parede e viu muitos bichinhos.

O pai gritou à Maria Alberta e ela colocou-se atrás da Amélia.

Aluno B

O retrato = um esquadinha

A ~~fo~~ Adalina foi a primeira a colocá-  
 -se ~~fo~~ para tirar o retrato.

Depois veio a Camélia que se colocou  
 atrás da Adalina.

A Maria Albertor deu-lhes um encoi-  
 trão.

As duas mãos deslucubraram-se e  
 rebolaram para cima das dalias.

O pai delas disse-lhes para estarem qui-  
 etas e para endireitarem os ombros.

A Maria ~~Alb~~ ~~Alb~~ Albertor ~~ela~~ ~~ela~~  
 ou para a parede e viu muitos brichinhos.

O ~~pa~~ pai gritou à Maria Albertor e  
 ela colocou-se atrás da Camélia.

Aluno C

## O retrato "em escadinha"

A Adelina foi a primavera a colocar-se para tirar o retrato.

A seguir veio a Amélia que se colocou atrás da Adelina.

A Maria Alberta deu-lhes um encastrão.

As duas irmãs desequilibraram-se e rebolaram para cima das dalias.

O pai delas disse-lhes para estarem quietas e para endireitarem os ombros.

A Maria Alberta olhou para a parede e viu muitos bichinhos.

O pai gritou à Maria Alberta e ela colocou-se atrás da Amélia.

Aluno D

**ANEXO XVIII -  
Protocolo - Pedido de autorização para entrevista**

*Protocolo - Pedido de autorização*

Castelo Branco, 1 de fevereiro de 2013  
Exmo. Encarregado de Educação  
do aluno Miguel Gama

Assunto: Colaboração para a realização de uma entrevista

Eu, Liliana Costa, aluna do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Castelo Branco pretendo realizar uma entrevista de forma a enriquecer o trabalho de projeto, que estou a desenvolver, intitulado “A importância do desenho na aprendizagem da escrita”. É meu objetivo analisar a opinião e concepções que as crianças possuem sobre o desenho e a escrita.

Por conseguinte venho por este meio solicitar a sua colaboração autorizando o seu educando a responder a esta entrevista. Mais se informa que garanto o anonimato do Estabelecimento Educativo e da entrevista do seu educando.

Para algum esclarecimento complementar, junto envio, o contato eletrónico: [lilianacosta.1983@gmail.com](mailto:lilianacosta.1983@gmail.com).

Aguardando uma resposta, subscrevo com os melhores cumprimentos.

.....  
(Liliana Costa)

.....  
(Encarregado de Educação)

*Entrevista para a tese**Fichas técnicas*

Entrevista	1
Entrevistado	Aluno ...
Entrevistador	Aluna
Local	Escola EB1 da Mina, Sala de aula
Data/hora	5 de fevereiro/ 10h 30min.
Duração	10 min.
Suportes de registo	Escrita

*Entrevista aos alunos de 1º ciclo do Ensino Básico*

- 1 - Frequentaste o jardim-de-infância? Desde que idade?
- 2 - Gostas de desenhar? Porquê?
- 3 - Costumas desenhar em casa, nos tempos livres? O que desenhas?
- 4 - Preferes desenhar livremente ou cumprindo orientações que te são dadas?
- 5 - Em casa, tens acesso a livros?
- 6 - O que mais gostas nos livros?
- 7 - Sentiste dificuldades em começar a desenhar letras? Porquê?
- 8 - Gostas de escrever? Porquê?
- 9 - Costumas escrever em casa sem te ser pedido? O que escreves?
- 10 - Gostas mais de escrever livremente ou de escrever frases seguindo um tema que te é sugerido?



*Protocolo - Pedido de autorização*

Castelo Branco, 10 de maio de 2012

Exma. Sra. Professora do 2º ano  
da Escola EB1 da Mina

Assunto: Colaboração para a realização de uma entrevista

Eu, Liliana Costa, aluna do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Castelo Branco pretendo realizar uma entrevista de forma a enriquecer o trabalho de projeto, que estou a desenvolver, intitulado “A importância do desenho na aprendizagem da escrita”. É meu objetivo analisar a opinião da professora sobre a importância do grau de desenvolvimento no desenho, que a criança possui, para o melhor desenvolvimento do desenho das letras.

Por conseguinte venho por este meio solicitar a sua colaboração neste processo. Mais se informa que garanto o anonimato do Estabelecimento Educativo e da sua entrevista e com o compromisso de me validar a informação transcrita e, logo que a análise esteja concluída, a informar acerca dos resultados obtidos.

Para algum esclarecimento complementar, junto envio, o contato eletrónico: [lilianacosta.1983@gmail.com](mailto:lilianacosta.1983@gmail.com).

Aguardando uma resposta, subscrevo com os melhores cumprimentos.

.....

*Entrevista para a tese**Fichas técnicas*

Entrevista	1
Entrevistado	Professora A
Entrevistador	Aluna
Local	Escola EB1 da Mina, Sala de aula
Data/hora	
Duração	
Suportes de registo	Gravador

*Entrevista à Professora de 1º ciclo do Ensino Básico*

1 - Considera que uma criança que frequentou o jardim-de-infância tem um maior grau de desenvolvimento relativamente ao desenho? Porquê?

2 - As crianças que frequentaram o jardim-de-infância sentem uma maior motivação para desenhar?

3 - Relativamente ao desenho, as crianças que sentem motivação para desenhar têm mais facilidade em começar a desenhar letras?

4 - Considera que uma criança que se encontre num nível mais avançado na representação do desenho terá mais facilidade em desenhar letras e escrever palavras?

5 - Na sua opinião existe uma relação entre a motivação para o desenho e o bom desempenho na escrita? Porquê?

6 - Como caracteriza a sua turma relativamente ao nível de desenvolvimento do desenho?

7 - Como caracteriza a sua turma relativamente ao nível de representação gráfica e desenho das letras?

8 - Na sua opinião, as crianças sentem maior motivação no desenho livre ou no desenho orientado?

9 - Na sua opinião, as crianças sentem maior motivação na escrita livre ou orientada?

10 - Na sua opinião, considera essencial que a criança se sinta bastante envolvida na atividade para que demonstre um grau de perfeição maior ao desenhar letras ou escrever palavras?

**ANEXO XIX -  
Comprovativo de validação da entrevista**

DOCUMENTO COMPROVATIVO DE VALIDAÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA  
DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

*Declaração*

Eu, .....,  
declaro que valido a entrevista que me foi realizada pela aluna Liliana Patrícia Serra Mendes da Costa, para a elaboração da sua análise, no âmbito do trabalho de projeto intitulado “A importância do desenho na aprendizagem da escrita”, inserido no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Declaro ainda que autorizo a divulgação dos resultados globais obtidos, sendo preservado o nome (ou a identidade) dos envolvidos.

A Professora do 1º ciclo do Ensino Básico

.....